Vol. 1

Série Filhos do Pecado

# Cidade dos Nefilins

Catherine Parthenie

*Porque os demônios são chamados de santos quando comparados aos humanos...*

# O novo mundo

Eu nasci quando o mundo enfrentava a maior guerra de todos os tempos. Essa guerra foi causada por motivos religiosos, levando ao ecumenismo cristão, levantando um novo governo.

Por volta do meu décimo sétimo aniversário, essa guerra assentou-se e o novo clero dominou o poder mundial, trazendo a falsa paz entre os homens. Esse clero pregava suas crenças com rigor, e todos obedeciam. Entretanto, alguns mantinham vida dupla, praticando seus antigos rituais e a nova ordem. Quando descobertos, eram levados a um julgamento simbólico, pois já estavam praticamente condenados, e passavam por uma morte torturosa como sinal de purificação da alma. Era a nova inquisição em meio ao mundo tecnológico.

E eu guardava meus segredos, assim como muitos...

# AMOR DAS ESPÉCIES

Anjos amaram humanas
Demônios alcançam suas súcubos
Humanos que buscam anjos
Anjos que amam demônios
Súcubos a procura de homens
Mulheres apaixonadas por anjos
Humanos que fazem promessas aos demônios
Demônios caçando seus anjos
E os híbridos... proibidos de amarem
Beijos escondidos
Fugas distantes
Sonhos proibidos
Sentimentos hesitantes.
Devem amar?
São incapazes de tal sentimento
Seres que nunca foram planejados
Que aos seus pais trouxeram tormento
Anjos amaram as humanas
Os demônios amam o poder
Os humanos amam amar
E um híbrido ama destinado a sofrer..

# Capítulo 1 – Fugir

Perdida.

Acabada.

Destruída.

Eu era uma rainha, eu fiz uma promessa e fui vítima de meus próprios erros.

Não nasci de um deus nem de um demônio. Sou filha de um anjo caído, preso nesse mundo entre o céu e o inferno.

Estou sem esperanças, sendo perseguida por destruir vidas, tirando seu sangue e provocando dor. Muita dor!

Tentei fazer tudo certo. Não foi bem o que aconteceu. Me desviei em algum lugar no meio dos sonhos. Mas um dia, de algum jeito, vou consertar meus erros. No momento eu preciso fugir, alcançar o lugar que será meu refúgio, a Cidade dos Nefilins.

Não falta muito, porém estou tão destruída que cada passo que dou parece sem direção, um esforço inútil.

Cheguei num ponto em que já não sei se acredito mais em tudo o que meu pai disse. Tudo o que me aconteceu provocou essa dúvida. Mas eu estava lá, eu vi suas asas... Preciso continuar, pela minha mãe, eu tenho que seguir. Ela morreu para que eu pudesse nascer. Sim, eu vou continuar, pela memória dela, eu darei um sentido para a minha existência.

Falta pouco para o sol nascer e eu já avisto os portões da cidade. Meu pai não mentiu, ela existe! Então tudo pode mudar, tudo pode ser diferente.

-Alto, Lienne! Pare onde está.

Me viro para encará-lo.

-Pode dizer o que foi que eu fiz agora?

-Eu disse que não seria fácil – ele respondeu abrindo suas grandes asas negras.

-Mas eu cheguei.

-Não é disso que estou falando.

O ignorei e dei um passo na direção do imenso portão. Rapidamente, ele se colocou diante de mim, impedindo minha passagem. Parei. Não ousaria enfrentá-lo numa luta, eu estava fraca e ele sempre foi muito maior em poder.

-O sol já vai nascer, pai. Eu vou morrer, deixe-me passar.

-Morrerás de qualquer jeito – meu pai respondeu de maneira casual.

-Então por que me mandaste pra cá?

-Me diga, Lienne, por que desejas entrar na cidade dos Nefilins? Para fugir de tudo? Para salvar sua vida daqueles que te perseguem?

-Para salvar minha vida... de certa forma – a expressão no rosto de meu pai mostrava que ele não gostara da minha resposta. Precisei consertar. – Pai, eu sinto falta da vida, das cores do mundo, da luz do dia. Nem sei como cheguei nessa situação, não sei por que tenho que viver longe do sol. Cansei da escuridão. Eu passei por cima de tudo e mesmo

assim eu fui derrotada. Chega de noites em minha vida!

Ele sorriu. Eu o convenci.

-Não será fácil lá dentro – ele disse apontando para a cidade. – Entretanto, aprenderás a lutar, ganharás forças, poder. Serás como eu quando sair... se conseguir sair.

-Mas eu vou ficar bem, não vou?

-Você é forte. Só que eles são muito mais. Seus instrutores não facilitarão, mesmo que tenha que levar sua coragem até as últimas consequências. E quando parecer que é o seu fim, não ouse desistir de lutar, ou morrerás.

-Vem me visitar de vez em quando?

-No momento de encarar a tempestade, quando suas esperanças acabarem, é quando estarei aqui.

Isso me assustou. E muito! Mas a luta que eu tinha do lado de fora daqueles portões eram maiores. Ou assim eu pensava.

-Eles te esperam, Lienne.

Sim, eles me esperavam. Meu pai já os tinha avisado e eu sentia o chamado. Dei mais dois passos em direção a cidade dos nefilins.

-Pare, Lienne – meu pai ordenou novamente. Me virei furiosa e ele continuou: - Para entrar aí é preciso esquecer. Tem que esquecer-se de tudo, arrepender-se. Morrer.

-Já morri uma vez – respondi por entre os dentes ao lembrar de como tudo começou.

-Essa é a condição.

-Não fiz nada de que pudesse me arrepender e posso morrer quantas vezes forem necessárias, eu jamais esquecerei o que fizeram comigo!

-Minha filha, esse seu fogo, esse seu desejo de vingança, pode ser o instrumento que vai cavar seu túmulo – ele gritou irado. – Deixe a vingança nas mãos de Deus!

-Deus? Onde está seu Deus agora? Cadê o *seu* Deus, papai? Expulsando mais anjos do Paraíso?

Eu o magoei.

Essas palavras o deixaram estupefado, de boca aberta.

-Morra, Lienne.

Ele tocou minha fronte e eu morri.

# SEMENTES DOS ANJOS

Semente maldita que habita na terra
Semente de um amor proibido
Semente forte que alimenta-se de vida
Somente um fruto maldito
Fruto de duas raças
Filhos de mães falecidas
Descendentes de anjos caídos
Frutos perdidos em vida
Por seres de sombras perseguidos
Fugindo e procurando um destino
Filhos de um amor... sem amor
Sementes que enganam
Frutos que matam
Folhas caídas no outono
Que simplesmente não amam
Somente nascidos
Largados
Perdidos
Sem amor
Sementes de anjos
Incapazes de amar
Sementes que nunca vão brotar.

# Capítulo 2 – Renascer.

Acordei depois de um sonho ruim. Meus olhos procuravam acostumar-se ao ambiente que me cercava, minha mente tentava reconhecer o lugar, lembrar-me do que tinha acontecido.

Lembrei-me...

Não foi um sonho.

Meu mundo desmoronou, foi real.

Eu fugi.

Contive as lágrimas, eu não me abalaria com lembranças tristes da vergonha e humilhação que passei.

Onde quer que fosse aquele lugar, me dava a estranha sensação de estar a salvo. Era a cidade dos Nefilins. Eu sabia disso. E precisava lutar. E eu lutaria. Lutaria sim. Mesmo sabendo que há muito o que aprender.

Enfrentei meus medos e procurei o caminho da primeira lição.

Abri a porta daquele quarto. Vi um corredor escuro e comprido. Meus olhos se adaptavam bem ao breu daquele ambiente, já estavam há anos acostumados a viverem na negritude da noite. Cheguei até uma enorme porta de madeira. Foi difícil abri-la, era pesada demais. Eu consegui depois de um esforço.

Era dia. O sol reinava, brilhava intensamente. Tive medo e me esquivei arfando.

-Não precisa nos temer, nefilin. Acabastes de nascer, entendo sua ânsia. Mas estamos aqui para lhe ajudar – disse um anjo com asas brancas.

-Não temo você. Meu pai é um anjo. Eu temo o sol, ele me destrói.

Aquele anjo pareceu surpreso e confuso.

-Lembra-se de sua vida? – perguntou-me com a voz embargada.

-Por que não lembraria?

-Nenhum dos outros conseguiram lembrar-se da primeira vida. Nem os que estavam na mesma condição que você.

-Que condição?

-Alimentando-se de vida, de sangue.

Ele analisou-me como se estudasse uma cobaia de laboratório. Depois disse:

-Siga-me.

Eu até o seguiria, se ele voltasse pelo mesmo caminho por onde eu cheguei até ali. Entretanto, o anjo caminhou para fora daquele lugar, em direção ao sol. Percebendo minha hesitação, ele virou-se e disse:

-Venha. Você tem uma nova vida. O sol não é mais capaz de matar-te.

Neguei com a cabeça.

-O sol é o único inimigo que pode me destruir.

-O único? – o anjo estampou a sua face com um sorriso debochado, como se enxergasse uma criança boba que não tem noção de suas palavras. – Acredite em mim. Você morreu e renasceu.

Lembrei-me da última conversa que tive com meu pai antes de entrar naquela cidade, ele disse que eu precisava morrer e esquecer para ultrapassar os grandes portões. Eu só tinha uma certeza: eu não esqueci de nada. Quanto a morrer, eu saberia naquele momento.

Dei um passo hesitante, expondo o meu braço direito na luz do dia. Senti um calor suave. Meu membro continuou intacto. Nenhuma queimadura, nenhum desastre.

O anjo sorriu.

-Agora que tens certeza, poderia seguir-me? – ele disse após divertir-se com meu olhar surpreso.

Caminhamos por longas ruas, passamos por um pátio onde pude reparar dois tipos diferentes de criatura, anjos – com suas belas e invejáveis asas brancas – e nefilins – muito parecidos com os humanos, sendo que eram mesmo criaturas híbridas, metade homem e metade anjo. Os instrutores, os anjos, eram fortes, massacravam seus pupilos, os nefilins, com golpes impiedosos. Tive a certeza de que não seria diferente comigo.

Seguimos nosso caminho e entramos numa construção que parecia um castelo medieval, feito com grandes pedras escuras. O anjo me guiou até um salão onde tinha uma espécie de treze tronos. Em cada um deles, sentava-se um arcanjo. Como eu os reconhecia? Fácil: nefilins – sem asas; anjos – asas brancas; arcanjos – alguns com asas brancas, outros com asas negras e auras intensamente brilhantes.

-Senhores? – disse o anjo que me acompanhou até ali, ajoelhando-se respeitosamente diante deles.

-Levante-se, Arel – disse o arcanjo que sentava no trono do meio. Ele tinha a pele negra e suas asas eram da mesma cor. Arel o obedeceu. – Qual motivo o traz até nós, irmão?

-Trago comigo a filha de Caleb, Lienne, a vampira-nefilin, irmão Hazanel.

-A filha de Caleb? – muitos falavam ao mesmo tempo.

-Há algum problema com a descendência de Caleb, irmão Arel? – perguntou o arcanjo Hazanel.

-Senhor, ela lembra-se de tudo.

Mais murmúrios encheram aquele salão.

-Silêncio! – gritou Hazanel. – Arel, deixe-nos, por favor.

Assim que Arel virou-se, fiz o mesmo para segui-lo. Porém, fui detida pela força da voz do arcanjo.

-Nefilin, fique.

Estacionei no mesmo instante e voltei a fitá-lo.

-Senhor? – falei sem graça.

-Conte-me o que sabe, o que lembra.

-Lembro-me de tudo. Desde o meu nascimento até aqui.

Hazanel ficou pensativo por alguns instantes, como se analisasse algo em sua mente. Levou a mão ao queixo e passou a caminhar em volta dos tronos, até que parou no centro e perguntou:

-Qual o motivo para estares aqui?

-Curar-me, acreditar no que eu pensei ser fantasia, acabar com a dor, aprender.

-Curar. Esse é o motivo principal na sua situação. Entretanto, essa cura pode não surgir. Todos os nefilins que aqui chegaram, foram renascidos sem mágoas, como crianças. Os treinamentos são intensos, fortes, sem piedade. Alguns se ressentem, porém, aliviados dos sentimentos mundanos, logo tudo é esquecido. Acredito que esse não será o seu caso.

-Mesmo assim eu lutarei – respondi decidida. – Lutarei até a morte, até onde for preciso. É um mundo novo para mim, estou disposta a apenas aprender. Sem ressentimentos, sem ódio ou mágoas, principalmente para honrar o nome do meu pai.

-Vejo a sua coragem e seu desejo de aprender. Sabe qual será o final de sua estadia aqui?

-Se eu sobreviver, passarei da condição de nefilin para tornar-me um anjo, ganharei minhas asas e sairei pelo mundo dos humanos, defendendo-os e lutando contra as forças malignas e demoníacas.

-Olhando para você, eu me pergunto se não seria mais fácil permitir que a memória da primeira vida continuasse presente em todos os novatos.

Hazanel veio até mim. Ele era muito alto e de postura imponente. Eu o temia.

-Como está o seu pai? – ele perguntou.

-Falastes com ele, senhor. Sabes que ele está bem. Também deve estar aliviado, agora que estou aqui.

-Somo anjos, porém pecamos. Pecamos porque sentimos o mesmo que os humanos, nós amamos. Espalhamos filhos híbridos pelo mundo e estremecemos quando os demônios os encontram. São raros os que vivem sem nunca serem descobertos. E você fez questão de chamar a atenção sobre si desde que nasceu. Portanto, é natural o alívio de seu pai por sua presença aqui. Deveria apreciar isso.

-Eu aprecio, senhor.

-Vá, Nefilin, Arel te espera. Seu treinamento começa agora.

# APRENDER

Lutar
Vencer
Provar
Cair
Machucar
Aprender
Lutar e conquistar
Vencer para provar
Provar para poder
Cair para aprender
Machucar para vencer
Aprender para amar
A luta conquista o amor
A vitória prova o sentimento
A prova dá poder à certeza
A queda ensina o coração
A dor vence o medo
E o aprendizado nos ensina a não amar.

# Capítulo 3 – Conhecer.

Saí daquele salão e encontrei Arel esperando-me. Era hora do treinamento e eu sabia o quão difícil seria. Eu pude ver aqueles jovens nefilins sendo surrados sem perdão algum pelos seus instrutores.

-O arcanjo ordenou que meus treinamentos começassem agora – falei assim que o vi.

-Siga-me.

Foi o que eu fiz. Voltamos pelo mesmo caminho. Paramos numa das arenas do pátio de treinamento. A cidade parecia ser feita de enormes casarões antigos, onde os novatos se hospedavam. Ao contar pelo local em que acordei, posso dizer que não eram nada confortáveis ou com um mínimo de luxo. Eram como aposentos rústicos que mais pareciam cavernas. Apenas uma cama e algumas cobertas, mudas de roupas e um tipo de túnica muito parecida com as batinas que os padres católicos usavam. Ao caminhar por aquele pátio, pude reparar que todos os nefilins usavam aquela túnica. Os anjos vestiam-se apenas com calças largas, deixando o peito nu. Os arcanjos que me receberam trajavam um manto negro encapuzado. Isso realmente não me importou muito, até que Arel estendeu uma túnica branca para mim.

-O que é isso? – perguntei.

-Sua primeira ordem. Vista-se. Isso é como um uniforme.

-Já percebi. Mas sei que você é experto o bastante para entender que esse tipo de vestimenta atrapalha os movimentos numa luta.

Arel não respondeu nada e sua expressão também não me revelava muita coisa. Ele apenas... olhou-me. Depois virou-se, falando a frase que mais gostava:

-Siga-me.

Eu o segui.

-Então você será meu instrutor? – perguntei tentando quebrar o silêncio perturbador que pairava entre nós.

-Não. Eu sou mais piedoso com meus pupilos. Você é o tipo de pessoa que precisa de treinamento intenso.

-Por quê? Pela minha força? Por que eu me lembro de tudo?

-Não. Pela sua rebeldia.

Calei-me. Mas não por muito tempo. Após alguns passos tornei a fazer perguntas.

-Como será meu treinamento?

-Primeiro precisamos saber em qual nível você se encaixa. Terás uma prova física com os três melhores alunos da cidade. Eles estão quase no nível máximo – explicou Arel.

-E depois?

-Se você passar por eles, então lutará com um anjo.

-E ele será meu instrutor?

-Temporariamente, sim.

-Você já foi um nefilin?

-Não.

-Como posso ter certeza disso? – perguntei.

-Se assim fosse, eu não estaria aqui. É proibido continuar na cidade após a transformação.

-Quantos filhos você tem?

-Isso não é da sua conta – Arel respondeu de maneira ríspida.

-Todos os anjos têm filhos?

-Pergunta impertinente e sem importância – ele continuava a responder secamente a todas as minhas perguntas. Aquilo me irritou, até que desisti de tentar fazer amizade com aquele anjo.

Paramos numa arena vazia. Logo apareceram os três nefilins e o anjo do qual Arel tinha comentado.

Eu ainda não vestira a túnica e não pretendia usá-la. Imaginei que nenhum deles notaria, entretanto o anjo que os acompanhava, ordenou.

-Seu uniforme, por que não está com ele?

Não respondi. Arel salvou o momento.

-Irmão Arktos, essa é Lienne, a novata, filha de Caleb.

-Seja bem vinda, novata – respondeu Arktos. Depois apontou para os nefilins e disse: - Estes são Mikael, Alfeu e Hiron. Serão nossos ajudantes de hoje, se você sobreviver.

Foi a minha vez de sorrir como se eles não soubessem do significado de suas palavras. Arktos era um anjo alto, moreno e muito bonito. Parecia ser extremamente forte e eu não estava nenhum pouco a fim de lutar com ele. Os nefilins não eram diferentes,

porém não eram tão bonitos, mesmo assim pareciam grandes guerreiros gregos. Meu pai ensinou-me que força nunca vencerá bons reflexos.

-Eu vou sobreviver – respondi ao anjo moreno.

Caminhei até o meio da arena, me preparando para lutar, quando Arktos me chamou.

-Nefilin, sua túnica, vista-se.

-Isso reduz os movimentos. Estou começando a acreditar que fazem de propósito.

-Então estás começando a aprender – foi o que Arel respondeu.

Contra a minha vontade, coloquei a túnica, amarrando a barra na altura de minhas coxas.

-Podemos começar? – perguntei irritada.

-Você parece ansiosa para levar uma surra – brincou Mikael, que seria o mais forte dos nefilins. – Eu serei o primeiro.

-Não deveria ser por ordem? – perguntei.

-Essa é a nossa ordem. O mais forte começa. Se conseguir vencê-lo, lutará com os três nefilins – respondeu Arktos. Ele parecia ser mais simpático e extrovertido que Arel. Gostei dele.

-E vencê-lo significa matá-lo?

-Derrubá-lo – corrigiu-me Arktos.

Assenti e me posicionei. Mikael não esperou nem um segundo, logo atacou-me com socos e chutes que só alcançaram o ar. Meus reflexos eram rápidos, mas minha força era muito menor. Se eu queria derrubá-lo, teria que ser com inteligência e não com punhos. Não o ataquei, apenas me defendi

de seus golpes, até que encontrei o momento certo de abaixar-me e passar-lhe uma rasteira, o levando ao chão. Fim de luta. Passei no primeiro teste.

-Muito bom. Rápida e precisa – elogiou Arktos. – Como fez isso?

-Meu pai ensinou-me a prever os golpes do adversário. O segredo é olhar em seus ombros, o movimento dos músculos indicará o ataque. – respondi com firmeza e arfando, um tanto cansada.

-Como pode lembrar-se dos ensinamentos de seu pai? E como pode lembrar-se de quem é o seu pai?

-Um diferencial na nossa nova pupila, irmão Arktos. Ela lembra-se de sua primeira vida. – respondeu Arel.

-Mas isso é impossível! – Arktos exclamou.

-Se é impossível, responda-me, por favor, como posso estar aqui ao sol, provando que cumpri minha sentença de morte para atravessar os portões da cidade e continuo a lembrar-me de tudo? – desafiei Arktos.

Ele sorriu.

-Serás uma aluna interessante. Espero ter a honra de ser seu instrutor.

-Espero continuar viva – sibilei para mim mesma.

Posicionei-me novamente no centro da arena e uma nova luta, muito injusta, começou. Agora eram três grandes nefilins contra uma. Mantive a mesma estratégia, me desviar dos golpes até conseguir derrubá-los. Enquanto Mikael atacava, eu desviava e

já observava os movimentos futuros de Alfeu. Passei quase dois minutos nesse jogo, até que comecei a ver que me cansava. Eu precisava ser mais rápida que eles e isso me dava grande desvantagem física. Hiron estendeu o braço com o punho fechado, tendo meu nariz como alvo. Se aquele golpe me acertasse eu, com certeza, cairia e não me levantaria mais. Abaixei-me para livrar-me do soco e aproveitei para puxar a perna de Hiron. Ele caiu, levando consigo Mikael. Derrubar Alfeu foi mais fácil, apenas o empurrei, ele se desequilibrou tropeçando nos nefilins caídos no chão, fazendo-lhes companhia. Segundo teste: perfeito. Nenhum golpe me atingiu e cumpri meu objetivo.

Olhei Arel. Seu rosto continuava inexpressivo. Nem parecia o mesmo anjo que me recebeu assim que abri aquela porta. Ele sorria e era agradável quando me viu, agora era rude e sombrio.

Arktos andou na minha direção assim que os nefilins se afastaram.

-Você é muito boa. Nunca tivemos um nefilin como você por aqui. Pergunto-me, passarás pela terceira prova?

-Só teremos certeza se lutarmos – respondi.

Antes mesmo que eu pudesse piscar, um golpe forte cegou meu olho direito. Eu quase caí, tropeçando na túnica que se soltou do nó que eu tinha feito. Me apoiei numa grade de separação das arenas. Foi quando percebi que uma multidão nos observava.

Irada, rasguei a túnica e joguei os trapos para longe. Voltei a lutar com Arktos e não era fácil desviar-me de seus golpes, assim como não era fácil manter-me de pé quando ele conseguia me acertar. Até que um soco no estômago me fez arfar e me desconcentrei. Ele me lançou ao chão e prendeu-me ali com seu enorme pé esquerdo, pressionando para que eu não me levantasse.

-Acho que minha própria pergunta foi respondida. Você começa o treinamento no nível três.

Arktos tirou o pé de cima de mim e me ajudou a levantar-me. Arel finalmente demonstrava algum sentimento, ele sorria, como se ganhasse um prêmio, uma aposta. Ele venceu e eu fui derrotada.

# VITÓRIA PELA DOR

Presa ao medo
Vencida pelas mentiras
Perseguida
Lutando para novamente ser traída
Preciso ser a melhor
Preciso lutar
Lutar para viver
Verdades escondidas
Toda luta anterior foi em vão
O mundo caiu sobre mim
Agora tento segurar
Minha sede de vingança
Por isso eu luto
Para atacar na hora certa
Para aplacar meu ódio
E vencer pela verdade
Apagando as sombras
Iluminando os caminhos
A dor é difícil
O estágio é longo
As lições são preciosas
A dor traz a vitória
E as lágrimas trazem luz
Minhas noites findaram
E um novo dia nasce
O abraço da vida
Eu morri para o mundo
E mesmo assim
Eu nunca esquecerei

E a vitória
Pela dor que passei
Lutando,
Alcançarei.

# Capítulo 4 – Treinar.

Passei cinco dias treinando com Arktos e posso dizer que não foi nada fácil. Ele era forte e nunca hesitou em usar toda sua força ao me golpear. Depois ele me explicava onde estava o meu erro e como eu deveria ter me esquivado. Começamos com a defesa, intercalando alguns exercícios que me levariam a obter braços e pernas mais fortes e ágeis. Arktos ficou impressionado com a minha flexibilidade e com a minha concentração na luta. Eu ficava frustrada com cada soco dele que me atingia.

Meu instrutor continuava insistindo em me fazer usar aquela túnica ridícula e eu continuava em teimar para não usá-la, com a desculpa de que ela me atrapalhava.

Arktos era sempre muito gentil depois que me atingia, me ajudava a levantar e verificava se eu estava ferida ou não. Era como morder e assoprar. De certa forma, era até divertido treinar com ele. Era um anjo bem alegre e brincalhão, mas que sabia manter a seriedade na hora certa. Sempre que ele me ajudava, tocando no meu corpo no local atingido, eu percebia que Arel estava por perto, fazendo caretas de desagrado. Eu não entendia Arel, mas tinha um carinho pelo fato dele ter sido a primeira pessoa que encontrei ali. Tentava sorrir para cumprimentá-lo, esperando um retorno, porém ele se virava e saía dali.

No segundo dia de treinamento, Arktos levou uma nefilin para me ajudar a ensinar alguns golpes. Seu nome era Saron, ela era simpática e parecia encantada por Arktos. Depois de tudo o que me aconteceu fora daquela cidade, eu não confiava em mais ninguém para chamar de amiga, mas posso dizer que Saron era uma boa colega dentro daqueles muros.

A comida daquele lugar era uma porcaria. Primeiro eles serviam codorna assada na brasa sem tempero algum e acompanhada de pão ázimo. Depois vinham com um bolinho doce – e duro – que tinham a estranha mania de chamarem de maná – e eu que sempre acreditei que isso devia ser delicioso como o bolo de chocolate que eu comia quando era criança. E todos os dias era o mesmo cardápio. Fato que levou-me a acreditar que anjos e arcanjos não tinham imaginação ou originalidade.

Voltando à alimentação, eu só comia quando sentia que estava fraca demais. Procurava sempre uma codorna mal passada, ainda com o sangue escorrendo, isso ajudava um pouco, mas não era o que eu queria ou o que eu precisava. Eu ainda sentia falta da minha alimentação costumeira. E desejava ardentemente que um humano aparecesse por ali, entretanto achei melhor esconder esse sentimento. Eu temia os arcanjos.

Fora Saron e Arktos, eu conversava um pouco com Mikael e sua namorada, Halina. Eles me apresentaram outras pessoas com nomes esquisitos – por uma razão inexplicável, os anjos e arcanjos

davam esses nomes estranhos à sua prole – só que eu não me sentia muito à vontade com nenhum deles.

Eu vivia sozinha naquela cidade por opção própria. Era sempre a primeira a chegar na arena, antes mesmo de Arktos. No terceiro dia de treinamento, encontrei Arel. Tentei falar-lhe.

-Bom dia, anjo.

Ele me encarou, novamente com o olhar inexpressivo, e perguntou:

-Como está seu treinamento?

-Acredito que eu estou me saindo bem.

-Sair-se bem não é o bastante.

-Eu vou melhorar – respondi secamente, da mesma forma que ele fazia comigo.

-É você quem irá morrer caso não melhore. Eu não me importo. Ninguém aqui se importa, acredite. Se não morrer aqui dentro, morrerá nas mãos dos demônios lá fora.

-Acredite, Arel, os humanos são piores que os demônios. Porque esses últimos só agem quando solicitados pelos primeiros. Se estou aqui é porque os humanos me traíram.

-Estás errada, Lienne. Você está aqui porque seu pai tem grande prestígio com os arcanjos e porque eles tiveram piedade da sua vida.

Arel disse essas duras palavras e continuou em seu caminho, deixando-me muito furiosa, o que foi bom, pois o treinamento foi intenso e a raiva me fazia golpear com mais força.

No quinto dia, eu tive um novo encontro com Arel. Dessa vez eu o ignorei e ele me chamou.

-Estão decidindo sobre quem será seu instrutor definitivo – ele falou.

-Não será Arktos?

-Isso depende.

-Do que?

-Do que eles decidirem hoje.

-Então pode ser Arktos?

-Ou pode não ser.

-Qual seu problema comigo? – perguntei desistindo de tentar entendê-lo.

-Parece que é você quem tem muitos problemas, Lienne.

Não respondi, apenas balancei a cabeça negativamente e fui para o meu treinamento com Arktos. Nesse dia, meu instrutor estava mais agressivo com os golpes, mais forte e mais ousado, porém continuava carinhoso e atencioso quando imaginava ter me machucado seriamente. Ao constatar que tudo estava bem, continuávamos. Arel estava assistindo e sempre sorria quando Arktos me derrubava. Aquilo me irritou. E muito!

Eu lutava com todas as minhas forças, e nada era suficiente. Tentei voltar a técnica que meu pai ensinou, reflexos rápidos e antecipar o golpe adversário. Arktos desferia golpes ligeiros, até que me levou próximo à parede do fundo da arena retangular. Vi no problema uma solução. Assim que uma nova sequência de ataques começou, eu corri em direção ao muro, apoiei meus pés nele, tomando impulso para um salto em que me virei no ar e consegui aplicar uma tesoura com minhas pernas no

pescoço de Arktos, o levando ao chão e o prendendo entre meus joelhos. Me levantei rapidamente e percebi que meu treinamento tinha espectadores especiais. O grupo de arcanjos do salão dos Treze Tronos estava lá. Hazanel falou:

-Aplicar esse golpe num instrutor é uma falta grave. Acredito que esse movimento não foi ensinado pelo nosso irmão Arktos.

-Não, senhor – respondi com a cabeça abaixada em sinal de respeito.

-Consegue fazer o mesmo com um arcanjo, nefilin?

-Nunca tentei, senhor. É a primeira vez que faço isso.

-Onde aprendeu tal ataque?

-Eu nunca aprendi isso, senhor. Apenas agi por instinto.

-Você está machucada?

-Não, senhor.

-Poderia lutar com um dos arcanjos instrutores?

-Se for uma ordem, eu lutarei.

-É uma ordem, nefilin.

-Então eu obedeço.

Hazanel sorriu e olhou para trás. Encontrou quem procurava e o chamou.

-Arel, por favor, venha até nós.

O anjo aproximou-se sorrindo debochadamente.

-Lute com a filha de Caleb – Hazanel avaliou-me dos pés à cabeça e continuou: - Sem piedade.

Essas palavras me estremeceram, mas eu ainda tinha uma pergunta.

-Senhor? A ordem que eu recebi é de que deveria lutar com um arcanjo instrutor. Não vejo aura alguma em volta de Arel. Assim sendo, ainda devo lutar?

Arel piscou os olhos e lá estava sua aura, brilhando tão forte quanto a dos outros arcanjos.

-Uma das lições que eu aprendi – disse Arel – foi camuflar minha aura. A outra foi a humildade.

Isso era demais para aceitar. Entretanto, era um fato que eu não poderia negar.

Começamos a lutar. Ele derrubou-me logo no primeiro golpe. Me coloquei de pé rapidamente e reiniciamos. Um outro ataque me jogou contra a grade de separação das arenas e senti o osso do meu braço esquerdo quebrar-se. Prostrei-me de dor, arfando.

-Desiste? – Arel perguntou.

Essa palavra só tinha um significado na cidade dos nefilins: a morte.

-Não cheguei até aqui para desistir.

Me levantei com dificuldade e me virei como pude, lutando com um braço só e ignorando a dor. Um soco forte acertou minha boca. Encontrei-me mais uma vez de joelhos, cuspindo sangue e contendo as lágrimas que a dor fazia brotar em meus olhos.

-Vais continuar?

-Vou – sussurrei.

-Eu não escutei – Arel gritou.

Apoiei-me com a mão direita no chão e conseguir levantar-me novamente. Enguli o sangue que enchia minha boca e respondi mais alto:

-Vou continuar.

Vários golpes. Uma costela quebrada tirava-me o fôlego. Um chute na cabeça fez o mundo girar. E as palavras do meu pai martelavam no meu cérebro:

*"Não ouse desistir de lutar, ou morrerás"*.

Eu não ousaria.

Quase sem forças, eu ataquei Arel. Grande erro! Com uma simples rasteira ele me derrubou.

-Desista, nefilin. Esse lugar não é para os fracos.

Se Arel soubesse o quanto eu me empenhava mais em ser a melhor quando era provocada, ele jamais falaria tal frase...

Eu sorri.

Levantei-me.

E disse:

-Humildade? Foi reprovado nessa matéria?

Ganhei um soco no crânio.

-Anjo piedoso com seus pupilos?

-Eu disse que era piedoso. Não disse que era fraco.

Outro soco.

Cansei de apanhar.

Se anjos e arcanjos podiam ter filhos, então eles tinham o mesmo equipamento que os homens humanos. Meus pés ainda estavam intactos.

-Me achas fraca, Arel? – perguntei, cambaleando pela tontura que os golpes dele me provocaram.

-Você quase não aguenta ficar de pé.

-Vamos ver quem vai cair agora...

Eu o chutei nas genitálias. Ele gemeu de dor e chegou a cair e rolar no chão.

Aproximei-me dele para lançar-lhe palavras debochadas.

Outro grande erro.

Arel chutou meu joelho e derrubou-me pela última vez. Minha cabeça bateu com força no chão e sangrou. Teimosa, tornei a me levantar. Meu corpo balançava de um lado para o outro.

-Eu... não... desisto – falei entre suspiros e palavras.

-A luta acabou – falou Hazanel. – Já tomamos nossa decisão.

-Acabou? – perguntei.

-Sim.

Desmaiei.

# POR QUE?

Porque o amor atinge os homens
Porque o amor destrói os anjos
Porque desse amor nascem híbridos
E por esse amor eles odeiam...

Porque os homens matam
Porque os humanos enganam
Porque os anjos sofrem
E por esse amor eles odeiam

E eles matam
E eles torturam
E eles enganam
E por esse amor eles odeiam

Porque os anjos são comparados aos humanos
E são confundidos com os demônios
Porque os humanos são comparados aos anjos
E são confundidos com os santos
Porque se os demônios
fossem comparados aos humanos
Seriam chamados de santos

Porque os filhos de duas raças foram enganados
Porque seus pais pecaram
Porque os humanos não amaram
E por esse amor eles odiaram

Porque eles ficaram fortes

Porque eles fugiram
Porque foram traídos
Os anjos foram destruídos

Humanos venceram
Demônios esconderam
Nefilins encontraram
E o mundo já não é mais o mesmo!

# Capítulo 5 – Sonhar

-Você é ótima, Lienne. Deu tudo certo, você conseguiu – falava Valéria, uma das minhas funcionárias. Eu acreditava que ela fosse minha amiga.

-Tento fazer o melhor – respondi.

-É por isso que te amo – Daniel brincou. – Acho que você ainda não tem noção da pessoa importante que se tornou.

-Acho que não. E ao mesmo tempo que esse sucesso me alegra, ele também me assusta.

-Eu entendo. Sinto o mesmo – respondeu Daniel. Ele sempre compartilhava das minhas alegrias e tristezas. Ajudou-me a enfrentar meus medos e foi um bom amigo.

-E agora? Qual será o próximo passo? – perguntou Valéria.

-Processar Mariana. Ela tentou me destruir, mas eu tenho um contrato assinado. Mariana está nas minhas mãos, ela não sabe com quem está lidando – respondi.

-Você me assusta quando fala desse jeito, Lienne.

-Nesse mundo, Valéria, temos amigos e inimigos. Não existe meio termo.

-Lienne está certa – comentou Daniel. – E Mariana merece mesmo um processo por tudo que ela fez contra a empresa.

-O que vai fazer agora? – perguntou Valéria.

Olhei para o relógio, já passava das duas da madrugada.

-Vou ficar por aqui, no escritório. Tenho muito o que resolver.

-Não dorme nunca?

-Quando tenho sono.

-Por que não resolve essas coisas durante o dia?

-Faço outras coisas quando amanhece.

-Nunca vou te entender, Lienne.

-Não precisa me entender, Valéria. Só confie em mim.

-Do jeito que anda o mundo, podemos dizer que voltamos à época da inquisição. A igreja assumiu o controle das nações.

-Não entendi seu comentário.

-Nem eu – falou Daniel.

-Uma pessoa te acusou de bruxaria e chegou a comentar que você tem um pacto com o diabo.

Eu ri junto com Daniel.

-Podem me acusar de não adorar a Deus, de ateísmo, por trabalhar demais e até mesmo de mentir quando necessário. Mas de bruxaria? De onde tirou essa besteira, Valéria?

-Mariana postou no blog dela que você assina seus contratos com sangue, que nunca trabalha durante o dia e de conversar com espíritos. Sem contar das acusações de fraude e falsas promessas que, segundo ela, tem como provar.

As palavras de Valéria me estremeceram. Eu me sairia bem das acusações de fraude e falsas promessas, mentir e deturpar as palavras diante de um tribunal era minha especialidade. Mas as outras acusações envolviam seres que caçariam minha cabeça se todo o mistério fosse revelado. Eu tive que manter a calma e tranquilizar minha amiga, que nada sabia das merdas que eu fazia.

-Tudo um monte de besteiras – respondi com desdém.

-Ah, fala sério. Quem nunca fez uma macumbinha na vida? – brincou Daniel. – Falando nisso, estou mesmo pensando em falar com meus guias de novo. O que acha, Lienne?

-Eu não acredito nisso – respondi seca, fingindo estar concentrada no trabalho.

-Não tem curiosidade de falar com um deles?

Eu parei o que fazia e pensei por uns instantes. Sim, eu tinha curiosidade de saber o que esses guias podiam fazer por um humano, tinha vontade de saber se eles reconheceriam uma filha de anjo assim que a vissem. Também queria saber se eles conheciam meus amigos do outro lado. Instintivamente, minha mão procurou pelo amuleto que eu sempre trazia no meu pescoço, um presente de Persis, o nefilin que me apresentou o mundo das trevas e os amigos que me levariam ao sucesso.

Olhei para Daniel e sorri.

-Tente me provar. Se conseguir me fazer acreditar, eu começo a frequentar suas seções espíritas clandestinas.

-Aceito o desafio – respondeu Daniel.

O telefone tocou. Era Persis. Ele tinha o estranho dom de saber todos os meus passos. Troquei algumas palavras com ele, mas Daniel me interrompeu:

-Deixe-me falar com Persis.

-Você não tem nada para falar com ele.

-Eu quero conhecer melhor esse cara. Ele é o meu verdadeiro chefe, o homem da grana.

-A dona dessa empresa sou eu.

-É Persis quem financia seus investimentos.

-E eu pago de volta com juros – rebati.

-Eu só quero saber se esse cara te trata bem.

-Não. Meu telefone tocou porque o homem que me odeia resolveu me xingar. Eu resolvi inventar a imagem de um homem milionário que me ajuda bastante, mas que me odeia.

-E que além de ser um babaca, é horroroso e louco por você.

-Como sabe se ele é babaca e louco por ela se nunca nem falou com ele pessoalmente? – Valéria perguntou.

Daniel se apoderou do meu notebook e fuçou algumas pastas de arquivos até encontrar uma foto de Persis com uma declaração de amor bem piegas.

-Isso responde a sua pergunta, Valéria? – disse Daniel.

Bufei e voltei ao telefonema, mas Persis cansou-se de esperar e desligou.

-Que droga! – murmurei.

O interfone do escritório tocou. Só tinham duas pessoas que me visitavam nesse horário: meu pai e meu melhor amigo, Liel.

-Pois não? – atendi ao interfone.

-Senhor Liel deseja vê-la, senhora – falou o porteiro do prédio.

-Pode mandá-lo subir.

-É o Liel? – perguntou Valéria assim que desliguei o interfone.

-O próprio – respondi.

-Esse homem vai estragar teu caso com Persis – falou Daniel.

-Se o Persis me amar de verdade, ele nunca vai se opor à minha amizade com Liel.

Daniel e Valéria tagarelavam sem parar. Eles me perturbavam tanto que eu tive vontade de dilacerar suas veias e drenar todo aquele sangue de merda dos dois. Se eu soubesse, na época que essa era a melhor opção...

Liel entrou e os dois saíram. Não trocaram nenhuma palavra com meu amigo. Suspirei aliviada quando partiram.

-Odeio esses dois. Sinto que vão te prejudicar um dia.

-Preciso deles, são meus braços e pernas durante o dia – respondi.

-Me admiro de ver que ainda não os matou.

-Vontade não me falta.

-Com sede?

-Muita.

-Eles não sabem de nada mesmo? – perguntou Liel em sincera preocupação.

-Nem desconfiam.

-Se um dia descobrirem, podem te denunciar ao tribunal eclesiástico e você será julgada.

-E o que eles podem fazer contra a filha de um anjo?

-Não pergunto o que eles podem fazer, mas o que seus amigos das trevas podem fazer se um de nós for descoberto.

-Cansei de anjos, nefilins, vampiros e demônios na minha vida. Só quero continuar vivendo e fingindo que sou humana. O sucesso me agrada, é desse poder que eu gosto. É nele que encontro uma forma de agradecer ao rei por tudo que ele faz por mim.

-Uma brincadeira perigosa, Lienne.

-Estou disposta a correr o risco.

Um barulho me atormenta. Eu acordo. Parecia ter sido um sonho. Mas eram lembranças que voltavam enquanto eu dormia. Eu nunca dormi antes de entrar na Cidade dos Nefilins. No entanto, desde que cheguei ali, jamais passei uma noite sem descanso. Eu não gostava disso. Cada noite de sono era um sonho carregado de lembranças ruins que eu vivia. Lembranças de uma vida desfeita, de projetos perdidos por traições e falsidades. Lembranças de uma saudade, de um amor deixado para trás.

-Sente-se melhor? – Arel perguntava.

-Por que não me contou que era um arcanjo?

-Você nunca perguntou – ele deu de ombros. – Enfim, cuidei de seus ferimentos enquanto dormia. Seu braço está quebrado e logo ficará curado, as ervas dessa cidade são milagrosas.

-Sim, já não dói tanto quanto antes.

-Trouxe água e toalhas limpas para você se lavar.

-Obrigada.

Olhei Arel. Com mais calma, pude analisá-lo melhor. Era alto e loiro. Tinha olhos acinzentados e era muito bonito.

-Posso lhe fazer uma pergunta, Arel?

-Se eu puder lhe responder...

-Por que me odeia tanto?

-Eu não te odeio.

-Então...

-Só te acho estúpida demais.

-Que alívio! – falei com ironia. – Ser estúpida é bem melhor que ser odiada.

-Você poderia ser muito mais, se escolhesse os caminhos certos.

-No mundo em que vivi, não existem caminhos certos. Só existem oportunidades. Se você não as agarra, perde e morre.

-Vamos, tome um banho. Pare com essa conversa sem sentido. Os arcanjos já escolheram seu novo instrutor e seu treinamento já está para começar.

-Mas eu acabei de lutar com você! – exclamei.

-Isso foi ontem, Lienne.

-Eu dormi tanto assim?

-Dezesseis horas.

-Tudo bem. Eu vou me lavar. Poderia esperar do lado de fora, por favor?

-Minhas ordens são para ficar o tempo todo ao seu lado.

-Achas mesmo que vou fugir? Isso nem passou pela minha cabeça – protestei.

-Não interessa o que você pensa. Essas são as ordens e eu vou cumpri-las.

-E vai me ver nua?

-Os anjos são criaturas puras.

-Tão puras que estão cheios de filhos híbridos!

-Seu tempo está passando.

Bufei. Discutir com Arel era mesmo um tempo perdido. No entanto, eu jamais ficaria nua na frente dele. Apenas tirei minha blusa. Eu usava um top curto por baixo. Arel olhava fixamente para algo logo abaixo do meu pescoço. Num reflexo, cruzei os braços sobre os seios.

Ele aproximou-se e estendeu a mão para me tocar. Me esquivei.

-O que pensas que está fazendo? – gritei.

Ele continuou olhando sério.

-Onde conseguiu isso? – ele perguntou tocando no amuleto que eu sempre carregava comigo. Um pingente em forma de uma estrela de cinco pontas. O símbolo de um rei que esperava a minha volta.

-Isso é um mistério. Se tem algo que não lembro, é de como consegui isso – menti. Arel não

acreditou, mas afastou-se e me deixou sozinha no quarto.

Fiz meu asseio e coloquei roupas limpas. Aproveitei a água daquela bacia para lavar as roupas que usava antes.

Na Cidade dos Nefilins, tínhamos que cuidar de nossas coisas, que eram poucas. Eu tinha somente três mudas de roupa, um quarto ridículo com uma latrina simples. Nenhum chuveiro aquecido – nenhum chuveiro! – e a comida era racionada, assim como a água. Os banhos eram tomados num rio que cruzava a cidade. Como eu nunca fui fã de nudismo em público, fui considerada uma relapsa no quesito higiene pessoal. Uma bacia grande para um banho particular era um luxo dado somente aos feridos, e esse era o meu caso naquele dia.

Arrumei meus cabelos, desembaraçando-o com os dedos e os prendendo com um trapo velho. Calcei os tênis que eu usava quando cheguei ali e não me importei de pegar o ridículo uniforme dos nefilins.

Saí do quarto e Arel esperava-me na porta.

-Vamos, os arcanjos nos esperam.

-Você sabe quem será meu instrutor definitivo? – perguntei.

-Ainda não.

-Oh, Deus, se tu existes, por favor, livre-me da desdita de ter Arel como instrutor – orei como numa brincadeira.

Ele chegou a sorrir e depois fechou o cenho.

-Acredite, Lienne, eu seria melhor que qualquer outro instrutor aqui. Ou seria o que você poderia chamar de *"mais bonzinho"*.

-Ah, eu acredito em você. Sério mesmo!

# A DOR QUE MATA

Caminhei sozinha
Ele disse que estaria ao meu lado
E não esteve...
Eu caí
Ele disse que iria me amparar
E não amparou...
Entretanto, ele estava certo
Nomes escritos na areia são levados pela maré
Sonhos sem alicerce são desfeitos
Desistir de lutar é o mesmo que morrer
Perdida num pesadelo
Procurando uma saída
Eu encontrei o fogo
Que me destruiria
Encontrei a arma
Que me mataria
A vingança é o que espero
E a guardo escondida no coração
Deixei-me destruir
E ele estava lá
E agora está aqui
Porque ele conhece meus objetivos
Invadindo minha mente
Tentando me transformar
Minha luta tem nome e rosto
Ele me destrói
Eu levanto
E continuo com punhos fechados
Jamais desistirei

Aprendo minhas lições
Conhecer a mim mesma
Respeitar quem está na minha frente
Obedecer as ordens
Ignorar a dor
Humildade para alcançar o explendor
E ele está do meu lado
Quando a tempestade me golpeia
Quando tudo parece perdido
Ele está lá
Sempre me acudindo.

# Capítulo 6 – Aprender.

Chegamos na arena. Dos treze arcanjos, apenas Hazanel estava por lá.

-Como estás, nefilin? – ele perguntou.

-Bem.

-Seu instrutor a espera – Hazanel apontou para um homem no centro da arena. Pelo seu manto negro encapuzado, fazendo um volume nas costas com suas asas escondidas, deduzi que era mesmo um arcanjo quem me treinaria.

-Obrigada, senhor.

-Apenas sobreviva. Você tem muito potencial, Lienne.

-Tentarei, senhor.

Hazanel e Arel se foram e eu caminhei até o centro da arena. Não sabia o que falar. O arcanjo estava de costas para mim.

-Estou pronta, senhor.

Ele retirou o manto e suas asas se abriram. Eram negras como a noite. Porém ele continuava de costas e eu ainda não sabia quem era meu instrutor.

-Qual a lição de hoje? – perguntei.

Ele abriu os braços e virou-se de repente, lançando um golpe no meu peito e me jogando longe. Meu corpo se chocou com a parede do fundo da arena. O choque foi tão forte que perdi o fôlego. Quase não conseguia respirar.

Deitada e arfando, pude ver somente seus pés se aproximarem de mim. Não me atrevi a levantar a

cabeça. Ainda tentava fazer minha respiração se encaixar num compasso rítmico. Fechei meus olhos, esperando que ele dissesse algo. Tudo o que senti foi minha cabeça sendo levantada e, logo a seguir, sendo empurrada contra o solo arenoso e duro. E uma dor aguda surgiu. Depois senti o sangue quente escorrendo pela minha testa.

Me coloquei de quatro na tentativa vã de levantar-me, quando ele chutou meu estômago. A dor era tão forte...

-Desiste? – ele perguntou.

Meus sentidos ficaram alertas no mesmo instante. Eu conhecia essa voz. Forcei-me a olhar para cima e ver seu rosto. Meu corpo gelou de medo e surpresa.

-Pai?

-Desiste? – ele forçou a mesma pergunta.

-Me mataria se eu desistisse?

-Acha que por que sou seu pai eu seria piedoso com você?

Abaixei meu olhar. Ele não seria piedoso, mas estava me testando.

-Por que ainda estás aqui, Lienne?

-Porque ainda procuro uma luz no meio das sombras que eu mesma fiz na minha vida.

Respondi e me esquivei, esperando mais um golpe que não aconteceu. Tornei a fitá-lo e ele sorria com a mão estendida. Aceitei sua ajuda e fiquei de pé.

-Sábia resposta.

-Pai...

Só tive tempo de pronunciar essa palavra. Logo ele me golpeava, quebrando minha perna.

-Desiste?

Ainda no chão, respondi:

-Meu pai ensinou-me a lutar pela vida. Jamais desistirei – falei por entre os dentes.

-Seu pai é um arcanjo com muita sabedoria.

-Dizem que ele é um pouco modesto também.

Arel estava certo. Ele seria um instrutor melhor e muito mais piedoso. Meu pai quebrou meu nariz.

-Conhecer a si mesmo foi a primeira lição, e você entendeu que tudo de errado que lhe aconteceu foi por culpa sua. Respeito é a segunda lição de hoje.

-Perdoe-me, senhor.

-Levante-se!

Eu não queria. Eu achava que não conseguiria. Entretanto, depois de outro chute, percebi que ficar no chão não seria muito seguro.

-Obediência. A terceira lição de hoje. Eu mando, você faz. Entendido?

-Sim, senhor.

-Chute-me com a perna direita.

-Está quebrada, senhor.

-Dói?

-Demais.

-Te desconcentra?

-Sim, senhor.

Péssima resposta. Ele quebrou meu outro braço.

-Agora a dor da perna não será um problema. Obediência é sempre a lição mais difícil para um novato aprender.

-A primeira vez que meu pai me bate e a surra será inesquecível – falei comigo mesma. Só que os arcanjos escutam até quando os mosquitos se acasalam. Ele me pegou pelos cabelos, levando minha cabeça para trás e olhando nos meus olhos com ódio.

-Aqui eu sou seu instrutor e não seu pai.

Depois ele soltou-me e tive que fazer um esforço fora do normal para manter-me de pé.

-Agora faça o que mandei. Chute-me.

Equilibrei-me com a perna esquerda e o chutei com a direita. Assim que meu pé encontrou seu corpo, a dor foi insuportável. Eu controlei meus gritos até aquele momento. Mas a dor que senti, me fez urrar como uma porca sendo assassinada.

-Ignorar a dor. Quarta lição de hoje.

-E quantas lições aprenderei num dia? – perguntei revoltada. Imaginei que morrer seria melhor.

-Cinco – ele respondeu.

-E qual é a quinta?

-Não desistir.

Olhei no fundo dos olhos do meu pai. Parei de gemer, arrastei-me até a grade da arena, apoiei-me nela e fiquei de pé.

-Ignorei a dor e levantei-me – falei com dificuldade.

-Lição extra do dia: humildade.

Um empurrão dos seus braços fortes me fez beijar o concreto mais uma vez.

-Já aprendeu suas lições do dia e sobreviveu à elas. Te espero no mesmo horário amanhã.

E meu pai deixou a arena sem olhar para trás.

Não gosto de fazer o tipo de quem precisa de ajuda, mas era realmente difícil levantar-me dali com dois braços e uma perna quebrados. Arktos logo estava ao meu lado.

-Vamos, garota, levante-se. Se Hazanel te ver assim ele acaba com sua vida.

Me apoiei em seu ombro e fiquei de pé.

-Deixe-a, irmão – falou Arel. – Eu cuido da nefilin. Fui designado seu guardião.

Arktos me olhou.

-Te vejo mais tarde?

Assenti. Ele me deixou aos cuidados de Arel zombando de mim:

-Cuidado com suas orações, elas sempre serão atendidas.

# AMOR E PECADO

O amor machuca
Faz até os anjos sangrarem
O amor leva ao pecado
Fazendo até os anjos pecarem
E existe um lugar
Que guarda o segredo desse amor
O segredo do pecado
E o pecado é proibido de amar
E como proibir o amor,
Se até quem não podia amar
Se prostrou ante a ele?
E por que não pecar,
Se pelo amor o pecado filhos gerou?
E por que não amar,
Gerando o mesmo erro de quem amou?
Sentimento que atingiu o céu
Sentimento que o mundo transformou
Brotando sementes
Descendência de anjos e seus amores
Filhos dos pecados, nascidos de dores
Perseguidos e renegados
Procurados e encontrados
Treinados e testados
Odiados e nunca amados
Somente filhos do pecado...

# Capítulo 7 – Sofrer.

Logo fui levada ao meu quarto. Arel cuidou dos meus ferimentos, deixando-me muito parecida com uma múmia, após terminar com todas as ataduras. Sempre num silêncio perturbador, ele cumpria seu papel.

-Então você é meu guardião agora?

-Sou – ele respondeu com o seu jeito seco.

-E esse trabalho consiste em...

-Cuidar de você, te vigiar – respondeu dando de ombros.

-Me vigiar?

-Você tornou-se uma inimiga em potencial.

-Realmente eu não entendo. Cumpri meu treinamento, respeitei meu instrutor e levei uma grande surra. Estou num estado tão deplorável que não seria capaz de bater num novato recém-chegado. Por que precisaria de vigilância?

-Pelo modo como você luta – ele respondeu.

-Apanhando bastante?

-Sim. Apanhando bastante – Arel continuava com o rosto e a voz inexpressiva.

-Acredito que não conseguirei mais explicações de você.

-Vejo que o treinamento está funcionando, estás quase aprendendo a hora certa de calar-se.

Alguém batia na porta, Arel levantou-se para ver quem poderia me visitar. Era Saron.

-Senhor, eu poderia falar com Lienne? – ela perguntou respeitosamente.

-Seja breve – Arel respondeu dando um passo para o lado, permitindo assim que Saron adentrasse no quarto cavernoso.

-Olá, Lienne. Como você está?

-Quebrada. Acho que morrerei até amanhã – brinquei.

-Amanhã já estarás curada, esse drama não é necessário – Arel falava.

-Há muitos comentários sobre você nos pátios.

-O que eles dizem, Saron? – perguntei.

-Querem saber se você se lembra mesmo de toda sua vida passada. Se a resposta for sim, eu gostaria muito de saber como é o mundo fora desses portões.

Olhei para Arel. Ele balançou a cabeça, mostrando que eu não deveria contar nada à ela.

-Sinto muito, Saron, mas eu não lembro de nada. São apenas flashes, como sonhos – menti.

A nefilin fez um rosto de desgosto e decepção. E eu não conseguia entender a curiosidade de todos eles sobre isso, porque nunca acreditei de verdade que suas memórias fossem apagadas. Imaginei que todos deveriam ter um *back-up* de suas primeiras vidas guardado em algum lugar de seus cérebros. E com certeza eles pensavam o contrário de mim.

-Preciso ir – falou Saron. – Nos vemos durante o jantar.

Assim que ela saiu, voltei a fitar Arel e disse:

-Pensei que anjos não pudessem mentir.

-Não podemos.

-Então por que mandou-me mentir para ela?

-Não mandei você mentir.

-Como não? Procurei um apoio em seus olhos e sua cabeça se mexia, mostrando que eu não deveria contar nada.

-Exatamente. Você não deveria contar nada, não mentir.

-Você me confunde – repliquei.

-Poderia ter dito: *"sinto muito, mas não estou autorizada a falar sobre esse assunto"*. Ou seja, a decisão de mentir foi sua. Costumes de sua outra vida.

-Estás chamando-me de mentirosa?

-Não era o que você fazia?

-Você não sabe nada sobre mim.

-Como guardião, eu precisei saber o necessário. E não importa o que sei sobre você, só importa como vamos mudar seu comportamento. Agora levante-se e vamos jantar.

Não respondi. Não havia nada que pudesse ser dito. Apenas o encarei e senti o coração disparar. Acreditei um dia que nefilins fossem imunes ao amor, porque eu nunca amei ninguém, nem ao meu pai. Porém, o fato de ter Arel ali, mesmo que fosse me atacando com palavras e expressões duras de seu rosto, eu gostava... e temia. Creio que eu temia o amor mais do que o treinamento com meu pai.

-Vamos, Lienne – ele insistia já se dirigindo para a porta.

-Não tenho fome – respondi.

-Não. Você tem sede.

Como uma criança pega numa travessura, eu encontrei-me em pânico. Ninguém poderia saber desse segredo que jamais me atrevi a revelar dentro daquela cidade.

-Como pode saber disso? – perguntei quando me vi capaz de falar sem tremer.

-Te observo muito mais do que imaginas... – e o sorriso do arcanjo mudou. Era mais que deboche, era mais que carinho, era fascinado, era orgulhoso.

-Já percebi que gostas de ver a minha dor – retruquei. Eu estava confusa, os golpes que recebi em meu treinamento tiravam minha razão e me colocavam imagens de um arcanjo e uma nefilin se beijando.

-Não gosto de te ver sofrendo. Mas há certas leis que perduram mesmo fora daqui, em outro mundo, em todos os mundos, Lienne – e agora era seu olhar que perturbava a minha sanidade.

-Mesmo com minha memória intacta, eu não consigo entender o que tentas me dizer, Arel.

Ele suspirou profundamente, fechou os olhos, parecia sereno, e era mais bonito e perfeito quando estava assim. Abriu os olhos e encontrou os meus, caminhou para sentar-se ao meu lado, tirou meus cabelos dos ombros e disse:

-Qual seu maior medo?

-Eu precisaria pensar melhor para dar-te a resposta certa – respondi, concentrando-me para manter o raciocínio.

-Antes de entrar aqui, o que realmente temia? – Arel insistiu.

-Isso seria uma lição que um guardião passa a sua pupila?

-De certa forma, é sim.

-Então eu preciso responder?

-Seria interessante saber esse mistério – e um sorriso diferente estampava o rosto perfeito de Arel.

-Eu temia muitas coisas – respondi me sentindo mais à vontade com ele ao meu lado. – Eu temi o meu pai, ainda tenho medo dele. Eu temi a traição, eu temi os demônios que me perseguiram. Eu temi... – hesitei. Não teria coragem para denunciar esse sentimento.

-Temia o amor.

Sim, os arcanjos são sábios e sabem quando completar nossas frases, sabem quando estar no momento certo e na hora certa, tomando conta de suas palavras e conduzindo momentos que seriam difíceis e constrangedores.

Assenti.

-No seu primeiro dia aqui, me perguntaste se eu tinha filhos. Eu sempre temi o amor, Lienne. Entretando eu caí na pior armadilha que esse sentimento arma para nós.

-Então existe alguém que tomou seu coração?

-Ela sempre teve minha atenção, eu sempre esperei por ela, mas ela nunca percebeu a minha presença.

E eu caí na mesma armadilha. O meu pior temor estava bem ao meu lado: amor não correspondido. E como esse sentimento chega de repente... é como um furacão, destruindo tudo por

onde passa, passando sem aviso, avisando que não tem conserto, consertando a falta de bagunça, bagunçando o que estava certo...

E o olhar de Arel viajava por alguma lembrança inacessível, retomando um curso doloroso de tempos remotos e perdidos. E eu lembrei de Liel...

-Não vou te deixar – Liel protestava ao meu pedido.

-Será que nunca entenderás? Mal posso socorrer a mim mesma! – eu gritava.

-Persis te deixou, te traiu. Ele disse que te amava.

-E eu jamais acreditei, só estava com ele porque era conveniente, Liel.

-Eu te amo. Vou com você para onde fores, estarei contigo até o fim.

-Nefilins não podem amar – respondi secamente, querendo ferí-lo para que me deixasse e salvasse sua vida.

Doeu ver o olhar de Liel. Doeu machucá-lo, doeu deixá-lo. Era difícil entender o que eu sentia por ele, era impossível entender sentimentos bons de um nefilin. Somos um nada, aberrações de um pecado abominável. Até os demônios foram criados por Deus. Nós éramos criaturas esquecidas, que a igreja acreditava ter sido exterminada num dilúvio. Mas os anjos continuaram a existir, continuaram a pecar e a esconder sua prole, jogando-as num mundo cheio de leões humanos. Somos um nada, feitos com

amor, sem amor... Deus é amor, toda criatura tem amor. Os nefilins não.

-Persis é um anjo agora. Ele é capaz de amar. Eu é que não faço parte desse jogo. Só existe ódio dentro de mim. Vá embora, Liel. Meu mundo desmoronou, minha vida não existirá por muito tempo. Salve a si mesmo, não tente provar o que não tem provas.

Ele não partiu. Eu segui meu caminho, servindo de isca, para afastar o mal de perto do amigo que despertou o único sentimento bom em mim, a lealdade.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Eu estava de volta ao presente. Arel passou os dedos pelo meus olhos, tentando secar as dores do meu passado, dores transformadas em líquidos salgados, vazando sentimentos feridos.

-Nefilins não podem amar. Não somos capazes disso – sussurrei.

-E no entanto, você ama. Regras têm suas exceções.

-E suas proibições... – completei.

-Conheces bem o meu mundo, muito mais do que eu conheço o seu.

-O suficiente para entender o que é proibido.

-O suficiente para saber que sangue agora é alimento proibido para você? – e com essa pergunta, Arel acabou com o sentimento bom que brotava em mim, esperança. Eu não era aquela a quem ele desejava, nunca fui.

-Eu preciso dormir. Estou muito cansada.

-Trarei seu desjejum amanhã. Boa noite, Lienne.

## A DOR DO AMOR

E o medo, quem poderá contê-lo?
E a dor, quem poderá detê-la?
E o amor, quem poderá escondê-lo?
E o ódio, quem poderá aplacá-lo?
E as sombras, quem irá iluminá-las?
E as mentiras, quem poderá descobrí-las?
E as verdades, quem irá contá-las?
E quando ele me amar, como saberei?
E quando eu o odiar, como contarei?
E quando eu mentir que não o amo, ele desconfiará?
E quando a verdade estiver em meus olhos, ele descobrirá?
E quando o medo de perdê-lo me atormentar, quem irá me socorrer?
E quando a dor do coração partido afligir, irei morrer?

# Capítulo 8 – Entender.

Eu já estava acordada e pronta para sair quando Arel entrou no meu quarto. Essa atitude provou-me que anjos e arcanjos esqueceram a educação no céu quando foram expulsos de lá. Mas o desjejum que ele tinha deixado ao lado da minha cama mais cedo, amenizou um pouco a sua intromissão.

-Pronta? – ele perguntou. Eu assenti. – Então vamos, seu instrutor a espera.

Caminhei com dificuldade até a arena. Arel imobilizou meus braços e minha perna quebrada com uma tala, atada aos meus membros de maneira rústica, apenas um pedaço de madeira e gazes embebidas em ervas que, segundo ele, me curaria rapidamente.

-Aqui é o fim da linha para mim. Volto mais tarde, na hora do almoço.

-Tudo bem.

Arel hesitou em deixar-me, fato que me fez ficar muito feliz. Mesmo sem que eu pudesse entender o por quê dessa felicidade, sentimento que eu só apreciava quando eu conseguia alguma vitória no mundo em que vivia antes, – lembranças que não me orgulho muito de tê-las – era bom senti-la.

-Ficarás bem, acredite em mim – ele falou tocando em minha face, fazendo-me enrubescer, e sorrindo tranquilamente, como o Arel que eu conheci no meu primeiro dia ali.

Fiquei olhando Arel caminhar até ficar fora da minha visão. Virei-me para o meu pai e disse:

-Estou pronta para quebrar o resto dos meus ossos.

Meu pai estava de bom humor nesse dia, porque essa brincadeira me custaria um golpe forte. E tudo que ganhei foi um lindo sorriso irônico. E eu agradecia à Deus por não ter espelho algum no meu quarto-caverna. Entretanto eu tinha a certeza de que meu olho estava roxo, meu rosto inchado e meu nariz deformado.

-Seu aprendizado não consiste apenas em ossos quebrados – falou-me o instrutor.

-Não?

-Não, Lienne. A lição de hoje é entender. Venha comigo, quero lhe mostrar um lugar especial dessa cidade.

Eu jamais acreditaria se alguém me dissesse que na Cidade dos Nefilins havia um lugar tão perfeito que poderia ser comparado a um pedaço do Paraíso. Mas eu conheci esse lado da cidade, que não sabia que existia, pela companhia do meu pai.

Sentamo-nos na relva verde e macia – um alívio para os meus membros – e começamos a lição do dia.

-Pergunte-me o que quiser, Lienne.

-Qualquer coisa?

-Qualquer coisa – afirmou meu pai.

Eu tinha tantas perguntas que antes não ousaria fazer por temer meu instrutor, e no momento todas elas fugiram de mim. Eu fiquei ali parada, sem

saber o que dizer, fitando meu pai, que ansiava curioso pela minha primeira pergunta.

-É sempre assim, – adiantou-se ele – quando as coisas são proibidas, temos vontade de fazê-las, quando elas nos são liberadas, não sabemos como agir...

Eu queria provar à ele que eu não era como todos os outros – mas eu era. Então joguei o primeiro pensamento que veio na minha mente:

-Por que as mães morrem quando nascemos?

-Lembra-se do que o livro sagrado dizia sobre os nefilins?

-Que eram como gigantes – respondi.

-Sim, é isso mesmo que diz o livro. Mas eles eram homens de estatura normal para um humano, porém sua força era fora do normal. Os homens, quando temem algo, se diminuem diante do perigo. As palavras sagradas daquele livro são metáforas, apenas explicando que os nefilins eram muito fortes fisicamente.

-E por que minha mãe morreu? – insisti.

-Conheces sua força, Lienne.

-Sim, senhor.

-Quando um nefilin está pronto para nascer, ele simplesmente arrebenta os obstáculos que estão no seu caminho.

-Eu matei minha mãe?

-Ela deixou-se morrer. Eu levei nosso melhor curandeiro até ela, nossa intenção era tirar você do ventre dela antes do tempo, salvando ambas as vidas.

-Como uma cesariana?

-Sim. Mas ela temeu pela sua vida e não permitiu que A... – ele falaria o nome do curandeiro, só que hesitou por algum motivo. – Você entende quando digo que sua mãe morreu por você? Não a mataste, Lienne. Ela decidiu que assim fosse.

-Tudo bem. Entendi essa parte. Posso continuar perguntando?

-É para isso que estamos aqui, certo?

-Por que eu me tornei o que era quando bebi sangue?

-Vocês são as únicas criaturas que não foram feitas pelas mãos de Deus, são filhos de um erro que os anjos não conseguiram evitar. Seu corpo físico não é totalmente vivo, e anseia por essa vida tanto quanto uma criança anseia por proteção. Por isso nós, os anjos e arcanjos, protegemos nossa prole para que nunca experimentem o sabor de viver. Entretanto, quando sentem a adrenalina, a endorfina e tantos outros componentes do sangue humano, seus corpos pedem mais, e pagam um preço caro por isso.

-O castigo por um pecado que não cometemos – completei.

-Todo pecado leva às trevas – corrigiu meu instrutor.

-O erro não foi nosso.

-Tirar a vida que não lhe pertence é um grande erro!

Eu jamais conseguiria rebater a sabedoria do meu pai. Por mais que eu tentasse argumentar com

ele, eu sempre receberia um contra-ataque de respostas sábias.

Mudei o assunto.

-Foram expulsos do céu por culpa desse erro, certo? – perguntei.

-Sim.

-Por que continuam protegendo os humanos? Isso não tem... lógica!

-A palavra angelus significa mensageiro. Somos os intermediários entre os homens e Deus, pois nenhum humano pode chegar até Ele, nem mesmo os anjos ou os arcanjos viram a Deus.

-E daí, pai... desculpe, senhor. Vocês foram expulsos de lá. Não precisam mais proteger os humanos, por que temos que ficar nessa cidade lutando e apanhando, apredendo sobre algo que não tem explicação?

-Entenda, Lienne, muitos anjos foram expulsos do céu, cerca da metade de toda legião angelical. Fomos criados com um único propósito, sermos os mensageiros de Deus para a humanidade. Os demônios se ressentiram por tudo o que aconteceu e, desvairadamente, perseguem os homens com o intuito de matá-los.

-Senhor, – eu o interrompi – eu só quero saber o por quê. Já estás ficando repetitivo com essa explicação.

-Ansiedade... grande defeito dos novatos! – ele sorriu – A verdade, Lienne, é que se o fim dos homens chegar, os anjos já não terão utilidade alguma. O fim da humanidade significa o nosso fim.

-Então vocês os protegem por puro egoísmo?

-Todos têm seus interesses.

-Até Deus?

-Ele queria ser adorado, não queria?

Sim, eu jamais alcançaria a sabedoria do meu pai.

-Por que eu... – eu queria mesmo fazer esta nova pergunta, só que era tão difícil admitir o que eu sentia, que eu travava, tinha um bloqueio de palavras. – Quero dizer, eu sinto... Eu quero, agora mais do que nunca, - ganhei coragem – chamar-te de pai e te abraçar.

-Você morreu, Lienne, seus sentimentos mudaram.

-Não sou mais uma nefilin?

-Ainda é minha filha, sempre será. Só que, ao renascer, ganhaste o amor. Aproveite-o.

-Por que nunca me contastes essas coisas quando eu estava fora daqui? Eu me ressentia por isso, pai, eu queria o seu amor – o acusei para livrar-me da vergonha de ser uma nefilin apaixonada por seu guardião e admirando cada vez mais seu instrutor.

-Eu dei-te todo o meu amor, Lienne. Fui o rei dessa cidade um dia, ocupava o lugar que agora pertence a Hazanel. E desisti de tudo para ficar ao seu lado, proteger-te. Qual outro nefilin você conheceu que não fosse órfão no mundo humano?

Era verdade o que meu pai dizia. Lael era órfão e todos os outros que eu conheci também. As mães morreram e eles nunca conheceram seus pais,

mesmo eles aparecendo de vez em quando para protegê-los de longe, sem nunca se revelarem. Eu era a única que tinha um arcanjo sempre a me proteger. Ele me amava e esteve sempre ao meu lado, porém eu nunca fui capaz de reconhecer tal ato, nem ali, diante da verdade, eu era capaz de expor isso em palavras.

Vi a silhueta de Arel ao longe.

-Seu guardião vem buscar-te – Caleb comentou.

-Tenho pena dele. Arel é bem altruísta para um arcanjo. E obediente também. Eu jamais aceitaria um trabalho que fosse mais do que uma obrigação.

-O que queres dizer com isso?

-Posso chamar-te de pai, senhor? Ou terei que falar de maneira formal?

-Chame-me como quiser.

-Senhor instrutor, - falei com raiva da resposta que recebi – tenho a certeza de que Arel não aprecia o fato de ser meu guardião.

-Como podes dizer isso, se foi o próprio Arel quem pediu essa missão?

Eu realmente não imaginaria isso. Fui pega de surpresa pelas palavras de Caleb.

-Isso é verdade, pai?

-Minha filha, eu não posso mentir.

E o medo tomou conta do meu coração. E se Arel me rejeitasse? E quando eu tivesse que partir? E se eu morresse durante os treinamentos ou a prova final?

# O VINHO DA VIDA

Inebiante, diferente, abrasador.
Forte, quente, acolhedor.
Delicioso, diferente, um novo sabor.
Pulsante, entorpecente, inovador.
Hipnotizante, sensual, um novo ardor.
Sussurrante, misterioso, inquisidor.
Criativo, arfante, um novo temor.
Desejado, ansioso, torturador.
Errante, feroz, um novo amor.
O vinho da vida, a droga que mata
O vinho que pulsa, um corpo que abraça.
O sangue sussurra, chama, entorpece
O vinho que hipnotiza, cria, amortece.
Desperta-me para a vida,
Segue meus passos
O vinho que cura feridas
O sangue que destrói os laços.
Ele inebria, acolhe, pulsa, entorpece,
Ele hipnotiza, sussurra, acusa e fere.
O vinho da vida que usa
A quem a ele cede.

# Capítulo 9 – Lembrar.

Segui em silêncio, ao lado de Arel, até o salão onde as refeições eram servidas. Como de costume, sentei-me ao lado dele e de Arktos, a mesma mesa onde os arcanjos sentavam-se. Saron aproximou-se da mesa, ajoelhando-se ao meu lado para dizer:

-Vem almoçar conosco hoje, Lienne.

Olhei para trás e vi Mikael e Halina acenando para mim.

-Acho melhor não me envolver com ninguém e, além do mais, estou incapacitada de ficar por aí – respondi da maneira mais rude que encontrei, fazendo Saron abaixar a cabeça em sinal de derrota.

-Não há mesmo possibilidade alguma de termos a sua companhia hoje? Gostaríamos muito de conversar com você – insistiu quase sem esperanças.

-Não.

-Vá se divertir com os mais jovens, Lienne – era a voz do meu pai, Caleb.

-Obrigada, senhor. Estou bem aqui – e eu estava mesmo. Arel estava ao meu lado.

-É uma ordem – falou meu instrutor.

Frustrada, levantei-me com dificuldade. Percebi um sorriso tímido no rosto de Saron.

A segui até onde estavam os outros. Pensei que ficaríamos dentro daquele salão. Mas eles me levaram para outro local. Sentamo-nos numas pedras próximas ao rio que cruzava a cidade. Mikael acendeu uma fogueira e esquentava nossa ração.

Alfeu apareceu por lá e juntou-se a nós. Todos conversavam descontraidamente, enquanto eu me guardava em silêncio, apenas observando.

As ataduras feitas por Arel atrapalhavam-me um pouco, então comecei a retirá-las por conta própria, uma desculpa para livrar-me também do cheiro irritante das ervas que foram aplicadas junto com a bandagem.

-Como estão seus braços? – Mikael perguntou.

-Melhores. Prontos para serem quebrados novamente.

-Você é impressionante! – comentou Alfeu.

-Sim, apanhar tornou-se minha especialidade.

Todos se entreolharam. Fiquei intrigada.

-Acho que não entendestes meu comentário, Lienne – continuou Alfeu. – Eu falava do modo como lutas.

-Então eu entendi perfeitamente, nefilin. Disse que entendo a expectativa que fizeram sobre a minha pessoa, entretanto ficaram impressionados com a minha capacidade de ser péssima.

-Não, eu quis dizer que você luta muito bem.

Eu ri.

-Se eu lutasse bem, estaria inteira agora.

-Ou morta – completou Mikael. – Seu pai é o arcanjo mais forte desse lugar, um golpe dele em um de nós acabaria em tragédia.

Não respondi, porque não sabia até onde o que ele dizia poderia ser verdade. Todos eram muito maiores que eu, até mesmo Halina era mais alta e parecia ser muito mais forte.

Mikael puxou algo do bolso detrás de sua calça – devo dizer raríssima naquela cidade – jeans. Era um maço de cigarros. Acho que ainda não expliquei parte da vida de um nefilim, mas é certo dizer que, transformando-se ou não em vampiro-nefilin, temos as mesmas necessidades físicas que um humano, e vícios estão entre elas. Nós comemos, bebemos, dormimos – não fora daqui, porque na Cidade dos Nefilins só os anjos não dormem, porém na terra, nenhuma criatura, fora os humanos, dorme - , fumamos, bebemos, somos viciados em chocolates, precisamos de banho e de usar o banheiro. Enfim, somos imortais, mas somos viciados.

Olhei para o tesouro nas mãos de Mikael como se desejasse aquilo mais que a minha própria vida.

-Como conseguiu isso? – não resisti a tentação de perguntar.

-Tenho meus mistérios e segredos também – Mikael respondeu vitorioso. Tirou uma garrafa de vinho que estava escondida numa moita e a abriu sem esforço algum. – Toma, o vinho eu divido, o cigarro eu vendo.

Olhei em volta, procurando olhares que poderiam nos denunciar. Com certeza aquilo era proibido, um produto que vinha de fora, um contrabando.

-Alguém pode nos descobrir aqui. Posso ter cara de maluca ou qualquer outra coisa, mas não quero encrenca com os anjos. Se os treinamentos são intensos, imagino os castigos – respondi.

-Relaxa – respondeu Saron. – Os arcanjos são orgulhosos e metidos demais para sentarem-se com os nefilins, a classe mais baixa desse mundo. Arel nunca vem até aqui. Arktos sabe, mas faz vista grossa, entende? Finge que nunca viu nada. E seu pai está muito preocupado em decidir como vai quebrar mais alguns de seus ossos.

-Sendo assim... – dei de ombros e aceitei um gole do vinho. Era a sensação mais fascinante que eu sentia naquela cidade. – Como posso conseguir um cigarro?

-Já disse quem o cigarro tem um preço – respondeu Mikael.

-Como posso pagar? Não tenho nada aqui.

Todos riram, como cúmplices, eles já tinham um plano em mente.

-Olha, nefilin, – continuou Mikael – um cigarro te custará uma pergunta respondida... uma pergunta de cada um de nós.

-Perguntas? Sobre o que?

-Sobre sua vida na terra – respondeu Saron.

-Mas eu já disse que não lembro de nada concreto.

-E nós sabemos que mente. Todos conhecemos nossos pais antes de virmos para cá, mas esquecemos de seus rostos, seus nomes, esquecemos até de quem somos ou costumávamos ser – disse Saron.

-E naquela luta que tivemos juntos, tivemos a certeza de que você lembrava-se de tudo – comentou Alfeu.

-Tudo bem, não há como escapar dessa verdade. Podem perguntar, mas, por favor, dê-me o cigarro – pedi.

Mikael estendeu o maço e o isqueiro. A primeira tragada... sentir aquela droga entorpecendo meu corpo, deixar a fumaça sair pelas narinas... eu sentia falta dessa sensação.

-Primeira pergunta – falou Halina. – Quando parou de crescer?

-Acho que foi quando eu tinha uns dezessete anos. Foi difícil chegar aos vinte e três com a aparência de uma adolescente. Passo por, no máximo, dezenove – respondi prontamente.

-Minha vez! – exclamou Saron. – Namorou alguém, um humano ou nefilin?

-Eu tive um caso com um anjo transformado.

-Como virou uma vampira? – era a vez de Alfeu perguntar.

-Foi numa festa... – imagens fortes voltaram até o dia em que tudo aconteceu sem que eu soubesse. Me desprendi de respostas sucintas e relatei tudo com detalhes.

Chegávamos numa festa oferecida por um dos alunos do terceiro ano da faculdade de direito. Eu e Liel fomos convidados por um amigo em comum, o nefilin Bartel. Parecia uma festa comum, para os humanos. Mas nós, os nefilins, nos reconhecíamos pelo olhar, e aquela festa estava lotada deles. Foi a maior reunião de nefilins que eu tinha visto antes de entrar na cidade. E tudo tinha um objetivo, tudo

estava marcado para acontecer. Foi nessa festa que conheci Persis, um anjo transformado, um ser que um dia foi um como um de nós. Ele era perfeito, sabia esconder suas asas de forma que os humanos jamais suspeitassem dele.

Os nefilins não amam. Os nefilins desejam. Os nefilins fazem sexo.

Eu desejava Persis.

Persis me desejava.

Iniciamos uma paquera agradável, para o desespero de Liel.

Persis aproximou-se de mim.

-Um copo de vinho? – perguntou estendendo uma taça cheia de um líquido vermelho hipnotizante.

-Não – Liel respondeu por mim. – Estamos bem.

-Você está bem, – falei – mas eu quero o vinho.

Persis sorriu e entregou-me a taça. Virei devagar, o líquido quente na minha boca.

Inebriante.

Abrasador.

Delicioso.

Era o melhor vinho que eu experimentara. Porque não era só vinho, era vida. A vida que eu jamais poderia possuir.

Aquele vinho transformou-me de tal forma, que eu me vi, sem que pudesse perceber, nos braços do anjo mais desejado daquela festa. O beijava com intensidade, ansiando que ele me possuisse.

-Venha, querida – ele sussurrou.

Eu o acompanhei, nossas mãos entrelaçadas. Com um único olhar, ele chamou uma humana, que logo juntou-se a nós.

-Uma festa a três? – perguntei enciumada.

-Um banquete para minha nova rainha – Persis respondeu.

Entendi suas palavras quando a humana se aproximou. Seu sangue pulsava, convidando-me a invadir suas veias, seu coração batia forte, levando a adrenalina pelo corpo, aquecendo meu alimento, tornando a droga mais entorpecente.

Persis a segurou pelo pulso e, com unhas fortes, cortou-lhe a carne, expondo suas veias.

-Alimente-se, Lienne. Experimente o que tanto te negaram.

Não foi preciso pedir duas vezes, eu já me via destroçando a vida insignificante daquela desconhecida. E foi quando tudo mudou.

Não me recordo de como voltei para casa, não me recordo de nada depois daquele momento tão especial. Mas lembro-me de que tentei seguir meu dia normalmente, até que abri a janela do meu quarto e o sol queimou meu braço. Tentei esconder o fato do meu pai. Porém, é impossível enganar um arcanjo. Ele escutou meus gritos e minha ânsia por esconder-me do sol.

-O que você fez, Lienne? – ele perguntava aflito.

-Eu não sei... eu não sei por quê, eu só...

O medo. Ele atormentava-me naquele instante.

-Você bebeu sangue? – Caleb perguntou preocupado.

Assenti. Ele afastou-se de mim, como os demônios fogem dos iluminados.

-Estás condenada a viver nas sombras, condenada a escuridão eterna!

-Eu não quero isso, pai – respondi chorando.

-Deverias ter pensado nisso antes.

-Não me abandone – implorei.

Meu pai fechou as janelas do quarto, tirou-me do meu esconderijo e me abraçou.

-Jamais vou te abandonar.

-... e foi assim que me tornei uma criatura da noite – terminei a história, percebendo que deixei as lágrimas escorrerem.

Um longo silêncio.

-Sabia que seu pai era um anjo? – perguntou Mikael.

-Por um tempo eu o achava um louco lunático. Depois conheci outros nefilins, mesmo assim eu achava que meu pai era só mais um no meio de muitos. Acho que só acreditei de verdade quando conheci Persis e vi suas asas.

-Como foi sua primeira vez? – Saron tornou a perguntar.

Eu sorri.

-Mais uma rodada? Isso tem que me render mais um cigarro.

-Perguntas é o que não faltam – falou Mikael.

Ele me estendeu o maço novamente. O prazer de sentir a nicotina no corpo era tão boa, que valeria todas as perguntas do mundo. Aceitei.

-Minha primeira vez foi com Persis, como já contei – dei uma tragada no cigarro. – Ele foi perfeito. Gentil, educado, cuidadoso, carinhoso. Minha primeira vez foi a melhor de todas.

-Onde você transou com ele? Naquela festa? – Alfeu, safado como os machos de qualquer espécie, perguntou.

-Eu não transei com ele – respondi.

-Mas acabastes de dizer que sua primeira vez foi com Persis e que foi perfeita - Alfeu protestou.

-Minha primeira vez matando um humano. Persis ficou do meu lado, me ensinando, cuidando para que eu não fizesse nada de errado.

-Mas eu lhe perguntei sobre sua... sabe? Sua primeira vez, sexo. Entendeu? – disse Saron.

-Então não posso responder a sua pergunta.

-Por que não?

-Porque eu... é melhor não responder.

-Você é virgem? – Halina perguntou.

-Não.

-É mentira – comentou Alfeu. – Você é virgem!

-Hei, pessoal. Acho que isso não importa. Não vamos deixar a moça envergonhada – gritou Mikael, piscando para mim logo após eu sibilar um "obrigada". – E nosso descanso acabou. É hora da surra com nossos instrutores.

Todos levantaram-se reclamando.

-Ainda nos deve respostas – alertou-me Halina, brincando.

Me vi a sós com Mikael. Aproveitei para lhe perguntar:

-Como consegue essas coisas?

-Tem saudade do mundo humano? – ele rebateu com outra pergunta.

-Não. Mas preocupo-me com Liel. Eu gostaria de saber como ele está.

-E se eu te disser que sou o único nefilin dessa cidade a saber como se entra e sai sem ser descoberto?

-Eu diria que preciso sair com você da próxima vez.

-Isso te custará um preço.

-Qual?

-Um beijo.

-Esqueça. Eu me viro sozinha.

-Espere, eu estava brincando. Falo com você quando eu decidir sair novamente – dito isso, Mikael seguiu o caminho de volta ao pátio das arenas.

Eu caminhava com mais dificuldades sem as talas que imobilizavam meus membros. Mas cheguei até a porta do salão-refeitório. E vi Arel ali. E meu coração disparou.

# ROSTO DE ANJO

Rosto angelical
Olhar demoníaco
Sorriso infantil
Ódio contido
Ela luta
Desespera
E nada acerta
Seus sonhos encontram o ar
Seus medos a sondam
Nada reconhece
Nada recorda
O corpo estremece
O medo a sufoca
O rosto de um anjo
O olhar de um demônio
Inocência estampada
Na vida despedaçada
Lembranças perdidas
Realidades de outra vida

# Capítulo 10 – Ajudar.

-Onde estão suas talas? – Arel perguntou.

-Eu as tirei, estavam incomodando-me.

-Sente-se melhor?

-Não, ainda dói.

-Você precisa ficar melhor, terás que se apresentar na arena hoje.

É claro que sim, só que eu entendi errado essa parte. Eu estava certa de que o treinamento teórico tinha acabado e que meu instrutor estava ansioso para dar-me uma nova surra.

Uma menina assustada, com a aparência de ter no máximo uns quinze anos – entretanto essa não seria a idade dela, com certeza. Nós, os nefilins, paramos de crescer na idade entre os quinze e os dezenove anos. – Essa garota tinha os cabelos loiros claríssimos e mechas azuis, o que a tornava mais interessante. Ela era linda, parecia mesmo um anjo. Estava acompanhada de Kandake, um dos anjos instrutores. Eles aproximaram-se de mim e de Arel. Foi quando eu reparei melhor na pequena esquisita. Eu a conhecia, ela esteve numa das festas malucas de Persis. Ela fitou-me, apertando o olhar, forçando a mente e lembrar-se de algo.

-Eu te conheço - exclamou a garota.

Olhei para Arel, buscando a ajuda que não encontrei. Respondi o que veio a minha cabeça, ou seja, uma mentira.

-Desculpe-me, mas eu não lembro de nada.

A garota suspirou frustrada.

-Eu também não.

Arktos passava por ali, parecendo apreensivo e apressado.

-Pai? – chamou a nova nefilin.

Arktos estancou no mesmo instante. Seus olhos faíscavam uma vontade e sua boca hesitava palavras que não queriam ser ditas.

-Não sou seu pai – Arktos respondeu e seguiu seu caminho.

Sim, ele era o pai daquela nefilin.

-Deixe eu apresentá-la aos que serão parte de sua nova família aqui – falou Kandake. – Este é Arel e esta é Lienne, uma das alunas. E esta é Séfora, nefilin recém-chegada.

-Olá – forcei um sorriso no meio das dores que eu sentia.

-Seja bem vinda – respondeu Arel com a mesma simpatia com que me recebeu assim que cheguei por lá.

Séfora respondeu com o olhar tímido. Era engraçado ver como ela se agarrava a um ursinho de pelúcia marrom, sujo e velho, como se fosse seu único companheiro no mundo. Fato que dava a ela um ar mais angelical e inocente.

Kandake seguiu com Séfora para apresentar-lhe o resto da cidade.

-Você a conhece – falou Arel assim que ficamos a sós.

-Conheço.

-Por que mente tanto, Lienne?

-Não sei, mas você acha que seria melhor confundir mais a cabeça daquela garota? Tem certas mentiras que são necessárias.

-Omissões são necessárias, mentiras não!

-Mentiras não?

-Mentiras não.

-Então diga-me, senhor guardião, quem era seu grande amor? – Provoquei Arel.

-Uma informação que não lhe interessa.

-E o fato de não poder mentir? – retruquei.

-Eu não menti, eu omiti. É diferente – e Arel sorriu vitorioso. – Agora pare de bobagens e beba isso.

Arel entregou-me um pequeno frasco com um líquido incolor. Obedeci as ordens do meu guardião e virei de uma vez. Aquilo desceu queimando mais que tequila pura. Por um momento eu não senti nada, logo a seguir minha cabeça rodou, meus membros ficaram flácidos, dormentes, e eu prostrei-me. Um suor frio brotava dos meus poros e fui obrigada a deitar-me ali mesmo, sujando meu rosto no barro úmido. Uma dor intensa atingiu meu estômago, e regurgitei tudo o que meu corpo havia consumido. Olhei com dificuldade para Arel e exclamei como consegui:

-Você me envenenou!

-Se eu quisesse te matar, teria uma maneira mais fácil e mais rápida, mas essa não é minha intenção, apesar de ser minha vontade. Vamos, levante-se, isso logo vai passar.

Arel ajudou-me – mais uma vez – e consegui me levantar. Ainda suava e estava toda suja. Ele levou-me até uma espécie de cozinha, sentei-me numa cadeira e deixei que ele cuidasse de mim. Meu guardião pegou uma toalha úmida e limpou meu rosto. Foi um momento tenso e mágico. Ele parou por um segundo e nos olhamos profundamente. Uma reviravolta no meu cérebro tomou conta do meu corpo e atingiu meu coração, que batia mais acelerado que o normal. Sua mão escorregou para o meu ombro, nossas cabeças ficaram próximas, nossos olhos fixos na imensidão de nossas almas. Um passo em falso e o pior aconteceria.

Arel logo recuperou a razão e afastou-se.

-O que foi aquilo que tomei? – perguntei após recuperar-me de uma ilusão vivida só na minha mente, de um quase-beijo que não poderia acontecer...

-Só o que você precisa saber é que aquilo vai curar-te. Vamos, tente levantar-se e diga-me se seus ossos ainda doem.

Obedeci ao meu guardião. Era como um milagre, eu estava curada... e curiosa.

-Não vai mesmo contar-me o que tinha naquele frasco? – insisti.

-Apenas ervas e outras coisas que usamos aqui.

Ervas... louvadas sejam as ervas! Eu estava perfeita.

-Você foi convocada, Lienne. Precisa comparecer na arena. Agora que estás melhor,

acompanhe-me, por favor – Arel era educado, mas sua voz voltara a ficar seca e sem emoção.

-Um grande progresso. Não falamos mais "siga-me". Agora usamos "acompanhe-me, por favor" – sussurrei, imitando o mesmo jeito de Arel falar. Ele escutou, entretanto nada retrucou, apenas riu baixinho.

Caminhamos pelos pátios da cidade até chegarmos na arena onde estavam Hazanel, Caleb, Kandake, Séfora, Arktos, Mikael e Alfeu. Continuei ao lado de Arel até o centro da arena. Como meu pai estava por lá, eu apenas entendi que Kandake apresentava Séfora aos outros. Mas a notícia que recebi não foi o que eu esperava.

-Como ela está? – meu pai perguntava a Arel, como se eu não estivesse por lá.

-Pronta, senhor – Arel respondeu.

-Ótimo, vamos começar logo com isso – falou o arcanjo Hazanel.

-O quê? Eu vou passar por outro teste? – perguntei confusa.

-Não – meu pai respondeu. – Séfora fará o teste. Você vai ajudar-nos.

-Como assim? Querem que eu lute com a recém-chegada?

-Sim, da mesma forma que você lutou com os outros nefilins.

Virei-me para o arcanjo Hazanel, que estava com o manto aberto, expondo seu tórax nu e pude ver as marcas angelicais de seu corpo, como tatuagens excêntricas, iguais as que meu pai tinha.

-Senhor, não estou preparada para lutar contra a criança recém-chegada – protestei na esperança de que Hazanel livrasse-me de tal ordem.

-Vi seu treinamento, estás mais do que preparada, nefilin. E Séfora não é nenhuma criança, ela é mais velha que você – respondeu o arcanjo.

Não tinha mesmo como fugir dessa missão. Entretento, eu não temi por mim, mas pela garota. Mikael seria o primeiro – assim eu pensava – a acabar com a vida de Séfora.

Kandake explicava para a nova nefilin sobre como seria seu teste. Ele era atencioso e dava todo o apoio para a garota, dizendo que ela se sairia bem.

-Venha, Lienne. Serás a primeira contra Séfora – falou Kandake.

Não havia como protestar. Caminhei até o centro da arena e, como se tivesse sido alertada por alguém, Séfora não perdeu tempo. Logo vi seu ursinho sujo e fedido sendo lançado longe e seu punho voando na minha direção. Me esquivei, mas não revidei os golpes. Ainda tinha pena dela.

Uma sequência de golpes aleatórios e bobos. Era fácil de perceber que Séfora nunca lutara antes, mas que teve uma tentativa – inútil – de ser treinada para isso. Agradeci aos céus por meu pai ser um arcanjo e um bom lutador, seus ensinamentos muito me ajudaram quando foi a minha vez de lutar.

Decidi terminar de uma vez com o sofrimento de Séfora. Mikael jamais seria piedoso numa luta infantil com ela, eu mesmo podia comprovar isso.

Um só golpe, um só soco, do jeito que fui ensinada, concentrando toda a minha força no punho. Isso foi o suficiente para derrubá-la.

Fui até a nefilin.

-Desculpe por isso – falei e virei-me, encontrando o olhar de Caleb. – Estou pronta para o nosso treinamento.

Ele saiu na frente e fomos para uma arena vazia. Dessa vez eu fui mais esperta. Eu conhecia muito bem os movimentos daquele arcanjo, vivi cerca de vinte e três anos ao lado dele e eu sabia exatamente qual seria seu próximo movimento, se virar de repente com o pé na direção do meu rosto.

Me abaixei, livrando-me do golpe. Eu advinhei o primeiro movimento, e esqueci do segundo. Enquanto eu sorria por dentro, orgulhosa por ter sido mais rápida, sua mão alcançou meu nariz e parou centímetros antes de golpeá-lo.

-Humildade, Lienne. A luta não acabou.

-E qual foi a sua lição, senhor? Piedade? Poderia ter me batido.

-Se é o que desejas...

Eu nem saberia explicar o que aconteceu, mas aprendi a nunca mais provocar meu instrutor.

# JULGAMENTO

Acusada
Convocada
Interogada
Uma só oportunidade
E a vingança toma forma...

# Capítulo 11 – Acusar.

Hora do jantar. Novamente a mesma porcaria racionada. Dessa vez, os nefilins nem precisaram chamar, logo fui ao encontro deles. Mikael, como sempre, era o primeiro a manifestar-se quando me via.

-Olá, nefilin.

-Oi, pessoal – respondi.

Séfora estava com eles, ainda agarrada ao ursinho encardido dela. Analisando-a melhor, eu pude ver que seu rosto era inocente, mas seu olhar era forte e intenso, cheio de uma malícia sensual.

Sentei-me ao lado de Alfeu.

-Ainda nos deve respostas – ele brincou.

-Assinei algum contrato? – rebati.

-Essa doeu – comentou Mikael, arrancando risadas das meninas. – Vai contar-nos mais?

-Não sei. Creio que já conheces o suficiente do mundo fora desses portões.

-Não conheço os seus segredos, Lienne. E você é a melhor daqui para dar-nos os detalhes.

-Que detalhes?

-Sobre quem somos, por que essa guerra toda, por que estamos aqui.

-O que aprendem com seus instrutores?

-Lutas – respondeu Saron.

-Só lutas?

-Só lutas. E paqueras – Saron sorriu.

-Arktos é um podre – resmunguei contra o instrutor de Saron, sempre solícito e atencioso, e lindo... fazendo as nefilins delirarem por ele.

Uma pequenina mão branca avançou na minha direção, mas foi detida por outra maior.

-Lutas só serão permitidas dentro da arena. Uma falta dessas será castigada – Arel falava firme.

Séfora soltou-se de Arel e, com o rosto emburrado, falou:

-Nunca mais atreva-se a falar contra meu pai.

Eu encarei a pequena nefilin. Jamais a temi, eu acabaria com ela em dois segundos. Também não desviaria meu olhar, mostrando quem era a mais forte. Mas Séfora era tão tinhosa quanto eu, e mantinha o olhar fixo no meu.

Por fim, ela cedeu.

Eu venci.

-Venha, Lienne. Hazanel te chama – disse Arel.

Não ousei perguntar para meu guardião o motivo da minha presença solicitada tão repentinamente no salão dos Treze Tronos. Mas fiz um pedido:

-Ficarás ao meu lado?

-Se assim desejares.

-És meu guardião. Preciso que fique comigo.

-Então ficarei.

Paramos diante da porta do salão. Arel olhou-me da mesma maneira que havia feito mais cedo.

-Por que, Lienne?

-Desculpe, senhor, mas não entendo a sua pergunta.

-Pare com essas formalidades. Isso não combina com você.

-Fica difícil saber como me comportar. Primeiro dissestes que eu precisava ser domada. Quando aceito o desafio de tentar me comportar, me pedes para encerrar as formalidades – falei sem paciência.

-Eu aceitaria seu novo comportamento, se não fosse um ato de deboche. Lienne, você agrada-me do jeito que é. Quando pedi para que mudasse seu comportamento, eu falava das coisas erradas, das mentiras, do desejo de sangue, de vingança. Nunca pedi para que mudasse sua verdadeira personalidade. Eu quero você, não um robô.

Meus lábios assumiram vontade própria naquele momento e sorriram.

-Você me deseja? – perguntei.

-Não foi o que eu quis dizer – o ar de desprezo voltou ao seu rosto.

-Por que foges de mim, Arel? Por que ainda a ama, é por isso?

-Sim.

-E eu jamais saberei quem é ela?

Arel não respondeu. Entretanto seus olhos pediam para que eu adivinhasse quem era a dona de seu coração, quem era a felizarda que fizera um anjo cair de amores por ela.

A porta do salão abriu-se e meu pai apareceu.

-Entre, Arel – ele ordenou.

Ficamos a sós.

-Sugiro que não minta para os arcanjos – falou meu instrutor.

-Estou encrencada?

-Não, por enquanto.

-Poderia ser mais específico, por favor?

-Apenas não minta e tudo ficará bem.

Assenti. E pela primeira vez naquela cidade, ganhei um abraço carinhoso do meu pai. Depois entramos. Imitei cada gesto de Caleb. Ajoelhei-me perante os arcanjos e falei respeitosamente:

-Senhores, recebi seu chamado e aqui estou.

-Levante-se, nefilin – bradou Hazanel. Assim que coloquei-me de pé, ele andou até a minha direção. Eu já não o temia tanto quanto no primeiro dia. Hazanel era simpático e carismático. – Precisamos de algumas informações.

-Pois não, ajudarei no que for necessário – respondi.

-Conhecestes a recém-chegada. Ela é um tanto agressiva, talvez mais que você, entretanto não tem a mesma força que a sua. O que podes nos dizer sobre ela?

Olhei para o meu pai, que sibilou um "não minta". Tomei fôlego e respondi:

-Posso dizer que ela é filha de Arktos e que tem poucas lembranças de sua primeira vida – respondi com a verdade.

-Isso nós pudemos constatar. O que lhe pergunto agora, nefilin, é se tens alguma idéia de como Séfora pode lembrar-se de seu pai.

-Na verdade, senhor, acho que posso responder essa pergunta. Lembro-me de ver Séfora numa das festas que um amigo meu costumava dar. Festas que chamávamos de "encontro de nefilins".

-Continue – ordenou o arcanjo.

-Eu nunca vi nenhum dos outros nefilins dessa cidade numa dessas festas. Porém, é certo que eu e Séfora lembramos de nossas vidas. Seguindo o raciocínio lógico, entendo que ela também era uma vampira-nefilin.

-Sim. Isso é verdade.

-Então é possível que a primeira dose de sangue que ela tomou tenha sido na primeira festa. Uma taça de vinho com sangue e alguma outra droga que era oferecida aos nefilins puros.

Um murmúrio suave soou entre os outros arcanjos. Novamente busquei o olhar do meu pai, que assentiu aprovando a minha atitude.

Hazanel refletiu por alguns instantes, depois continuou o interrogatório:

-Sabes qual seria essa droga?

-Não, senhor.

-Sabes qual o motivo para drogar um nefilin e transformá-lo num bebedor de sangue?

-Não, senhor.

-Conheces o nome de quem oferecia essas festas – não era uma pergunta que Hazanel fazia, era uma ordem. Ele queria que eu revelasse o nome de quem estava ao lado do rei das Trevas, alcançando os nefilins e transformando-os.

Essa era a minha chance, a primeira oportunidade de vingar-me pelo desprezo e falsidade que sofri. Hesitei para responder. Minha memória avivou o dia em que busquei ajuda de quem pensei ser meu grande amigo...

Fugir do tribunal eclesiástico foi fácil. Eles não faziam idéia do que eu era na verdade, eles não acreditavam mais na existência dos nefilins. Acreditavam nos anjos. Acreditavam nos demônios. Acreditaram que tínhamos sido exterminados durante o grande dilúvio que assolou parte da humanidade. Mas os anjos continuaram a pecar. E eu existia, assim como muitos. E fui por eles considerada um demônio.

Eu corria pela noite, em busca de ajuda, da única ajuda real, eu corria para Persis. Há muito eu havia descoberto que ele fora um nefilin, transformara-se num anjo e aliou-se às forças do mal, seguindo o Rei das Trevas e tornando-se uma espécie de demônio admiravelmente lindo. Ele levou-me ao encontro do rei pela primeira vez. Persis saberia como ajudar-me.

Desviei do meu caminho várias vezes, livrando-me dos demônios que me perseguiam. Até que cheguei ao meu destino. Entrei sem bater, caminhei direto para a sala que ele usava como escritório.

-Persis, ajude-me – implorei.

Ele sorriu. Pensei estar salva de tudo.

-Diga à eles, diga que sou inocente. Não fui eu quem revelou aos padres sobre os rituais.

-Infelizmente não posso salvar-te e, acredite, Lienne, isso será o melhor para você – Persis respondeu ainda com seu sorriso perfeito estampado no rosto.

-Morrer é o melhor para mim? – perguntei sem acreditar nas suas palavras.

-Amor, seu pai jamais deixará que nada te aconteça. Ele te mandará para a cidade que transformou-me num anjo. Voltarás para mim mais bela e perfeita, serás totalmente imortal. Imagine o tesouro que serás para o nosso rei.

Então era isso. O desejo de Persis era levar-me à desgraça para que eu fosse aceita naquela maldita cidade que eu nem acreditava que existia.

-Você planejou isso – retruquei.

-Seus amigos humanos são bem influenciáveis. Principalmente quando estão apaixonados... ou revoltados. Veja bem, meu amor, Daniel te ama e odeia o fato de estarmos juntos. Valéria ama sua fé e Mariana, essa foi a mais fácil. Ela te odeia porque Daniel te ama. Viu? Os humanos são piores que os demônios. Eles odeiam, não perdem uma só oportunidade de destruir o próximo pelo simples fato de não terem sido atendidos em seus desejos, como crianças mimadas e birrentas – Persis falava com ódio, perdendo seu controle, sempre tão perfeito e exemplar. Ele levou as mãos na testa e suspirou. Já mais calmo, continuou: - O que quero dizer, Lienne, é que acredito em você, tenho a

certeza de que voltarás para mim, como um anjo. Entregarás sua virtude ao Rei das Trevas e depois serás minha rainha para sempre. Seguiremos juntos no nosso reinado. Destruiremos esses porcarias dos humanos, seremos invencíveis.

-E tudo o que o nosso rei deseja é minha virtude? Isso eu posso dar-lhe agora mesmo. Sei que uma prole dele jamais poderia nascer de mim. Nem agora e nem depois. Nefilins e anjas não são capazes de reproduzirem.

-Sua virtude seria um lindo banquete para o nosso rei. Mas eu confio em você para saber o caminho de volta para aquela cidade.

Eu pensei por um minuto inteiro. Concluí que Persis era o pior demônio que eu conhecera.

-Como podes confiar tanto em mim, Persis? E se eu não lembrar-me de nada quando sair de lá?

-Você lembrará.

-Como, Persis? – insisti.

-És a última nefilin descendente de um arcanjo. E fostes a primeira a provar do nosso vinho especial.

-Sim, o vinho. O que tinha naquela merda, Persis?

-Quando você voltar eu te conto. É a nossa promessa, meu amor.

-Eu fui só uma experiência para você.

-Não, Lienne. Você é a nefilin que eu amo. Estarei aqui, esperando sempre pela sua volta.

-É tudo o que eu mais quero, Persis, que me espere...

Eu queria mesmo que ele aguardasse ansioso pela minha volta, porque o presente que eu lhe daria era a minha vingança!

-Nefilin, – Hazanel me chamava, tirando-me de minhas lembranças. – diga-me o nome de quem ofertava esse vinho nas festas.

-Persis – respondi. – O filho de do arcanjo Ilke.

Todos olharam direto para o genitor de Persis. Eu sabia de seu legado naquela cidade. Persis fora o melhor nefilin aprendiz da cidade, era o orgulho de seu pai, até sair dali e seguir por caminhos tortuosos. Os olhares logo voltaram-se para mim.

-O motivo, Lienne, diga-nos – insistiu Hazanel.

-O caminho para chegar até aqui – respondi pelo meu pai, que salvou-me dos demônios que me perseguiam na terra. – Persis quer dar um presente para o Rei das Trevas em troca de um reino. Ele pretende dominar as sombras e ser o único dono dos vampiros.

-E esses nefilins que beberam do vinho adulterado seriam a experiência desse demônio?

-Sim, senhor.

-Sabias disso, nefilin?

-Acho que só tomei conhecimento mesmo da situação nesta tarde, quando Séfora chegou e reconheceu seu pai.

-Conheces algum nefilin que nunca tenha tomado tal bebida?

-Conheço apenas um, senhor. Tenho a certeza de que Liel, um amigo nefilin, jamais bebeu desse vinho.

-E qual sua posição diante de tudo?

-Persis é meu inimigo, senhor.

Hazanel sorriu.

-Ótima resposta, nefilin – ele colocou as mãos sobre meus ombros. – Eu e seu pai acreditamos em você.

-Obrigada, senhor.

-Pode ir. Sentarás conosco no banquete do jantar. Seu prêmio por sua fidelidade.

-Senhor, eu agradeço a sua oferta. Entretanto, eu terei que recusá-la por dois motivos. Primeiro, eu agora entendo que não sou digna de estar no mesmo nível que meu pai ou qualquer um dos senhores. E, segundo, porque fiz amizades sinceras entre os nefilins e o certo seria não abandoná-los – falei mesmo temendo a reação de Hazanel.

Ele olhou para Caleb e disse:

-És um bom instrutor. Essa nefilin aprendeu a humildade e o valor de uma amizade. Mas reconheço que és o melhor pai dentre nós. Sua filha será seu orgulho, Caleb – Hazanel voltou seu olhar para mim – Podes ir com seus amigos, Arel a acompanhará.

Assenti e saí do salão dos Treze Tronos.

Arel estava bem ao meu lado, caminhando pelo castelo dos arcanjos, quando atrevi-me a lhe perguntar:

-Se nunca pecastes com uma mulher, o que fazes com os anjos caídos?

-O pecado nasce do desejo. Meu coração pecou ao desejar quem eu menos podia.

# LEMBRANÇAS E VINGANÇAS

Relembrar,
A vida contada em fatos
Sem mentiras, sem jogos.
Reviver,
Deixar o tempo retroceder
Sem omitir, sem esconder.
Revelar,
Abrir o coração
Reviver a mesma traição.
Regressar no tempo,
Abrir feridas,
Reviver os medos.
Vidas traídas.
E o ódio retorna,
E a ira assombra,
A fúria entorna,
A vingança retoma.
Fuja!
É o meu tempo de agir.
Corra!
Sinta o mesmo medo que vivi.
Esconda-se o quanto quiser,
A minha vingança não vai desistir.

# Capítulo 12 – Contar.

Imaginei que seguiria com Arel até a reunião particular regada a vinho e cigarro com os meus novos amigos nefilins. Entretanto, Arel levou-me ao mesmo lugar bonito que meu pai mostrou-me pela manhã. E aquele espaço era mágico e muito especial sob o efeito da luz do luar.

Aquilo parecia um bom sinal. Arel levara-me para um passeio especial no mais belo local daquela cidade. Meu coração exultava de alegria em meu ser. Finalmente Arel começava a mostrar o que sentia. Um lugar especial para alguém especial.

Minhas ilusões acabaram com as palavras dele.

-Vai contar-me sobre a sua vida?

-Que diferença vai fazer se você ficar sabendo ou não da minha vida passada, Arel?

-Sou seu guardião, preciso proteger-te.

-Não tenho o que contar – retruquei. – E depois, mesmo que eu quisesse contar-te algo, levaria a noite inteira.

-Eu tenho a noite inteira. Eu nunca durmo, lembra?

-Mas eu durmo, senhor guardião.

-Não nessa noite – e Arel sorriu.

-O veneno. Aquilo que eu tomei vai deixar-me acordada – concluí.

-Não era um veneno, mas um remédio. Você é muito dramática, Lienne.

Idéias pousaram na minha mente, levando-me a raciocinar sobre Persis naquela cidade. O remédio-veneno de Arel. Algo estava ligando esse líquido com o vinho servido nas festas de Persis.

-Você estava aqui quando o filho de Ilke era um aprendiz? – perguntei. As respostas de Arel ajudariam-me a montar parte desse quebra-cabeças.

-Estava. Ele foi aprendiz de Kandake.

-Ele era um bom guerreiro ou machucava-se demais?

-No começo, Persis era melhor que você. Depois estava frequentemente machucado. Por que pergunta?

-E você chegou a dar o mesmo veneno para ele?

-Várias vezes. Mas eu não estou entendendo o por quê de tantas perguntas, Lienne.

-Não quero faltar com o respeito com você, guardião, entretanto eu preciso aproveitar seu bom humor e tentar resolver isso – rebati com pressa. – Diga-me, Arel, alguma vez levaste Persis até o local onde fabricam esse veneno?

-Remédio, nefilin. Aquilo é um remédio.

-Isso não importa, Arel. Por favor, responda-me.

-Na verdade, quem fabrica esse remédio sou eu.

Eu parei todos os meus raciocínios nesse instante e voltei para as lembranças. Meu pai havia contado-me que um dos curandeiros da cidade tinha tentado salvar a minha mãe. O nome desse anjo

quase foi revelado pela boca de Caleb, e mesmo assim eu podia lembrar-me de que esse nome começava com a letra A. A de Arel. Isso mudava muita coisa. O amor proibido desse arcanjo era minha mãe? Então tudo o que ele sentia por mim era um carinho pela descendente da mulher que ele um dia amou?

-Algo importante? – Arel interrompeu meus pensamentos.

Olhei para ele com o meu coração despedaçado. Mesmo que fosse proibido um amor entre raças diferentes, mesmo que fosse impossível um nefilin amar, o que eu sentia por Arel era novo e inexplicável. Eu não tinha certeza do era, mas eu poderia afirmar que meu maior desejo quando eu estava ao seu lado era abraçá-lo, conhecer o sabor de sua boca e entregar-me a ele.

O desejo virou revolta.

-Fostes capaz de obrigar uma nefilin a tomar um veneno que quase me fez regurgitar minhas víceras e, no entanto, não fostes corajoso o suficiente para tomar minha genitora a força e salvar sua vida? – falei por entre os dentes, acusando-o.

Arel surpreendeu-se com minhas palavras.

-Como podes saber disso?

-Não importa – gritei. – Nada importa. O fato é que você poderia ter salvo todas elas, todas as mães. Nós poderíamos ser os filhos de alguém e não um bando de órfãos híbridos espalhados pelo mundo.

-Não temos o poder de mudar o mundo, Lienne – ele gritou de volta. – Nem podemos interferir nas decisões alheias, por isso Deus nos deu o livre arbítrio.

-Então por que salvar outras vidas? Por que salvar uma criança antes de ser atropelada por um caminhão? Por que livrar alguém da morte durante um tiroteio? Que sentido tem isso se existe o livre arbítrio e nossas mães jamais seriam salvas? – eu berrava os sentimentos como um furacão que partia para cima de Arel.

-Porque todo pecado grave tem a sua consequência.

-E desde quando os anjos tornaram-se juízes dos homens?

-Desde que essa autoridade nos foi dada.

Eu arfava. Sentia tanta raiva, como nunca sentira antes. Não era raiva de Arel, era raiva por não encontrar argumentos decentes para rebater sua resposta. Eu chegava a me odiar por isso.

-Lienne, - ele recomeçou e sua voz agora era doce e carinhosa – eu a salvaria, eu faria de tudo para que sua vida fosse preservada. Mas a sua mãe escolheu dar-te uma chance.

-Era arriscado? – perguntei com a voz baixinha e mais calma.

-Para você? Muito. Ela estava apenas no início do sétimo mês.

-Então ela amou-me?

-Demais. E seu pai também. Ele largou seu trono, seu reino, tudo. Só para ficar ao seu lado.

Caleb odeia viver entre os homens, e mesmo assim ele ficou com você.

Recebi um forte abraço do meu guardião. Esse gesto fez meu corpo tremer de desejo por ele. Arel estava tão próximo e tão distante... e a raiva que despejei nele foi infundada, e não pelos motivos do qual eu o acusara. Acho que nem ligava para a minha mãe. Acho que nunca importei-me de verdade nem com o meu pai. Eu só queria sentir-me protegida, tudo como um jogo de interesses. Ele fez a grande besteira de dar-me a vida, agora eu cobrava proteção de volta.

Eu acusei Arel por não ter salvado a vida da minha mãe, quando na verdade, minhas palavras gritavam outra coisa em meu coração. Eu queria ter-lhe dito: "Você amou a humana que me deu a vida, quando eu gostaria muito que amasse a mim".

-Então, vai contar-me sobre a sua vida na terra? – ele perguntou-me com o sorriso que eu mais amava.

-E o que eu ganho em troca?

-Ora, eu te conto o que mais desejas saber, quem eu tanto amo.

-Jura?

-Anjos não juram, Lienne. Terás que confiar em mim.

-Eu confio em você. O que você quer saber sobre mim?

-Primeiro, confirme a sua idade.

-Acho que tenho vinte e três. Não tenho mais certeza disso – olhei Arel tão belo e perfeito e não

resisti, tive que perguntar: - E quantos anos *você* tem, senhor guardião?

Ele riu alto.

-Passei séculos e séculos vendo a humanidade se desenvolver e quebrar seus próprios obstáculos em direção ao progresso. E meu coração nunca se rendeu a ninguém até...

-Até quando?

-Perguntastes a minha idade. Tenho um milênio de existência.

-Só? És um novo arcanjo dentre os demais.

-Sim, seu pai existe desde os primórdios dos tempos.

-Sabe se eu tenho outros irmãos?

-Você teve um, pelo que sei. Ele foi exterminado durante o dilúvio. Depois disso Caleb conteve seus desejos e portou-se de maneira obediente até conhecer sua mãe.

-Pelo que vejo, muitos cairam de amores por ela – falei novamente com raiva e sarcasmo.

-Não entendi suas palavras, nefilin.

-Não importa. Foi apenas um pensamento que saiu pela minha boca.

-Então, conte-me tudo.

Eu estava tão curiosa para saber quem era a mulher que conquistara o anjo que perturbava o meu coração, que não hesitei. Iniciei meu relato sobre a minha vida.

-Certo. Bem, meu pai sempre dizia que minha mãe morrera durante meu parto. Não havia como contestar uma verdade. Porém, ele só contou-me o

que era quando eu comecei a ter uma certa noção da minha situação. Eu nunca dormia, era mais forte e inteligente que as outras crianças, curava-me facilmente e só me alimentava por gula. Mas eu não acreditava nas palavras do meu pai, achava que ele era só um lunático e eu uma criança superdotada e hiperativa. Quando eu tinha uns dez anos, mais ou menos, conheci um garoto tão esquisito na escola quanto eu. Seu nome era Liel e nos tornamos os melhores amigos. Um entendia o outro.

-Foi o nome desse nefilin que você citou na sala dos Treze Tronos?

-Foi.

-Desculpe por interromper. Continue, por favor.

-Nós éramos os alunos mais iteligentes daquela escola. Liel tinha pais adotivos que não o compreendiam, então ele admirava meu pai e nunca duvidou das palavras de Caleb quando ele contava o que éramos. Passei a acreditar que nós três éramos apenas um tipo de hmanos mutantes de uma mesma espécie. Enfim, os nossos professores sugeriram aos nossos pais uma escola especial para crianças superdotadas, foi onde conheci uma legião de nefilins. Eu me destacava entre tantos, e agora eu sei que é porque sou filha de um arcanjo, enquanto os outros eram apenas filhos de anjos.

-Isso muda tudo, certo?

-De certa forma, sim. Mas quando eu tinha quinze anos, fui convidada a entrar numa universidade, pulando as etapas do ensino médio.

Claro que arrastei Liel comigo, pois essa foi a condição que dei para aceitar tal convite. Sendo Liel um aluno bem aplicado, comportado e educado, não tive problemas com esse pedido.

-E qual o curso que vocês escolheram?

-Arquitetura. Eu era fascinada pelas construções antigas e Liel sempre foi muito bom com números e cálculos. Persis estudava na mesma universidade, porém ele cursava direito e já estava no terceiro ano do curso. Era o aluno mais brilhante e lindo de todos. Persis é, para os humanos, um homem riquíssimo e muito influente. Enfim, numa festa oferecida por ele, eu bebi do vinho adulterado, tornando-me uma espécie de vampira e matando minha primeira vítima ali mesmo.

-E não pode mais sair ao sol...

-Não. Se você soubesse o quanto é horrível viver nas trevas... Se eu soubesse da besteira que estava fazendo naquela época, eu jamais teria aceitado tal bebida.

-E o que aconteceu depois disso?

-Meu pai descobriu minha nova vida e tentamos viver de maneira que ninguém desconfiasse de nada. Minha pele pálida e fria não chamou muito a atenção, mas tive que mudar o horário do meu curso, o que foi muito difícil, porque os humanos têm leis estúpidas sobre um menor de idade estudar no período noturno. E mais uma vez Caleb comprometeu-se por mim. Ele levava-me e buscava-me na universidade. Mas isso foi só por um tempo. Assim que minha sede começou a despertar,

ele afastou-se, dizendo que jamais seria cúmplice dos meus assassinatos. Mas eu não via aquilo como homicídio, era uma necessidade, era como uma energia vital, eu precisava daquilo e só fazia em último caso.

-De qualquer forma era errado. Ninguém tem o direito de tirar uma vida, Lienne.

-Eu sei. Mas quando a sede ataca, nada disso importa. Eu ficava totalmente irracional, como uma fera.

-Não vou te recriminar por isso. Só quero saber mais da sua história.

-Por que quer tanto saber, Arel?

-Porque tudo em você me interessa.

Claro que interessava, eu era só mais uma nefilin no excelente curriculun daquele arcanjo perfeito.

-Tá, então eu continuo. No curso noturno eu conheci três humanos que tornaram-se meus amigos, ou eu pensei que fossem. Valéria era uma fanática religiosa, mas era uma pessoa muito legal. Daniel era um homem muito bonito, brincalhão e ele me lembrava você.

-A mim? Por quê?

-Ele tinha um amor secreto.

Arel riu alto.

-Meu amor não é secreto, ninguém consegue esconder quando está apaixonado. Eu apenas não saí por aí gritando o nome dela.

-Bem, então continuando, tinha a Valéria, o Daniel e a Mariana, que era só uma mimada

arrogante que desejava ter o mundo aos seus pés. Eu fiquei um bom tempo sem desconfiar que ela era caidinha de amores pelo Daniel. Estudando a noite eu também tinha mais contato com Persis, para a alegria dos meus amigos humanos e desespero de Liel. E eu comecei o que os humanos chamam de "namorico" com Persis. Foi quando as coisas se complicaram e eu entrei num caminho sem volta...

# INFERNO

Fogo que arde,
Fogo que vence,
Fogo que invade,
Fogo que mente.

O inferno...
Fogo que cura,
Fogo que mata,
Fogo que fere,
O fogo maltrata.

O teu inferno...
Fogo que purifica,
Fogo que machuca,
O fogo da vida,
O fogo da luta.

O meu inferno...
Fogo que renasce,
Fogo que me alcança,
Fogo que me acende,
Fogo da vingança.

# Capítulo 13 – Viajar.

-Essa sede está me consumindo – falei desesperada no carro de Persis.

-Meu amor, você tem muito potencial para continuar nesse mundinho ridículo e se alimentando dessa comida de restaurante de segunda. Poderia tirar mais proveito deles – Persis respondeu.

-Como assim?

-O que eu estou querendo dizer é, os humanos são fascinados pelo poder e idolatram os que *têm* poder, ou seja, a minoria: os anjos, os vampiros, os nefilins, os demônios. Você é inteligente, Lienne. És a filha de um arcanjo.

-Você acredita mesmo nas baboseiras que meu pai conta?

-E você não? – Persis tirou os olhos da estrada e fitou-me por um longo tempo, procurando a verdade que eu sempre escondia, a desconfiança.

-Não sei no que acredito – abaixei meu olhar.

-Posso levar-te até a minha casa? Tem algo que eu quero muito te mostrar.

Eu não respondi, tive medo de fazer o que ele queria.

-Fique tranquila, Lienne, não farei nada do que está pensando. Só quero mesmo te mostrar algo.

Assenti e seguimos direto para a casa de Persis. A sede atormentava meu raciocínio e eu não prestava mais atenção em nada do que ele dizia. Assim que chegamos esse problema foi solucionado

com o vinho entorpecente que ele voltara a me oferecer. Aquilo era tão inebriante, abrasador, de um fascínio jamais encontrado. Um vinho batizado com sangue e qualquer outra droga, que eu nunca importei-me em saber o que era.

Persis deixou-me sozinha por alguns minutos e voltou depois de um tempo, trajando somente sua calça jeans e exibindo seu tórax nu com as tatuagens angelicais de um filho de arcanjo dos Treze Tronos, transformado em anjo, uma escultura viva e perfeita de Eros.

Enguli o medo que sentia do meu próprio corpo que o desejava naquele momento e disse:

-Você prometeu que não faríamos nada de errado.

-Amar não é errado, Lienne. Mas não é isso que quero fazer. Só estou assim para mostrar-te que teu pai jamais mentiu para você.

E, de algum lugar, suas asas negras saíram. E elas não eram penosas como as de Caleb. Eram asas como as de um demônio, como de um mamífero alado, fascinantes e perfeitas para ele.

Perdi meu fôlego por alguns segundos. E ali estava ele, um demônio, que um dia foi um nefilin, que transformou-se em anjo e que aceitara o convite das trevas.

-E agora você acredita no seu pai, Lienne?

Sim, eu acreditava. E naquele momento, eu pensava que Persis era bom e que fazia-me um imenso favor. Qual anjo apareceu para mostrar-me que meu pai não era um louco metido a anjo? Qual

nefilin foi capaz de mostrar-me a verdade? Nenhum. Somente um demônio foi capaz disso.

-Você é especial, Lienne. E não é só seu pai, seus amigos humanos e Liel que te admiram. O meu rei deseja muito conhecer a filha de Caleb, a criatura de quem tanto falo.

Persis estendeu-me a mão.

-Aceitas meu convite?

Perdida, eu agarrei-me a ele num abraço apertado, sentindo conforto e muito, muito, muito tesão!

-Pronto, minha querida nefilin, estás a salvo agora – ele falou carinhosamente enquanto acariciava minhas costas. – Jamais permitirei que nada nem ninguém te faça mal. Estarás sob a nossa proteção, se aceitares nosso convite. Quer vir comigo?

Balancei a cabeça, assentindo, aceitando o convite das trevas.

-Feche os olhos, nefilin.

Não apenas fechei as janelas da minha alma, como apertei-as, prendendo-me na segurança da imagem de Persis na minha mente.

O ambiente esquentou a tal ponto de fazer meus poros se abrirem, dando passagem para as gotas de suor que brotavam, deixando minha pele brilhosa e escorregadia.

-Pronto, meu amor – Persis ainda falava carinhosamente comigo. – Pode abrir seus olhos agora.

Eu ainda estava agarrada a ele quando abri os olhos. Observei o lugar por cima de seus ombros. Primeiro eu avistei criaturas cinzentas, muito parecidos com os humanos, com chifres, rabos, asas e dentes enormes e assustadores, seus corpos eram curvados. Entretanto, eles é que pareciam amedrontados. Eu sorri, aqueles eram meus novos amigos. Eles sorriram de um jeito medonho, expondo suas presas ferozes, numa tentativa de serem amigáveis. Não eram tão ruins, já tinham sido como eu, um dia.

Soltei-me do abraço de Persis e me aproximei de um deles.

-Olá – sibilei.

Numa mistura de voz com rugido, ele respondeu:

-*Lienne... nefilin...*

-Sim, eu sou uma nefilin.

-*Olá, Lienne*.

-Olá.

-Este é Adramalech, uma criatura muito querida do nosso rei – disse Persis.

-*Lienne... bonita* – Adramalech falou.

Eu sorri. Como poderiam ser chamados de demônios? Eram lindos, a sua maneira.

-Adramalech também é bonito – respondi.

O demônio passou seu dedo gosmento no meu rosto, acariciando-me e arranhando-me com suas unhas enormes e curvas, fazendo um pequeno filete de sangue pintar minha pele.

Rapidamente ele retirou a mão e se entristeceu.

-*Adramalech machucar Lienne*.

-Tudo bem, vai melhorar. Olha só...

Limpei o sangue com a ponta da minha camiseta, liberando o caminho para que ele pudesse ver meu corte cicatrizando-se.

-Viu? Lienne não está mais machucada – falei sorrindo.

-*Eu gostar Lienne* – o demônio sibilou. – *Lienne não medo de Adramalech.*

-Não. Você não me deixa com medo. Eu te acho muito bonito e quero que sejas meu amigo.

-*Humanos não gostar Adramalech*.

-Mas eu não sou humana. Sou como você.

E o demônio mostrou seu sorriso medonho novamente. Persis também sorria, como se vivesse a cena de um pai apresentando sua nova esposa para seu filhinho.

-Agora que já fizessestes amizade, vamos seguir até o nosso rei – falou Persis.

-Vai conosco? – pergntei a Adramalech.

-*Demônio vai Lienne*.

Estendi minha mão para ele, que aceitou prontamente. Eu não tinha nojo da gosma que soltava-se de sua pele, mas precisava fazer um esforço maior para que nossas mãos não escorregassem.

O inferno não era como eu imaginava. Parecia só um lugar no meio do nada, porém ali morava o Rei das Trevas. Continuamos caminhando juntos e

em silêncio, até que chegamos numa construção fascinante. Para uma estudante de arquitetura, era compreensível admirar uma construção com alicerces invisíveis, como se estivesse suspensa sobre o nada. O lugar até seria bonito, com sua aparência excêntrica, se não ficasse no meio do inferno.

Persis nos fez entrar naquele castelo sem cerimônia. Um longo caminho estreito e enfeitado com um tapete vermelho e velho, nos levava até o trono feito com ossos humanos. Sentado nesse trono estava uma criatura com a pele mais branca que a neve, seus olhos eram amarelados e os lábios eram desbotados. Estava com um manto parecido com os dos arcanjos, porém velho e esfarrapado. Persis e Adramalech ajoelharam-se perante aquele estranho rei e eu os imitei.

-Senhor, salve nosso rei – falou Persis num cumprimento formal.

-Levantem-se – ordenou a voz que rebombava forte como uma trovoada.

Todos obedecemos.

-Por que perturbam-me? – perguntou o rei.

-*Lienne nefilim, pai* – Adramalech falou com dificuldade e medo.

-Essa é a filha de Caleb, senhor – explicou Persis.

O rei avaliou-me bem e perguntou:

-Já não és mais uma nefilin. Agora bebes do sangue dos humanos.

-Sim, senhor – respondi.

-O que queres de mim, nefilin, filha de Caleb?

-Não sei, senhor. Não sei o que trouxe-me até vossa presença.

-Peça qualquer coisa, nefilin. O mundo me foi dado, eu posso dar-te o que me pertence.

-Aceito qualquer oferta sua, meu senhor.

-Sucesso, fama, dinheiro, amigos. Terás tudo o que meus filhos têm – disse o rei.

-Agradeço muito por tudo, senhor. Entretanto, nada tenho para ofertar-lhe de volta – repliquei.

-Dê-me sua vida, dê-me sua fidelidade, dê-me sua adoração e já estarás pagando antecipadamente pela sua dívida, e serás chamada de minha filha, e terás tudo o que quiseres.

-Então, que assim seja, meu senhor.

O Rei das Trevas sorriu.

-Vá, minha filha. Sua nova vida começa agora.

Saímos dali da mesma maneira que entramos, sem cerimônias, como se estivéssemos num lugar comum e não no submundo.

*-Lienne... irmã.*

-Sim, Adramalech. Somos irmãos agora.

Assim que saímos, Persis presenteou-me com um pingente em forma de uma estrela de cinco pontas.

-O que é isso? – perguntei.

-Nossa promessa. Estaremos sempre juntos, Lienne – Persis respondeu sorrindo.

Enquanto voltávamos para o mesmo lugar de onde chegamos, avistei uma pequena criança. Era uma menina. Ela não era como os demônios daquele lugar e tive a impressão de conhecê-la.

Assustada, caminhei para ver melhor. E aquela criança era eu, renascida no inferno...

## A RAÇA HUMANA

Admiraram o nascer,
Construíram um mundo,
Evoluíram em passos largos,
Se prostraram ao poder.
O explendor da criação.
Os filhos amados.
Criaturas que invejam
Os filhos do pecado.
Ganharam o amor,
Conquistaram espaços.
Estão acima dos anjos.
Humilham os fracos.
Entregam-se por poder.
Vendem-se por sucesso.
Prostram-se por dinheiro.
E esquecem do meu regresso!

# Capítulo 14 – Continuar.

Assim que terminei a minha narração sobre a viagem mais maluca que fiz com Persis, Arel olhava-me como se presenciasse uma aberração.

-Você desceu com esse Persis até o inferno?

-Sim – respondi sem graça.

-E entregou sua vida para Apollyon?

-Quem é esse? – eu realmente não sabia.

-Esse é o verdadeiro nome do rei das Trevas, Apollyon.

-Então, se esse é o nome dele, sim. Eu entreguei minha vida para ele.

-Lienne, você tem noção do que fez?

-Na época eu não tinha. Agora eu entendo o tamanho da besteira.

-Eu te admiro pelo fato de você estar viva! Lienne, você enfrentou Apollyon!

-Ei, eu nunca o enfrentei ou enganei. Eu fui enganada! Não por Apollyon, mas por Persis. E por aqueles que um dia eu chamei de amigos humanos.

-A verdade é que você nunca os considerou amigos, apenas os usava.

-E como você pode saber disso e afirmar com tanta certeza?

-Dedução, nefilin. Você precisava de alguém para te ajudar durante o dia – E Arel provava que sabia muito sobre mim. Imaginei o dedo de Caleb nessa história, mas calei-me. – Continue, Lienne. A história está muito interessante.

-Enfim, quando voltei dessa viagem, eu me sentia mais forte e confiante e tudo começou a melhorar. Meus amigos humanos passaram a me admirar mais, os professores também. Logo fui convidada para estagiar em projetos profissionais, um trabalho que eu poderia fazer em casa, escondida do sol. Assim que me formei, Persis deu-me uma grande quantia em dinheiro, dizendo que era um presente do nosso rei. Claro que aceitei. E isso instigou meus amigos humanos a me ajudarem...

-Isso é ótimo, Lienne – Valéria falou quando eu menti, dizendo que meu pai tinha dado o dinheiro.

-Uma oportunidade para todos, acredito – falou Daniel. – Sei que não vai deixar os amigos de lado, certo chefa?

-Contratado! – entrei na brincadeira séria.

-Espera um pouco – gritou Mariana. – Isso não tá certo.

-Por que não? – perguntei.

-Porque eu não entendo. Prestem atenção, vamos todos nos formar juntos. O pai de Lienne, uma pessoa que nunca vimos na vida, diga-se de passagem, dá um dinheirão para ela, sendo que ela é uma bolsista. Com isso surgem três perguntas: onde foi que seu pai conseguiu essa grana? Qual será nossa participação nos lucros, sendo que também daremos nossa contribuição com os nossos projetos? E, por fim, o que seu namoradinho, Persis, tem a ver com tudo isso? – acusou Mariana, sempre agressiva.

-Pois eu te respondo, querida – falei de maneira sarcástica. – Eu nunca disse que meu pai era pobre, sou bolsista porque tenho competência e inteligência. Qual faculdade não quer ter na sua lista de chamadas uma aluna brilhante com três ano a menos que a média?

-Isso é verdade – completou Daniel.

-E meu pai é um homem muito ocupado, mas asseguro-lhe que ele existe. Afinal, eu nasci, certo?

Valéria gargalhou alto.

-Sobre a participação nos lucros, eu respondo essa com a sua terceira pergunta: Persis será meu advogado nesse negócio todo. Portanto, qualquer dúvida, terá que falar com meu namoradinho que, pelo que vejo, você o deseja tanto quanto eu.

-Agora eu gostei – brincou Daniel. – Barraco de mulheres. Podem começar a rasgarem as roupas e mostrarem as calcinhas.

-Como você é infantil, Daniel – reclamou Valéria, certinha como sempre. – Olha, Lienne, eu confio em você e estou junto nessa empreitada. Espero que tudo dê certo, afinal é o sonho de todos nós.

-Nem precisava perguntar para mim. Tô dentro – exclamou Daniel.

-Eu prefiro consultar seu advogado.

-Fique a vontade, Mariana, se conseguir marcar um horário com o melhor advogado da cidade, ele é todo seu – respondi vitoriosa.

Mariana saiu pisando duro e Daniel falou:

-Não esquenta, ela vai aceitar. Só não quer dar o braço a torcer agora.

-Eu sei...

-Depois disso, a Mariana aceitou o convite e começou a trabalhar conosco – continuei. - Persis acertou tudo, mas nunca teve contato direto com nenhum deles. Eu cuidei dessa parte, causando um acidente para que fosse realmente um contrato de sangue, fato que Mariana não deixou passar desapercebido.

-Você conseguiu o sangue deles? – Arel perguntou.

-Um copo quebrado resolveu o problema. Cada um tentou ajudar a catar os cacos, e sangue foi inevitável.

-E como você conseguiu se controlar?

-Com o vinho do Persis. Eu ainda não sei exatamento o que tinha naquele líquido, mas era alguma coisa que saciava a minha sede e me mantinha sob controle nessas situações – expliquei.

-Tem alguma idéia sobre esse assunto?

-Nada concreto. Quando começamos essa conversa, eu tive uma teoria, mas não sei se tem coerência.

-Me fale sobre isso depois. Continue sua história.

-Certo. Bem, meu escritório fazia sucesso entre os melhores clientes da cidade. Sempre tínhamos um projeto para ser aprovado. E tudo estava muito bem, apesar das cobranças e desconfianças de Mariana.

-E por que ela desconfiava tanto de você?

-Porque eu mentia. Eu roubava os projetos dela, eu me sobressaía, eu enganava – confessei sentindo-me completamente envergonhada.

Arel sorriu, aquele sorriso que iluminava seu rosto de um jeito mágico, o sorriso que me fazia perder compasso.

-Eu sei, eu sei... você vai dizer "eu sabia que você é uma mentirosa".

-Não – Arel me interrompeu. – Estou feliz por você ter confessado seus erros. Isso significa que reconhece seus pecados e que estás disposta a mudar.

Arel estava errado. Eu ainda sentia a sede de vingança.

-Sua história é mesmo longa, Lienne.

-Podemos continuar outra hora.

-Tem muito mais?

-Digamos que isso foi só a metade.

-Sente sono? – Arel perguntou preocupado.

-Não. Você envenenou-me direitinho.

-Já disse que aquilo não era veneno, nefilin.

-Não importa. Era uma droga, isso você não pode negar.

-Eu chamo de acelerador.

-Seja lá o que for, é forte.

-Vai continuar ou não?

-Quer mesmo saber tudo? – rebati a pergunta de Arel.

-E por que não?

-Que seja – dei de ombros. – continuando... Eu fiz outra viagem com Persis.

-Como estão as coisas? – Persis perguntou assim que entrou no meu escritório, por volta das quatro da manhã.

-Nosso rei cumpriu o que prometeu.

-Não seria hora de retribuir?

-Eu faço as minhas obrigações toda semana, Persis.

-Uma visita ao nosso rei seria bem vinda – ele sugeriu.

Lembrei de Adramalech e sorri. Ele e seus irmãos pareciam tão inocentes e puros. Eu sentia falta daqueles demônios, os considerava meus bons amigos. Não hesitei e assim aconteceu.

Diante de Apollyon, Persis foi intimado a retirar-se somente com o olhar inquisidor do Rei das Trevas. Assim, fiquei sozinha com a imponente presença do rei.

-Sua vida está do seu agrado, nefilin? – ele perguntou.

-Sim, meu senhor.

-Quero propor-lhe algo.

-Aqui estou, meu rei.

-Preciso de uma rainha, nefilin. Meus filhos gostam de você, e tu és a única quem não os teme.

-Meu senhor, nunca vi nada de errado com seus filhos.

-Por isso você é perfeita. Sua virtude, sua ascendência, sua fidelidade. Eu te desejo, nefilin, quero fazer de ti a minha rainha.

-Como posso aceitar tal proposta, meu senhor, se não sinto-me digna de reinar ao seu lado? Sou apenas uma nefilin, a classe mais desprezada por todas as criaturas.

-Por enquanto, minha pequena virgem, por enquanto... Um dia serás como Persis, então estarás pronta para entregar sua virtude.

-Seria uma honra difícil de conquistar.

-Apenas volte para mim, Lienne.

E pela primeira vez, o Rei das Trevas chamou-me pelo nome.

-Faça essa promessa, filha de Caleb, prometa que voltará para seu rei e entregará sua vida.

Não sei o que passou pela minha cabeça ou que magia ou hipnoze ele usou, porque eu sempre o enxergava como um anjo deformado. E, naquele momento, eu pude ver sua beleza, o vi de uma maneira diferente. Apollyon era belo, com a pele alva, olhos azuis encantadores e cabelos loiros, de um tom claríssimo, quase branco. Senti-me infinitamente honrada e lisonjeada por ele ter feito tal escolha, eu seria sua rainha e o desejo de poder, a ganância, tomou conta do meu coração. Eu teria o mundo todo aos meus pés. E aceitei seu chamado.

-Sim, meu rei. Voltarei para o meu senhor, serei sua rainha.

Apollyon tomou-me em seus braços e seu beijo foi como sangue quente percorrendo em minhas veias, me fazia bem.

-Agora vá, nefilin. Vá viver. Porém, lembre-se, nem tudo é tão simples assim. Para viver e possuir tudo, é preciso morrer. Traga seu presente para seu rei quando retornar.

Eu não sabia o significado daquelas palavras naquele momento, mas eu entendi tudo depois. O presente que Apollyon queria não era só a minha virtude, mas o caminho para a Cidade dos Nefilins.

Voltei para a terra, sempre com Persis ao meu lado. E toda a minha vida desandou. O mundo em que nasci não era o mesmo de sempre. Os homens estavam cansados de guerras e aceitaram o poder do clero em suas vidas. A igreja de Cristo tomou conta do governo mundial e todos se rendiam perante a uma só religião. Qualquer ritual, fora de seus mandatos, era considerado heresia. Mesmo assim, alguns ainda executavam seus rituais de fé. Quando eram descobertos, eles eram presos por um tipo de exército inquisidor e eram falsamente julgados e condenados a mortes estúpidas e crueis em purificação da alma. Foi assim que eu fui traída...

Mariana ressentia-se comigo por algum motivo, que eu imaginava chamar-se "Persis". Ela foi a primeira a sair do grupo e a defamar a minha empresa. Ela fez postagens agressivas em seu blog, caluniando muitas coisas e contando muitas verdades. Num julgamento comum, diante do tribunal dos homens, eu me sairia bem. Eu sempre

teria o melhor – e pior – advogado, ajudando-me a deturpar minhas mentiras. Entretanto, o problema que eu enfrentava era muito maior que esse.

Valéria investigou as acusações que Mariana fez sobre mim a respeito de heresia. E, minha amiga que sempre parecera tão perfeita e fiel, descobriu as minhas mentiras e todo meu envolvimento com os rituais satânicos que eu realizava com Persis. Felizmente, ela veio primeiro questionar-me, e eu menti novamente. Com o apoio que tive de Daniel, Valéria tranquilizou-se por um tempo.

-Agora você me deve uma – falou Daniel assim que Valéria saiu do meu escritório tarde da noite.

-O que você quiser, meu amigo – falei de um jeito descontraído, comemorando em meu ser a vitória de mais uma mentira.

Daniel virou-se para mim e olhou de um jeito sério que jamais combinaria com ele.

-Eu te amo. Quero você.

-Isso eu não posso te dar – rebati firme.

-Não?

-Não, Daniel.

-Te dou mais uma chance. Pense a respeito, Lienne. Apenas reflita e... lembre-se do que te direi agora: você tem muito a perder.

-Você não pode nada contra mim, Daniel.

-Pense.

-Não há o que pensar. Já tomei minha decisão.

-Então, tudo o que posso dizer-te é que jamais se esquecerá de mim.

Daniel saiu dali com uma carta na manga. Uma jogada que eu jamais imaginaria.

No dia seguinte, meu escritório foi invadido por homens enormes e fortes, vestidos com batinas compridas e prontos para me destruírem.

-O que fazem aqui? – gritei com o cenho fechado.

-Senhorita, fostes acusada de heresia e prática de magias condenadas pelo santo tribunal. Serás presa e julgada – falou o mais velho de todos.

-Que absurdo! – rebati. – Não há prova alguma contra minha pessoa.

-O que podes dizer-me disso?

Ele entregou-me fotos em alta definição. Analisei cada uma delas. Daniel estava certo, eu jamais esqueceria dele. Lembrei-me do dia em que ele me convidou para o que pensei ser uma seção espírita na sua casa e que, no entanto, era uma reunião de magia negra, que eu aproveitei com todas as minhas forças, chegando a conduzir parte do ritual. As fotos contavam exatamente isso, excluindo Daniel e outras pessoas.

-As provas são claras, senhorita.

Não respondi. Ele tinha razão. Mas resisti a prisão, o que foi meu maior erro naquele momento. Assim que os homens tentaram me pegar, eu lutei com alguns, perdendo o controle e matando-os sem piedade. Eu alimentei-me de seu sangue e, quando a razão voltou-me, olhei assustada e arfando para os corpos na minha frente e depois para o clérigo que decretou minha prisão.

-Santo Deus! – ele exclamou. – Você é um demônio!

Com as presas expostas e as mãos sujas de sangue, eu não tinha como negar mais essa acusação. Eu fugi. Estava condenada. Eu expus tudo o que não poderia ser revelado, destruí as leis que Apollyon havia me imposto.

Eu não podia voltar para casa, eles me encontrariam por lá. Também não poderia ficar perambulando pelas ruas da cidade, eu seria reconhecida, já que estava sendo caçada, e também porque o sol nasceria, acabando comigo.

Decidi correr para a casa de Persis, mas fui seguida durante o caminho. Não era um humano, eu sentia isso. Decidi enfrentar a criatura e, quando virei-me para confrontá-lo, dou de cara com Adramalech.

-*Irmã... perigo* – ele falou com o mesmo rugido de sempre.

-Eu fui traída, meu irmão.

-*Irmã fez coisa errada*.

-Eu fiz, Adramalech. Preciso de ajuda.

-*Pai feroz. Todos querer matar irmã*.

-Não tenho para onde fugir – falei em desespero. – Preciso encontrar Persis.

-*Persis demônio. Persis amar Lienne. Persis matar irmã.*

-Não, Adramalech. Persis vai ajudar-me. Preciso ir, meu irmão. O sol pode matar-me.

Abracei aquele demônio com força.

-*Saudade* – ele disse.

-Também sentirei. Diga ao Rei que não tive culpa.

-*Pai esperar Lienne*.

Fui procurar a juda de Persis. Foi quando descobri que era tudo uma armação. Persis queria um trono e a mim como sua rainha, dando em troca o caminho para a Cidade dos Nefilins e a minha virgindade. Apollyon enganara Persis, prometendo o que jamais daria, pois esse acordo já havia sido feito comigo. No fim, tudo foi uma armação da parte dos dois. Eles induziram meus amigos a me denunciarem, sabendo que eu perderia o controle. Assim eles teriam o motivo para mandarem seus demônios me caçarem, atraindo meu pai para uma luta e abrindo as portas da Cidade dos Nefilins para mim. Liel tentou ajudar-me, mas eu sabia que era perigoso demais tê-lo ao meu lado, então magoei meu melhor amigo para salvar sua vida. Segui as ordens do meu pai e vaguei quase a noite toda por aquele deserto poeirento até encontrar a Cidade.

-E aqui estou, Arel. Foi traída pelos meus próprios erros. Fui vítima das minhas próprias promessas e das minhas mentiras.

-Nada disso valeu a pena.

-Valeu sim. Agora eu sei o que fiz de errado. E toda essa loucura me trouxe até aqui, me trouxe até você, meu guardião, e ao convívio com meu pai.

-Então aprendeste a lição de hoje.

-O quê? – perguntei irritada. – Era tudo parte do treinamento?

-Eu já sabia de toda a sua vida, nefilin. Mas *você* precisava saber.

Arel estava certo, mais uma vez. Eu realmente precisava saber, encontrar-me, entender. A raiva amenizou e deu lugar a satisfação e sensação de alívio.

Satisfação por poder avaliar melhor a situação que vivi, perceber onde errei, onde confiei demais, ver como fui apenas um joguete nas mãos de um demônio ganancioso.

Alívio por poder raciocinar sem a fúria que sentia e poder planejar a volta que eu faria, planejar a vingança que atacaria Persis e os outros.

E posso dizer que eu realmente renasci depois de todo esse relato.

# LÁGRIMAS DE UM AMOR PERDIDO

Lágrimas perdidas,
Há muito contidas,
Escaparam sem vida
De esperanças destruídas.
Lágrimas dolorosas,
De uma amante queixosa
Por sua vida jocosa
Com sua paixão frondosa.
Lágrimas de quem espera
Sonhos, quimeras.
Ansiosa e faminta, como fera,
Pelo amor que prometera.
E ela chora quando os sonhos acabam,
Quando as esperanças vagam,
Quando mundos desabam...
E ela chora, lágrimas que a matam.

# Capítulo 15 – Chorar.

Ainda com Arel, naquele lugar mágico e especial, o lugar que aproximou-me de meu pai e que libertou meus pensamentos mais sombrios, a conversa rendia bons raciocínios.

-Agora conte-me sua teoria sobre Persis – ordenou Arel.

-Bem, eu acredito que, de certa forma, ele foi o primeiro a chegar aqui e a lembrar-se de tudo.

-Não pode ser – o meu guardião retrucou. – Nós saberíamos.

-Você não tem noção do quanto Persis pode ser falso e manipulador, Arel. Ele mentiu o tempo todo. Bem, talvez ele não lembrava-se de tudo, mas tinha vagas lembranças, como Séfora. Ele veio até aqui com uma única missão...

-Lembrar-se do caminho para a Cidade – interrompeu-me o guardião.

-Não. Essa missão foi destinada aos outros nefilins, a mim especificamente. A missão de Persis era outra.

-Qual?

-Apoderar-se de seu veneno.

-Já disse que aquilo não é um venen... – Arel paralisou por alguns instantes, lançando-me um olhar esbugalhado e esquisito. – Você está certa! – ele disse por fim. – Pouco antes dele ganhar suas asas e partir, alguns frascos desse preparado sumiram.

-Veja bem, Arel, você é como os humanos chamam de alquimista. Azazel, um outro demônio como Persis, também. Ele só precisaria separar os ingredientes e chegar a fórmula exata.

-Eu lembro-me de Azazel, filho de Kandake. Foi um aluno fantástico de Hazanel quando a Cidade ainda era governada pelo seu pai.

-Pois agora ele trabalha para Apollyon.

-Sua teoria faz sentido, Lienne.

-Claro que faz. Persis planejou tudo desde o início, com o apoio de Apollyon, que é o mais interessado em chegar na Cidade.

-Eu só sinto por Kandake, pois ter o filho e seu melhor aluno a serviço de Apollyon é uma grande vergonha. Eu terei que levar esse assunto aos arcanjos dos Treze Tronos e você terá que depor novamente.

-Por mim, tudo bem. Eu faço isso.

Claro que eu faria. Era o meu desejo. Quanto mais eu pudesse usar para vingar-me de Persis, eu faria.

-Agora, sua vez de cumprir a promessa – falei mudando completamente o assunto. – Hora da verdade, arcanjo. Quem é a dona do seu coração?

Preparei meu coração para receber a resposta que me destruiria por dentro. Estava certa de que ele falaria o nome da minha mãe.

-A dona do meu coração é uma nefilin – Arel respondeu, surpreendendo-me.

-Uma nefilin?

-Sim – ele estava aparentemente tranquilo, não parecia apreensivo nem intimidado com minha curiosidade.

-Qual o nome dela?

-Eu não disse que revelaria o nome dela. Disse que contaria quem era a dona do meu coração. Ela é uma nefilin. Pronto, respondi a sua pergunta.

-Não! Você disse que me contaria – protestei.

-E eu contei.

Eu comecei a chorar. Foi uma sensação que nunca senti. Doía mais que as traições, doía mais que as surras do treinamento com meu pai, doía como um coração arrancado. Eu perdia o controle de uma maneira que jamais fiz na vida. Eu chorava como uma criança.

-O que você tem? – ele perguntou ainda calmo, como se lidasse com uma adolescente mimada.

-É que eu... você não pode amar uma nefilin, Arel.

-Não posso, Lienne. Por isso estou aqui, preso nessa cidade. Porque eu a amo. E por esse amor, eu fui expulso da minha morada original.

-Ela é especial?

-Ela é tudo para mim.

-Você não pode amá-la – protestei enquanto as lágrimas caíam.

-Por que importa-se tanto com isso?

-Porque eu te amo, Arel.

-Você não pode me amar, Lienne.

Arel foi embora, deixando-me sozinha, chorando por ele, um amor impossível. E eu sentia a mesma dor que Liel, porque agora eu sabia que era possível, sim, um nefilin amar.

## POR VOCÊ

Salvar, essa nunca foi minha sina,
Nunca o meu objetivo,
Nunca o meu destino.
Sempre sozinha,
Sempre o egoísmo,
Nunca o altruísmo.
Eis que agora recebo
Por um amigo, o meu castigo.

# Capítulo 16 – Assumir.

Sentei-me debaixo de uma árvore frondosa que enfeitava aquele vale, que agora tornava-se meu inferno. Deixei as lágrimas lavarem a alma, permiti aos sentimentos que saíssem. Fui, aos poucos, retomando minha calma e concentrei-me na realidade do universo. Ninguém ama, ninguém entende, ninguém tem cem por cento de bondade dentro de si. O egoísmo impera, superando o desejo de acolher e cuidar. E, os seres que todos tanto desprezam, os seres que até o próprio Deus quis exterminar, eram os que mais amavam. Por isso tanto ódio. O mundo foi feito com equilíbrio, certo e contrário, ambas faces para cada fato. O bem e o mal. O claro e o escuro. O amor e o ódio. Só odeia quem um dia amou. Se nefilins odiavam, era porque chegaram no ponto mais alto do sentimento contrário.

Eu filosofava com meu ser, observando o raiar de um novo dia, quando dois vultos saltaram ao meu lado, pousando suavemente. Mikael e Séfora olhavam-me intrigados.

-O que fazem aqui? – perguntei enxugando as lágrimas.

-História interessante – falou Mikael.

-Escutaram tudo?

-Agora eu entendo – falou Séfora. – Por isso eu sonho.

-Não são sonhos, Séfora, são lembranças – expliquei.

-Sim, como eu disse, agora eu entendo.

-O fato é que decidimos que esse segredo todo vai ficar entre nós, se você guardar nosso segredo também – falou Mikael com seu jeito de menino sapeca.

-Que segredo?

-Dissestes para mim que desejavas sair comigo quando eu resolvesse dar uma das minhas escapadas. Esse é o dia, esse é o momento.

-Pensei que fizesse isso durante a noite – rebati.

-Quando anoitece, os anjos ficam mais alertas. Precisa ser entre o amanhecer e o início dos treinamentos. Assim não darão por nossa falta.

-Sendo assim, eu topo.

-Séfora vai conosco.

-Tudo bem. Onde é a saída?

-Sabe nadar?

-Por quê?

-Tá vendo aquela gruta? – Mikael apontou para uma caverna que findava o rio que cruzava a Cidade. Assenti. – Por debaixo dela há uma passagem que nos levará até uma outra caverna. Ali é o limite desse mundo para a terra.

-Como vou saber se sairemos no lugar certo?

-Milagre, nefilin. Um milagre acontece e saímos no mesmo lugar de onde viemos.

-Eu e Séfora somos da mesma cidade e país. Você não lembra-se de nada. Não pode ter certeza de

que não iremos nos separar no caminho – protestei. Eu não queria que nada desse errado.

-Pois esse é o milagre, Lienne. Séfora lembra-se de mim. Segundo ela, estudamos juntos na mesma escola há alguns anos atrás.

-Não tenho mais perguntas – falei decidida. – Vamos logo.

Séfora escondeu seu urso encardido na mesma árvore onde eu estava e depois pulamos no rio. Mikael nadava na frente, indicando-nos o caminho. Logo chegamos numa caverna e o nível da água diminuiu, fazendo-nos recuperar o ar. Eu fui a primeira a tentar sair daquela caverna, porém, por um estranho motivo, ao voltar para o mundo humano, eu voltava a ser o que era antes. E o sol queimou meu braço. Corri de volta para a caverna, urrando de dor.

-O que aconteceu? – Mikael logo foi ao meu encontro.

-O sol. Ele me queima aqui.

-Eu não sabia disso. Desculpe-me.

-Tudo bem. O fato é que eu e Séfora não podemos sair.

-Mas eu só decidi vir aqui por vocês.

-Tudo o que preciso é que encontre Liel. Eu sinto que ele corre perigo. Preciso que dê um recado à ele.

-Tá certo. Diga-me onde encontrá-lo.

Dei as coordenadas para que Mikael chegasse a casa do meu amigo nefilin. Passei o recado de que

eu estava bem e a salvo e para que ele tomasse cuidado com Persis.

-E você? – Mikael perguntou à Séfora.

-Eu? Nada. Eu só queria visitar o túmulo da minha mãe – ela respondeu ainda assustada com a queimadura no meu braço.

-Então eu não demoro. Falo com Liel e volto o mais rápido possível.

Mikael saiu e ficamos em silêncio esperando sua volta. Séfora sentou-se num canto e começou a chorar. Fui até ela e passei meu braço bom pelo seu ombro, confortando-a.

-Eu tenho medo, Lienne.

-Eu também garota, eu também...

O nefilin realmente não demorou a voltar. Porém, as notícias que ele trazia não eram boas.

-Você estava certa, Lienne. Liel corre perigo. Eu não consegui falar com ele, pois demônios o perseguiam. Só que o pai dele foi mais rápido e o salvou. O que eu preciso entender agora é, como você sabia disso?

-Lembra-se que Arel foi buscar-me ontem durante o jantar?

-Sim.

-Os arcanjos queriam informações sobre Persis. Eu acabei citando o nome de Liel como o único nefilin que eu conhecia e que jamais havia experimentado o vinho com sangue.

-Não entendi o que isso quer dizer.

-Como Liel pode estar sendo perseguido por demônios hoje? Por que o pai dele resolveu aparecer só agora? – indaguei.

-Porque nossos pais devem aparecer para nos salvar quando estamos em perigo.

-Não, Mikael. É porque um dos arcanjos é aliado de Persis. Isso tudo é uma experiência. E nós somos as cobaias.

Os dois nefilins pareciam mais assustados que antes. Mas Mikael ainda mantinha o raciocínio.

-E o que faremos?

-Nada, por enquanto. Temos que voltar.

Os dois assentiram. Por instinto, eu fui na frente e nadei mais rápido. Antes de chegar à superfície, vi vultos de anjos em torno do rio. Fiz sinal para que Mikael e Séfora voltassem. Novamente na caverna, eu falei a ambos:

-Eles nos descobriram. Só temos duas soluções: ou ficamos aqui, no mundo humano, e vivemos fugindo de demônios e anjos que irão nos caçar, ou...

-O quê? – perguntou Séfora.

-Eles não gostam de mim e procuram um bode expiatório para jogar a culpa disso tudo.

Olhei para os meus amigos. Pela primeira vez na vida eu decidi ter um pouco de altruísmo e tomei uma estúpida decisão.

-Fiquem aqui. Eu volto sozinha. Assim que eles me pegarem, vocês poderão voltar sem que ninguém os veja e fingirem que não sabem de nada.

-Como podemos acreditar nisso? – perguntou Séfora. – Escutamos suas histórias quando as contou para Arel. Você sempre jogou num time de uma pessoa só.

-Apenas confie em mim dessa vez, Séfora. Eu não ganho nada delatando vocês, o castigo será o mesmo, seja ele qual for.

Mikael olhava-me com piedade.

-Desculpe-me por isso. Se eu soubesse...

-Ninguém poderia adivinhar. Apenas façam o que eu digo.

Os dois assentiram. Eu mergulhei novamente no rio e nadei de volta a Cidade dos Nefilins.

Mal saí daquelas águas e fui recebida com golpes fortes. Depois fui imobilizada por dois anjos enormes.

-Onde estavas, nefilin? – Hazanel perguntou.

-Sabes onde eu estava, senhor.

-Por que saístes da Cidade? Eu confiava em você.

-Sinto muito, senhor.

Não me atrevi a encará-lo. Apenas escutei suas ordens, passadas aos anjos que me seguravam.

-Levem-na para o salão dos Treze Tronos. Seu julgamento será agora mesmo.

Aqueles anjos não tiverem nem um pouco de piedade comigo. Arrastavam-me pelos braços, intercalando chutes e puxões que arracavam tufos do meu cabelo. Fui jogada no chão frio daquela sala sagrada.

-Levante-se – ordenou Hazanel.

Obedeci e pude ver o rosto do meu pai. Fechei meus olhos. Encará-lo era doloroso e vergonhoso. Virei o rosto e vi Arel, incrédulo com a cena.

-O que fizeste, nefilin? – Hazanel perguntava com sua voz autoritária e forte.

-Saí da Cidade, senhor, por um caminho secreto que encontrei sem querer.

-O que fostes fazer fora daqui?

-Não era minha intenção sair. Apenas queria aproveitar o calor e mergulhar um pouco – menti descaradamente.

-Com quem falastes no mundo dos humanos?

-Com ninguém, senhor. O sol ainda me queima fora dessa Cidade. Podes compravar o que digo ao ver o ferimento no meu braço.

Estendi meu membro, mostrando a todos que eu falava a verdade quanto a isso.

-A saída da Cidade dos Nefilins sem autorização é punida com a morte – exclamou Hazanel. No entanto, sua voz tinha um grande pesar.

Eu decidi lutar pela minha vida e me defendi com argumentos que contariam a meu favor.

-Se minha intenção fosse fugir, meu senhor, eu jamais retornaria. Entretanto, aqui estou, pronta para aceitar a minha punição.

Hazanel sorriu. Eram essas palavras que ele esperava ouvir.

-Pelas informações que nos deste, pelos fatos que contaste ao arcanjo Arel e por ter voltado, sua punição será amenizada. Creio que todos concordarão com minha decisão – Hazanel olhou

para os outros doze arcanjos, que assentiram, aprovando suas palavras. – Sendo assim, pela sua falta, eu a condeno a quinze chibatadas, treze delas representando cada um dos membros desse conselho, uma por envergonhar o nome de seu pai e a última por envergonhar seu guardião.

Hazanel caminhou até ficar de frente para mim, colocou a mão no meu queixo, fazendo-me olhar para ele.

-Esse castigo doerá em todos nós, pois seu carrasco será Caleb, seu próprio pai.

Eu chorei silenciosamente. Mas aceitei cada golpe que receberia para manter meus novos amigos a salvo, porque agora, depois de muitas traições que sofri, eu entendia o valor de uma fidelidade.

No mesmo instante, fui conduzida pelas mãos do arcanjo Hazanel até a maior arena do pátio de treinamentos. Todos os nefilins e seus instrutores foram convocados para assistirem meu castigo. Dois grandes madeiros foram fincados ao solo, servindo como cárcere para meus braços, grosseiramente amarrados. A corda que me prendia era áspera e fazia a minha queimadura arder e sangrar. Mesmo envergonhada, levantei o olhar e encontrei Mikael e Séfora e, por um momento, fiquei feliz. Eles estavam bem e a salvo. Ela deu-me um sorriso tímido, como se pedisse perdão. Mikael manteve-se sério.

-Todos estão reunidos aqui – Hazanel começou a discursar em voz alta. – para serem

testemunhas do castigo que será aplicado a esta nefilin por sua falta contra a Cidade e seu governo.

O arcanjo voltou-se para mim e disse num tom que somente os que estavam perto escutaram:

-Seja forte.

Vi quando meu pai aproximou-se com o chicote na mão. Seu rosto era duro e firme. Ele deu a volta pelos madeiros, ficando a minhas costas. Fechei meus olhos e esperei a tortura começar.

O primeiro golpe ardeu como vinagre num corte. Senti o sangue quente escorrer pelo meu corpo. O segundo alcançou meu ombro esquerdo. Eu não gritei, meu orgulho era forte demais para isso. Vi Mikael balançar a cabeça incoformado e Séfora chorar e estremecer com cada chibatada que eu levava. O olhar de Arel foi quem fez meu coração disparar e as lágrimas escaparem. Porque seus olhos estavam úmidos, sentindo a mesma dor que eu sentia.

Ao fim do castigo, minha camiseta estava completamente rasgada e encharcada de sangue. Os mesmos anjos que me prenderam também me soltaram, deixando-me caída de bruços na areia grossa da arena. A multidão se dispersou e eu fechei meus olhos.

Senti mãos grandes tocando minha cabeça. Forcei-me a abrir os olhos na esperança de encontrar o apoio de Arel, mas foi o rosto do meu pai que eu vi ali.

-O que fizeste, criança?

-Falei a verdade, pai. Foi o que eu fiz.

-Vejo que a verdade dos nefilins não é a mesma verdade dos anjos.

-Pai?

-Estou aqui, minha querida, como eu prometi.

-Pai, eu desisto.

-Não, você só está cansada. Eu conheço a minha filha, ela jamais desistiria. Vamos, eu vou cuidar de você.

## UM OLHAR

Eu vi seus olhos,
Eu vi a verdade,
E ela doeu em mim.
Eu vi minha vida,
Eu vi a realidade,
E esse foi o meu fim.
Eu vi a dor,
Eu senti o choque,
Só não enxerguei o amor.
Eu vi sua alma,
Eu vi o desejo,
E nele minha imagem encontrei.
Eu vi suas lágrimas,
Eu vi sua partida,
E senti a perda de quem amei.

# Capítulo 17 – Lamentar.

Caleb levou-me para o meu quarto e cuidou dos meus ferimentos. Cada toque dele, mesmo que fosse cuidadoso e suave, ardia. Arel chegou em seguida e eu permaneci em silêncio. E nesse silêncio eu pude refletir...

Hazanel, ao declarar minha punição, citou um fato importante. Ele disse que meu castigo seria amenizado pela minha fidelidade ao contar sobre Persis aos arcanjos e pelas palavras que eu tinha dito para Arel. Meu guardião não perdeu tempo e, logo após ter deixado-me aos prantos naquele vale, foi ao encontro dos arcanjos, relatar minha desconfiança sobre o veneno de Arel nos vinhos de Persis. Concluí que esse foi o motivo dos arcanjos estarem a minha procura. Quando não encontraram-me em parte alguma da Cidade, voltaram para o vale e foi quando eu fui flagrada.

Arel jamais fora meu amigo. Era só mais um dentre os muitos que me prejudicaram.

Analisando todos os fatos da minha vida, a única verdade era que somente os nefilins foram amigos sinceros. E eu estive engananda todos esses anos, os nefilins amavam, muito mais que qualquer outra criatura. Liel sempre me amou, Séfora chorou as minhas dores, Mikael revoltou-se com cada sofrimento meu. E um demônio... Adramalech, meu doce irmão demônio... Aqueles demônios seriam chamados de santos, se comparados aos humanos.

Eram puros e sinceros, criaturas inocentes e fiéis, movidos a atacarem por ordens vindas de cima. Adramalech era o irmãozinho que eu amava.

Após limparem os meus cortes, Arel discutia com meu pai:

-Ela precisa levar pontos. Isso nunca vai cicatrizar.

-Não podes usar o acelerador? – perguntou Caleb.

-A dose que ela tomou ontem foi a mais forte que já cedi para um nefilin. Se ela tomar mais, poderá sofrer uma espécie de mutação – explicou Arel.

-Entendo. Pois que seja, ela precisa se recuperar, com ou sem acelerador.

-Essas marcas jamais vão desaparecer – comentou Arel. – Felizmente as asas cobrirão tudo.

-Se ela sobreviver, Arel.

-Sua filha vai conseguir, Caleb. Eu jamais vi uma punição como essa sem um gemido sequer. Lienne é muito mais forte que imaginas.

Fechei meus olhos e fingi que dormia, esperando que Arel revelasse algo.

-Já decidiram quem será seu oponente na prova final? – era a voz de Arel.

-Sim, será Iehuiah.

Estremeci em meu ser. Iehuiah era o melhor guerreiro e pai de Alfeu. Era considerado o anjo da lua, uma brincadeira entre a classe angelical, por ser um maluco, um lunático, na hora da luta. Conclusão, eu seria massacrada. Dei minha vida por acabada. E

uma depressão tomou conta de mim. Iehuiah só era chamado para grandes batalhas, jamais para executar a prova final de um nefilin. Portanto, eu estava mesmo muito ferrada!

Arel esfregou alguma coisa em volta dos meus cortes mais profundos, fazendo minha pele formigar até ficar completamente insensível. Mesmo assim eu sentia quando ele suturava os cortes. Não dor, mas a carne sendo repuxada. Arel foi rápido, com suas mãos habilidosas logo terminou o trabalho. Depois esfregou meus cabelos e disse:

-Ficarás bem.

Eu virei meu rosto. Não queria falar e nem olhar para ele.

-Pode ir, Caleb. Eu ficarei com ela.

-Minha prole, minha responsabilidade. Eu ficarei. Outro nefilin chega na cidade, cuide dele que eu cuido de Lienne – respondeu meu pai.

E Arel se foi.

Sem o veneno acelerador de Arel, minha cura foi lenta e eu não me importava com isso. No segundo dia naquele quarto, eu nem ousava levantar-me e nem mesmo sentar-me.

Séfora e Halina foram me visitar quando acabaram seus treinamentos. As duas estavam imensamente machucadas. Séfora tinha uma mancha quase negra em torno de seu olho direito e a boca de Halina estava inchada num dos cantos. Arel apareceu após o jantar para ver como estavam meus ferimentos, porém, antes que ele pudesse tocar-me,

eu me esquivei, encolhendo-me numa posição fetal e puxando as cobertas para cobrir meu rosto.

-Preciso cuidar dela – Arel falou para as nefilins.

-Lienne ainda está assustada, senhor – falou Halina. – Ensine-nos como aplicar essas ervas que traz consigo e nós o faremos.

Ouvi toda a explicaçaão que Arel deu para as meninas e elas executaram a tarefa com mãos de fadas.

O terceiro dia não foi diferente, porém as visitas eram de Mikael e Halina. Novamente eu não permiti que Arel me tocasse, mas Caleb entrou no quarto e fez o serviço.

Já faziam cinco dias que eu estava num estado de extrema depressão e enfurnada naquela caverna de péssimas acomodações. Mal eu comia algo e não levantava para nada. Sempre recebia a visita de um dos meus amigos, alternando em pares o trabalho de cuidar dos meus ferimentos. Mikael e Séfora, Halina e Saron, Alfeu e Caleb. Nunca Arel, porque eu não permitia que ele tocasse em mim. Meu pai ficou apreensivo ao perceber que eu não trocara uma só palavra com nenhum dos meus visitantes e chamou o melhor psicólogo dos nefilins, o anjo Kandake.

-Deixem-me a sós com ela – pediu o anjo.

Eu estava de costas para a porta, com o rosto virado para a parede e parcialmente coberto. Quando ficamos somente ambos no quarto, Kandake disse:

-Não posso dizer que eu sei como se sente. Não posso obrigar-te a levantar-se daí. Mas posso dizer que, após ver um dos meus filhos morrer numa dessas arenas durante sua prova final, meu único objetivo dentro dessa cidade agora é fazer com que fiquem bem – sua voz era calma, porém firme. – Você não agrada aos instrutores e nem aos arcanjos. Somente Hazanel sente simpatia pela sua pessoa, Lienne. Mas eu vi como seus amigos preocupam-se sinceramente com seu estado.

Suas palavras não surtiram efeito algum em mim. Continuei como estava, sem mexer nem um só músculo.

-Também sei quando um nefilin mente – continuou Kandake.

Não me mexi, mas mantive-me alerta para escutar suas próximas palavras.

-E sei quando se sacrificam.

Virei-me devagar para encarar Kandake.

-Você não saiu sozinha, nem conhecia o caminho.

-Não sabes o que fala, anjo – sussurrei.

-Sei de tudo o que meu filho faz. Mikael não é o exemplo de aluno dessa Cidade.

-Mikael é seu filho? – uma informação que eu realmente desconhecia.

-Sim, mas ele não sabe desse fato.

-Deveria orgulhar-se dele – rebati com raiva.

-Eu me orgulho dele, porque eu vi em seus olhos o quanto ele sente por você. Mikael sente-se culpado.

-Kandake, eu continuarei afirmando que saí sozinha dessa cidade, não importa o quanto me denuncie.

-Não farei isso, Lienne. Nenhum outro nefilin aguentaria a mesma punição que você. E eu não seria capaz de chicotear meu próprio filho.

-Eu não aguentei nada. A vergonha me consome. Meu pai não foi piedoso.

-Seu pai fez o que era certo, ele é o melhor de todos nós. Caleb sabe ensinar e sabe punir. E não tem do que envergonhar-se, fostes forte e já pagastes pelo seu erro. Ninguém nessa cidade te condena.

Virei-me para a posição anterior, cobrindo completamente meu rosto, mostrando que a conversa era finda. O anjo entendeu o recado e retirou-se, deixando-me com meus pensamentos.

Refleti sobre as palavras de Kandake e fiquei em dúvida sobre o que pensar: ou o pai de Mikael era um anjo estúpido demais ou ele duvidava da minha inteligência...

Cerca de quatro horas depois, Mikael e Alfeu entraram no meu quarto. Decidi acabar com meu jejum de silêncio com meus amigos.

-Preciso fumar.

-Aqui? – perguntou Alfeu. – Arel e Caleb sentirão o cheiro.

-O odor dessas ervas disfarçam até o aroma de uma flatulência. Me dá logo um cigarro – insisti.

Mikael atendeu ao meu pedido, acendendo o cigarro e passando-o para as minhas mãos. Acomodei-me deitada de lado, pois os cortes ainda

ardiam demais e o colchão de palha era incômodo e não colaborava para o meu conforto. Aproveitei o cilindro de nicotina até a última tragada.

-Vais virar um ermitão? – brincou Alfeu.

-Só quero pensar mais em tudo o que aconteceu.

-Arel está como um louco. Ele não entende suas atitudes – falou Mikael.

-Eu quero que Arel morra! – exclamei.

-Então mate-o – Alfeu só brincava, a vida era como um jogo para ele.

-Vontade não me falta – murmurei.

Os dois riram alto.

Séfora e Saron entraram em seguida.

-Advinha quem é o máximo? – gritou Saron.

-Eu – respondeu Alfeu.

-Você é um nada, meu querido. *Eu* sou o máximo. Falei com senhor Caleb e, com a ajuda de Kandake, que o convenceu de que Lienne estava deprimida e precisava de ajuda, ele permitiu que nós duas dormíssemos aqui – explicou Saron.

-Gostei – eu disse sorrindo.

-E a nefilin das trevas sabe falar! – Séfora simulou um susto.

-E eu falo demais em certos momentos.

Ficamos todos juntos por mais um quarto de hora, até que os meninos saíram de volta aos seus aposentos e eu fiquei na companhia de Séfora e Saron. Eu me sentia cansada e logo adormeci, mas não por muito tempo. Escutei sussurros e leves

estalos no meio da noite. Abri os olhos e vi as duas em beijos quentes e abraços ousados.

-Corro o risco de ser estuprada pelas duas? – sussurrei. – Pensei que lesbianismo fosse pecado.

-E é, mas não vamos cair nessas besteiras que nos ensinam. Nossos pais pecaram deliberadamente, somos livres e temos o direito de amar quem quisermos – protestou Saron.

-Não julgo nenhuma das duas. Perto de tudo o que já fiz, isso é coisa boba. Fiquem à vontade, só não toquem em mim quando o tesão atacar vocês. Eu vou dormir.

As duas riram baixinho. Virei-me pro outro lado e concentrei minha mente em outra coisa. Porém, a visão das duas, fazia-me pensar muito em Arel e no quanto eu desejava viver a mesma cena que presenciei ali, com ele.

# VAZIO

Memórias largadas.
Ele esqueceu-se de mim...
Um chip vazio.
O esquecimento apoderou-se por fim.
Amizade perdida.
Nada será como antes...
Um olhar desconhecido,
Apenas lembranças distantes.
Castelos vieram abaixo
E sonhos foram destruídos,
Tudo está quebrado
E a vida sem sentido.
É triste estar assim,
É triste olhar dentro da alma e nada encontrar.
Por mais que doa,
Essa dor é melhor que perder.
Doer é melhor que ser um nada para si mesmo,
E até o ódio é melhor que isso...
Sem emoções,
Sem sentimentos,
Sem medos.
É assim que a vida chega ao fim.
Pergunto-me: o que restou para mim?
Ou o que restou de mim?
Um vaso vazio.
Só carne sem sentimentos.
E uma vida sem objetivos,
Destinada ao nada.

# Capítulo 18 – Esquecer.

Depois de uma semana enclausurada por vontade própria no meu quarto cavernoso, decidi dar a volta por cima e seguir em frente. Não esperei por ninguém. Levantei-me e me vesti para o treinamento.

Enquanto caminhava pelos pátios das arenas, de cabeça baixa, evitando os olhares curiosos, escutei uma voz conhecida. Precisei dominar a vergonha e levantar a cabeça para ter a certeza de que a voz que escutara era da pessoa que eu conhecia. E lá estava ele, na arena ao lado, lutando com Kandake. Parei de seguir o meu caminho e fui até onde eles estavam. Esperei a luta acabar e Kandake se retirar. Fui até meu amigo e abri o meu maior sorriso:

-Oi, Liel. É bom te ver por aqui.

Ele apenas olhou-me sem entender o motivo para que lhe dirigisse a palavra. Eu já imaginava o por quê dessa reação de Liel, ele estava ressentido pelo fato de eu tê-lo deixado.

-Eu realmente estou feliz por ter um amigo nessa Cidade e queria pedir-te desculpas por tudo o que fiz – continuei. – Você estava certo sobre Persis e tudo mais...

-Espera – ele me interrompeu. – Você deve estar confundindo-me com outra pessoa. Sinto muito.

-Liel, sou eu, Lienne – tentei explicar.

-Realmente eu não acho que te conheço, moça. Entretanto, eu estou sofrendo uma amnésia fortíssima e não me recordo de nada.

Claro. Liel jamais se lembraria de mim. Foi o resultado de sua abstinência ao vinho de Persis. E foi o fim de uma amizade de anos. Eu me arrependi por cada vez que não dei atenção as palavras de Liel, me arrependi por cada momento que disperdicei sem a sua companhia. Porque essa amizade acabou no momento que entrei na Cidade dos Nefilins. E agora ele jamais se lembraria de que estive em sua vida e que fomos grandes amigos. Essa dor me consumia e Liel não sentiria o mesmo, ele nunca seria capaz de se lamentar por isso porque não lembrava de nada.

-Com licença – disse Liel, afastando-se para fora da arena.

Fiquei observando seu caminhar forte e seguro, um nefilin perfeito, que um dia fora meu melhor amigo.

-Procurei você por toda parte – Arel gritou ao se aproximar de mim.

Ignorei Arel. Eu ainda me ressentia pelo castigo, impondo nele a culpa pelo acontecido. Se meu guardião fosse mais cuidadoso com sua ansiedade, teria esperado um pouco mais, ou até mesmo me consultado, antes de levar o caso *veneno-vinho-Persis* aos arcanjos. Se assim fosse, eu teria voltado em segurança ao meu mais novo "doce-lar".

-Vais continuar com sua pirraça? – Arel falou.

Sim, eu iria. Mas não por pirraça, mas porque eu tinha um assunto mais sério para resolver. Deixei Arel sozinho e fui ao encontro de outro arcanjo.

# MUDANÇAS

Quebrar, destruir, enfrentar,
Encontrar a verdade,
Libertar.
Burlar as regras,
Queimar.
Vencer a batalha,
Enfrentar.
Reviver, morrer, renascer,
Encontrar.
Construir e tornar a quebrar.
Promessas, desejos, ilusões,
Amor, certezas, dúvidas,
Conhecer as leis.
Amar, enlouquecer.
Quebrar as regras.
Vencer.
Insanidade, preciptação.
Nascer de novo sem entender.

# Capítulo 19 – Conversar.

Eu caminhava para a sala dos Treze Tronos e avistei Mikael. Uma lembrança assombrou-me e eu precisava de uma certeza antes de ir falar com Hazanel.

-Mikael – o chamei interrompendo seu treinamento com o anjo instrutor que eu só conhecia de vista. – Desculpe, senhor, – falei ao anjo que olhava-me com desagrado – mas prometo que serei breve.

-Que assim seja – o instrutor respondeu.

Eu e Mikael nos afastamos um pouco.

-Obrigada. Aquele soco ia acabar com meu rosto perfeito – brincou Mikael, me fazendo revirar os olhos diante de sua futilidade.

-Diga-me, nefilin, você disse que viu o pai de Liel o salvando naquele dia.

-Sim.

-Quem é o pai dele?

-Arktos.

-Séfora sabe disso?

-Achei melhor não contar.

-Fez bem. Mais tarde conversaremos melhor.

Eu já estava me afastando quando escutei as últimas palavras de Mikael antes de voltar ao seu treinamento:

-É bom ver que você saiu do quarto, nefilin.

Fiz um sinal positivo, levantando o polegar e segui pensativa...

Os arcanjos impunham algumas regras aos nefilins. Quebrar uma dessas regras era o mesmo que pedir para morrer. As básicas eram: nós podíamos namorar com o sexo oposto, contando que fosse da mesma raça, ou seja, nefilin com nefilin – nada de anjos ou arcanjos, acabando com meu sonho feliz de um dia ter Arel ao meu lado; era proibido sair da cidade; era proibido o namoro de irmãos, mesmo que só por parte de pai – regra estúpida, já que ninguém ali lembrava-se de quem eram seus pais, com exceção de Séfora e eu; falar a frase "eu desisto" num treinamento era o mesmo que dizer "mate-me" – e muitos optaram mesmo por desistir; nenhum nefilin podia entrar na sala dos Treze Tronos sem ter sido convocado por um arcanjo – regra que eu estava prestes a quebrar.

Não bati na porta, revidando a mesma educação de Arel quando entrava no meu quarto.

-Senhores? – falei ajoelhando-me de maneira formal e levantando-me logo em seguida.

-Quanto atrevimento! – gritou Ilke, pai de Persis.

O ignorei.

-Arcanjo Hazanel, venho solicitar uma reunião particular com o senhor.

-Sabes que não é dessa maneira que as coisas acontencem, nefilin – Hazanel respondeu com a voz firme, entretanto seu olhar não escondia a curiosidade pela minha audácia.

-Mesmo seguindo regras, concordarás comigo de que nem a minha chegada foi como todas, assim

como as minhas convocações até este conselho e os meus treinamentos, senhor.

-Não posso conceder-lhe isso e burlar as regras. Terás de falar com seu guardião e pedir que ele solicite uma audiência. Avaliaremos a situação e depois lhe daremos uma resposta. E, nefilin, devido a sua parcial recuperação após seu último castigo, farei pouco caso desse seu ato, ignorando o ocorrido da sua intromissão e liberando a sua partida.

-Afirmo que já estou totalmente recuperada, senhor. Eu jamais fugirei dos meus castigos. Portanto, fique à vontade para executar a punição que achar necessária – respondi por entre os dentes.

Hazanel soltou uma risada baixa, enquanto Ilke gritava:

-És muito audaciosa, nefilin. Essas palavras a levariam a morte. Se eu fosse o rei dessa Cidade...

-Mas você *não é* o rei dessa Cidade, irmão Ilke – exclamou Hazanel.

-A filha de Caleb é muito atrevida! Um mal exemplo para os outros nefilins – Ilke continuava protestando.

-Podemos resolver o meu mal exemplo na arena, senhor – retruquei.

-Estás me desafiando, nefilin?

-Não, senhor. Estou lhe convidando para que sejas meu instrutor por algumas horas numa das arenas – respondi sorrindo.

-Vejam, irmãos, Caleb deixou tudo para dedicar-se à filha e ser um bom pai e, no entanto, ele falhou nessa missão – o pai de Persis provocava-me.

-A julgar pela sua prole, senhor, devo acreditar que meu pai não foi o único. Afinal, Persis não se tornou um grande exemplo a ser seguido.

-Chega! – gritou Hazanel ao perceber que seria uma discussão sem fim. – Faça um pedido formal para uma audiência com seu guardião, nefilin.

-Não, senhor. Só saio daqui após conseguir o que vim solicitar. Ou é isso ou a morte.

-Isso não será possível, nefilin. Obedeça-me e só volte quando for convocada – Hazanel gritou.

-Eu não voltarei, senhor. Sairei daqui direto para a arena com o meu instrutor. Ao contar pelo meu castigo, haverás de convir comigo de que ele não hesitará ao cumprir as regras por este conselho estabelecidas.

-Não entendo o que estás querendo dizer-me, nefilin.

-Estou aqui para aprender e ajudar a combater os nossos adversários. Eu cumpri com tudo o que me foi ordenado. Se ainda estou viva é porque me consideram um peão forte para defender seu rei nesse tabuleiro de xadrez que essa guerra se tornou. Pude comprovar isso pela minha última falta, ao qual não hesitaram ao poupar-me a vida. Sendo assim, nada mais restou-me, senão pedir uma audiência para tratar de informações importantes, que só ouso confidenciá-las ao arcanjo Hazanel. E isso foi-me negado. Senhores, sigo agora para a arena, para dizer ao meu pai e instrutor uma única frase: eu desisto.

Eu disse essas palavras e virei-me, caminhando para retirar-me daquele recinto e cumprir o que havia dito em meu discurso. Mas fui detida pela ordem de Hazanel.

-Pare, nefilin.

E eu parei, mas continuei de costas para todo o conselho de arcanjos.

-Terás o que desejas.

E vi Hazanel passar por mim e dirigir-se até a porta do salão.

-Venha comigo – ele ordenou e eu o segui.

Não saímos do castelo, mas entramos num aposento menor que a sala dos Treze Tronos. Hazanel parou de repente e virou-se para mim.

-Conte-me o motivo dessa balbúrdia toda.

-Senhor, preciso que raciocine comigo, pois o que farei agora pode parecer só uma acusação séria e sem fundamentos, entretanto o que tenho a lhe dizer é de extrema importância.

-Tem minha atenção, nefilin.

Tomei fôlego e comecei meu relato.

-Contei-lhes sobre Persis e suas armadilhas com os nefilins e sobre as verdadeiras intenções dele.

-Sim.

-Falei também no nome de Liel – o arcanjo assentiu. – E, por coincidência, meu amigo encontra-se na Cidade logo após essa revelação. Sei que ele chegou aqui no mesmo dia que sofri meu castigo. Sem contar o fato de que Liel não lembra-se de nada.

-Ainda não entendo o que dizes, nefilin.

-O estou tentando lhe explicar, senhor, é que tudo isso está parecendo uma experiência. Veja bem, eu fui a primeira, segundo Persis, a tomar do vinho adulterado com uma dose maior da droga. O fato de eu ser a filha de um arcanjo colaborou muito para que eu não sofresse a amnésia da morte. Séfora é filha de Arktos, assim como Liel. Porém Séfora tomou do vinho, acumulando certas lembranças, enquanto Liel, que nunca experimentou a bebida, de nada se recorda. A pergunta que faço é a seguinte: como Persis pode ter certeza do que acontece aqui? Como Liel só foi perseguido por demônios, fazendo Arktos se pronunciar e ajudar seu filho, indicando o caminho dessa Cidade, só depois que citei seu nome diante do Conselho?

-Um traidor? – perguntou o arcanjo.

-Sim, meu senhor. Alguém de dentro da cidade está observando a todos nós e passando a informação para Persis – respondi firme, sentindo a coragem invadir-me cada vez mais.

-Desconfias de alguém?

-Persis não confia tanto em mim quanto eu imaginei. Ele teme que eu esqueça o caminho da Cidade e, por esse motivo, continua experimentando a quantidade de drogas nos vinhos. Porém, segundo ele mesmo, eu sou a última da linhagem dos arcanjos. Ele imagina que, se eu me juntar a vocês, o que lhe afirmo ser verdade, essa poderá ser sua última chance. Por isso ele tenta, de todas as maneiras, formular um "plano B". Eu imaginei que sua intenção fosse reinar entre os vampiros, mas o

que Persis deseja ao entregar a informação dos caminhos secretos dessa cidade, é ter o domínio sobre os nefilins, treinando-os e criando um novo exército. Agora, diga-me, senhor, quem, dentre vocês, está ressentido?

Hazanel pensou por alguns segundos, depois respondeu a minha pergunta:

-Ilke. Ele ficou muito perturbado depois que você revelou o que seu filho fazia. E hoje ele mostrou-se bem alterado com a sua presença.

-Isso é exatamente o que Persis quer que pensemos. No entanto, lhe afirmo que, apesar de tudo, o arcanjo Ilke é inocente. Como o senhor mesmo disse, ele só se revoltou depois que lhes contei sobre Persis.

-Então eu não imagino quem seja esse traidor.

-Senhor, lembra-se de Azazel? – perguntei.

-Claro, foi meu melhor aluno.

-Pois eu lhe afirmo que o conheci e ele trabalha para Apollyon.

Hazanel estremeceu ao escutar o nome do Rei das Trevas.

-O que faria um anjo ou arcanjo considerar um filho como morto, mesmo que ele sobreviva a sua prova final aqui na Cidade dos Nefilins? – continuei a perguntar.

-Juntar-se às forças do mal.

-Ou ser o melhor e, mesmo assim, não poder alcançar a glória da Nova Ordem.

-Como sabes da Nova Ordem?

-Em outra hora eu lhe explico isso, senhor – afirmei. – O importante aqui é entender que os arcanjos remanescentes são apenas quinze, os senhores do conselho, meu pai e Arel. Dos arcanjos que foram expulsos da morada original, só restaram vocês. Só o filho de um arcanjo poderia retornar à cidade e assumir o trono principal e Persis seria esse filho, já que o senhor e os outros doze não têm descendentes vivos ou gerados. Mas Persis desviou-se de seu caminho, perdendo o direito ao trono. Eu sou tudo o que resta para a Cidade. Uma exceção à regra, que jamais será quebrada, acredito. Nenhuma nefilin transformada terá o direito de assumir o reinado da Cidade. Essa é uma honra destinada somente aos machos.

-Sendo assim, o conselho iria diminuindo, conforme os arcanjos morressem ou desistissem de sua posição, já que o filho de um anjo não tem o direito ao trono – completou Hazanel.

-Exatamente, senhor! Sei que é quase impossível o fato de um arcanjo morrer, mas sei que já aconteceu. Portanto, um pai, cujo o filho é o melhor ou tão capaz quanto qualquer prole de um arcanjo, por instinto, lutaria por esse trono. E Kandake é esse pai.

O arcanjo assustou-se com a revelação que lhe fiz.

-Podes provar o que diz? – ele perguntou por fim.

Sim, eu podia. Mas entregar minhas provas, era o mesmo que entregar Mikael, que era somente

mais uma das vítimas de seu pai. Kandake contou-me que viu um filho ser morto na arena. Na verdade, o que ele quis dizer foi que as esperanças de seu filho morreram na arena. Quando escutei as palavras de Kandake, concentrei-me nos fatos: Azazel era o melhor aluno que a Cidade dos Nefilins teve; somente os anjos e arcanjos conheciam as saídas dali; Mikael soube, de uma maneira que ele se omitiu de explicar, onde ficava a saída mais fácil. A partir daí, as conclusões a que cheguei foram: Azazel foi ao encontro de Apollyon por intermédio de Kandake e o próprio pai mostrou à Mikael a saída da Cidade, com o intuito de salvar a vida de seu outro filho, caso decidisse que Mikael não fosse capaz de sobreviver em sua prova final, tirando-o dali antes do teste acontecer.

Persis jamais roubara o veneno de Arel. Kandake era o verdadeiro ladrão. Persis foi somente a distração. Kandake fazia treinamentos intensos com o filho de Ilke, levando-o depois ao encontro de Arel, na sala onde continha as drogas que nos curam, deixando o arcanjo cuidar de seu aluno enquanto ele se apoderava do que desejava.

No fim, tudo não passava de um jogo de interesses onde somente Apollyon sairia ganhando. Persis fez um trato com ele, porém esse mesmo trato foi firmado entre Apollyon e eu. E Kandake foi atrás desse mesmo desejo, todos queriam, por motivos distintos, o trono principal da Cidade dos Nefilins. Para Persis, o prêmio seria eu e o poder de um novo exército que ele mesmo treinaria. Para Kandake seria

o prazer de ver seu filho num lugar que jamais iria lhe pertencer. Para Apollyon, bem, para ele o prêmio seria tudo: destruir a Cidade dos Nefilins e os anjos, deixando os humanos vulneráveis aos seus demônios, minha virgindade e, por consequência, o reinado que me pertenceria pela minha ascendência. A única prejudicada nisso tudo era eu e, mesmo assim eu lutava pelos nefilins e todos que naquela Cidade habitavam.

Olhei para Hazanel e respondi:

-Infelizmente eu não posso provar nada, senhor.

-Não podes ou não quer?

Lembrei-me das palavras de Arel: omissão ao invés de mentira. Decidi calar-me e mudar o assunto, levantando uma pergunta que ansiava por uma resposta.

-Arcanjo Hazanel, por que não me deixaste seguir até a arena e falar a frase "eu desisto" para o meu pai?

-Porque és a melhor daqui, Lienne. Eu já lhe disse isso uma vez, e repito agora: eu confio em você.

Isso fez com que eu me sentisse melhor, entendendo que, se fosse possível um dos arcanjos do conselho torna-se guardião dos nefilins, o escolhido para tomar o lugar de Arel como meu guardião seria o arcanjo principal da Cidade, Hazanel. E esse carinho todo, fez-me lembrar de outra pergunta.

-Senhor, conheces meu pai desde os primórdios da criação. Sabes que ele teve um filho antes do dilúvio. Chegastes a conhecê-lo?

-O que sabes sobre esse extermínio, nefilin?

-Simplesmente o que conta o Livro Sagrado.

-Há um segredo que só lhe contarei por causa das informações que me destes. Alguns dos nossos filhos não morreram. Eles foram resgatados por Apollyon e transformados em seres que muitos confundem com os demônios.

-Demônios, senhor?

-Sim, minha querida nefilin, alguns demônios são nossos filhos que um dia pensamos estarem mortos.

-Todos eles? Digo, todos os que foram resgatados por Apollyon?

-Todos, sem exceções.

-Pensei que os demônios fossem criados por Deus, senhor.

-Alguns, sim. Na verdade, um nefilin quando se transforma em anjo, ele têm a mesma aparência que nós. O mesmo acontece quando um nefilin é transformado em demônio.

-Lembra-se de seu filho, senhor?

-Filha. Eu tive uma filha, muito parecida com você, linda e corajosa.

Hazanel sorriu saudosamente, relembrando do amor que sentiu por alguém, recordando do fruto desse pecado, talvez agora extinto... Isso explicava a sua fé em mim e todo seu carinho. Um amor contido que ele precisava passar adiante. Hazanel viu em

mim a possibilidade de reviver esses momentos especiais, de reviver sua paternidade, que lhe foram tomados.

-Nunca procurei saber se minha filha foi resgatada por Apollyon, pois tive medo de encarar esse mal, caso ele existisse. Mas eu amei Kali, assim como seu pai a ama, e assim como ele amou seu outro filho, Adramalech.

# ESQUECIDOS

Ele prometeu,
Ganhei minhas promessas.
Ninguém as cumpre,
Ele as enterra.
Corações feridos,
Traição e decepção,
Caminhos fechados,
Loucuras.
Juramentos infames,
Perdidos ao vento.
Palavras que se vão.
Excluir o rebento.
Escolhas e decisões,
Entregar a si mesmo.
Morrer por amor
Ou sofrer ao calar-se.
Deixo o sangue descer
Como lágrimas rubras,
Pintando cachoeiras escarlates,
Escorrendo em brancas faces.
Agarrei-me em vãs esperanças
De um amor que não podia esvanecer,
Como morrer enquanto se vive,
Como viver sangrando até morrer.

# Capítulo 20 – Cobrar.

Sozinha na arena de treinamento.

Pensamentos distantes, gerando raiva e ódio.

Encarando o destino.

Enfrentando os fatos.

Adramalech era meu irmão e nosso pai jamais quis saber dele, nunca ousou procurar Apollyon e cobrar a vida que lhe pertencia.

Quem era quem nessa história? O Rei das Trevas salvou os filhos esquecidos, a escória da terra, o pecado dos anjos. E seus pais onde estavam? Esperando tudo acabar para tornarem a pecar...

Quando o ódio inflama, segurar os instintos é quase impossível para os nefilins. E eu não era diferente de nenhum deles.

Lembrando das palavras de Adramalech na última vez que o vi, percebo que ele tentou avisar-me de tudo e que *sabia de tudo* também. Meu irmão sabe quem eu sou, ele conhece-me melhor que eu mesma. Ele me chamava de irmã, ele disse que o pai me esperava. Sim, ele estava certo, nosso pai me esperava.

Eu estava de costas para o portão da arena, com as mãos apoiadas na grade de separação, olhando... sem ver nada. Pensando... Foi quando escuto a voz de Caleb.

-Lienne, hoje teremos um treinamento diferente. Liel estará aprendendo algumas técnicas conosco. Preciso que ajude-me com ele.

Virei-me devagar e encarei meu pai com um sorriso cruel, o sorriso que eu estava preparando para Persis quando eu voltasse, o sorriso de um assassino.

-Estou pronta – respondi.

Vi o rosto de Caleb se preocupar, ele sabia que algo estava errado.

Caminhei para o centro da arena. Eu não tinha reparado em Liel até então. Mas eu gostei do que vi. Aquele nefilin trajava só uma calça larga, como a dos anjos, deixando o peito nu. Perfeito! Liel tinha um físico impressioante, bíceps bem trabalhados, um abdômen de fazer inveja e uma frieza no olhar de quem não tem nada dentro de si. Ótimo, eu já não precisava mais dar importância para ele, pois meu verdadeiro amigo estava morto. Aquele era somente mais um nefilin sem memória.

-Primeira lição de hoje, nefilin: defenda-se – gritei e ataquei Liel, que não esperava pelo golpe e não teve tempo de desviar-se dele.

-O que pensas que está fazendo, Lienne? – gritou Caleb.

-Ensinando – respondi com raiva.

-Essa tarefa é minha!

-Ótimo, papai. Vamos mostrar ao mocinho como é que se luta.

-Eu não sei o que você pretende com isso, mas uma surra é tudo o que vais ganhar.

-Uma surra é melhor que o esquecimento! – gritei.

-Sei que ressente-se por Liel, mas ele teve o bom senso de manter-se afastado de Persis e suas drogas.

-Eu falo do *seu* esquecimento, senhor – falei com a voz mais baixa e colocando o sorriso de volta ao meu rosto.

Percebi que Caleb ficou confuso, o que era bom, de certa forma, provando que ele tinha mesmo alguns segredos não revelados.

-Parece que tudo o que eu esqueci foi de dar-te alguma educação e noção de respeito – ele respondeu depois de algum tempo.

Agora nós nos rodeávamos, analisando, conhecendo, procurando a hora certa de atacar.

Caleb começou a luta, mas eu me esquivei de seu golpe. Tentei revidar, e achei mesmo que conseguiria acertá-lo, porém ele segurou meu pulso antes que chegasse ao seu rosto.

-Lutas com raiva, nefilin. Precisas ter calma para poder entender seu oponente – após essas palavras, meu instrutor girou meu pulso, torcendo meu braço e obrigando-me a girar meu corpo, fazendo com que eu ficasse de costas para ele, enquanto sua outra mão prendia-me pelo pescoço com força, imobilizando-me e sussurrando ao meu ouvido: - Lute sempre com a razão e nunca por instinto, ou morrerás.

Dei uma cotovelada em seu estômago com meu braço livre, surpreendendo-o e fazendo com que ele me libertasse.

-O instinto libera a força. E a força vence.

Eu o irritei. Caleb já não estava mais com brincadeiras ou treinamentos, era uma luta séria, era valendo uma vida!

Com um chute, ele lançou-me nas grades. Meu rosto foi arranhado com o choque, deixando o sangue escorrer a partir da testa e caindo sobre os olhos, atrapalhando um pouco a minha visão. Mas percebi que Caleb se aproximava.

-Tens a coragem de enfrentar-me, agora diga qual é o meu esquecimento... antes de morrer – ele falava enquanto caminhava na minha direção.

Um soco que atingiria meu crânio, encontrou a grade quando eu me abaixei, golpeando suas pernas logo a seguir.

-Um filho no inferno! – gritei. Caleb parou. – Um filho lindo que agora é uma criatura temida por todos pela sua aparência. Um filho inteligente e perfeito aos meus olhos – minhas lágrimas caíam e misturavam-se ao sangue no meu rosto. – Adramalech é perfeito, pai.

Caleb estava sem reação, pasmo com a revelação que eu acabara de lhe fazer.

-Eu... – meu pai hesitou em responder-me – sinto muito. Eu não sabia que ele estava vivo.

-E também não tentou procurá-lo!

-Eu amava meu filho.

-E agora não o ama mais? Por quê? Só por que Apollyon teve pena dele e o transformou numa criatura que não agrada aos seus olhos? – o acusei. Eu cobrava do meu pai o que gostaria de fazer com todos os anjos. Os nefilins só queriam uma família,

eles só desejavam serem normais, eu só queria ser normal.

-Ei, nefilin – Liel chamou-me. Virei o rosto para saber o que ele queria e só enxerguei seu punho no meu olho. – Como se sente?

Eu sorri, apesar da dor. Liel era mais forte que Alfeu, chegava quase a ter a mesma força de seu pai, Arktos. E mais uma vez a fúria invadiu meu corpo, enchendo Liel com uma série de golpes rápidos e sem defesa, o deixando estirado no chão sem entender como chegou ali.

Voltei para o meu pai.

-Adramalech existe e sabe que somos irmãos. Tente ao menos sorrir para o seu filho se um dia o vir por aí.

Minha intenção era dizer essas coisas e sair daquela arena, mas eu recebi o mesmo que dei à Liel, só que com três vezes mais força e habilidade.

Eu ainda estava no chão, tentando manter os sentidos e não desmaiar, quando sinto as mãos grandes de Caleb me levantando. Ele olhou-me nos olhos e disse:

-Quando vai entender que eu amei meus filhos mais que tudo?

Era uma pergunta que não tinha resposta, porque eu jamais entenderia.

Soltei-me dos braços do meu pai e, cambaleante, deixei aquela arena, passando por Arel, sentindo meu coração se derreter por ele, e ignorando-o pela raiva que se instalou em mim.

Esse seria o pior dos meus dias naquela Cidade mas, o que aconteceria em seguida o tornou o melhor, o inesquecível, o dia em que uma nefilin voltou a ter esperanças...

## PORQUE EU TE AMO

Você perguntou por quê?
Não tenho medo de responder:
Porque você mostrou-me o caminho certo,
Porque você ensinou-me a esquecer o desafeto,
Porque você acendeu uma nova chama,
Porque revelou a mim quem é aquela que amas,
Porque o que é simples é mais perfeito,
Porque ao seu lado fico sem jeito,
Porque contigo aprendi a beleza da vida,
Porque mostrou-me, do ódio, a saída,
Porque sempre esteves ao meu lado,
Porque nos amamos, mesmo que seja pecado,
Porque você é tudo para mim,
Porque te amarei até o fim,
Porque aquela que um dia fui está morta,
Porque você é tudo o que importa.
E mesmo que eu venha a sofrer um dano,
Mesmo assim eu confesso:
Ainda estou aqui porque eu te amo.

# Capítulo 21 – Apaixonar.

Eu quis fugir, realmente cogitei essa possibilidade. Eu já conhecia o caminho, era só esperar o sol se pôr e tomar coragem. Fui até o vale e sentei-me próximo ao rio. Eu estava muito machucada, mas eu já não me importava mais com isso, era como se meu corpo acostumasse a sentir dores, tendo elas como um estado normal.

Olhei para a gruta que findava o rio. Se eu saísse, teria que correr para onde estava Apollyon e eu só poderia fazer isso com Persis ou Adramalech. Meu irmão seria uma criatura difícil de encontrar vagando pela terra. Persis jamais me aceitaria de volta como uma nefilin, mas eu poderia tentar, eu conhecia o caminho secreto, isso contaria a meu favor. Mas eu seria morta por Persis logo em seguida, pois como nefilin eu não tinha utilidade alguma para Apollyon. Persis entregaria à ele – ou não – o caminho para a Cidade dos Nefilins e teria sua recompensa. Se eu ficasse vagando pela terra, meu pai e os arcanjos me encontrariam e eu seria morta. Sem contar que os humanos também deveriam estar me caçando. Eu era uma procurada do tribunal eclesiástico e eles jamais se cansariam de procurar o "demônio" que matou parte de seus guardas. Eu só tinha uma única solução segura: permanecer onde eu estava, na Cidade dos Nefilins.

-Vai mesmo continuar ignorando-me? – Arel falou. Ele já estava sentado ao meu lado e eu nem

percebi. Sim, eu continuei ignorando ele. – Sendo assim, falo eu, você escuta. Acabei de conversar com Hazanel e ele contou-me sobre sua visita no salão dos Treze Tronos. Primeiro eu quero te repreender. Cada atitude errada que você toma, reflete em seu pai e em mim. É ridícula essa sua criancice.

"Cretino" – eu pensava.

-E também tenho que dar-te os parabéns. Eu jamais decifraria toda essa porcaria de Kandake. Eu nunca gostei desse anjo e sua falsidade com os nefilins me enoja.

Mesmo conhecendo a verdade, era difícil odiar Kandake. Ele era carismático e amigo de todos os nefilins. Tinha um cuidado especial ao conversar conosco, nos colocando em pé de igualdade quando todos nos tratavam como um entulho que estorva suas vidas.

-Este seu silêncio está matando-me, Lienne. Olha, eu sei que errei, eu sei que deveria ter esperado por você. Doeu em mim cada golpe que levastes naquele dia. Doeu quando não deixaste-me tocá-la. Só que nenhuma dessas dores se compara a dor que esse silêncio provoca em meu peito. Eu daria minha vida para escutar o som da sua voz mais uma vez.

Eu me levantei antes que lágrimas caíssem, revelando minha fraqueza diante daquelas palavras. Meu quarto era o único lugar seguro. Lá eu estaria longe do meu pai, longe do olhar recriminante de Ilke, longe da confiança de Hazanel, longe da amnésia de Liel, longe das falsidades de Kandake e, principalmente, longe do amor que eu sentia por

Arel. Mas era quase impossível livrar-me dele. Arel pegou-me pelo braço, virando-me de frente para ele.

-Não fujas mais de mim, Lienne.

Por que ele dizia isso? Eu precisava saber, eu ansiava por essa resposta. Quebrei meu silêncio e perguntei com a voz embargada, contendo as lágrimas:

-Quando foi que eu fugi de você, Arel?

-Toda a sua vida. Desde que sua sensualidade aflorou, eu te observo. Andava pela terra, esgueirando-me pelos telhados, seguindo seus caminhos, buscando seu cheiro, ansiando por um segundo do seu olhar. Porém nunca notaste-me. Jamais percebeste quando eu te admirava.

-Não precisas mentir só para fazer com que eu me sinta melhor – retruquei.

-Lienne, por que pensas que estou mentindo?

-Você ama uma nefilin – respondi, deixando transbordar os sentimentos junto com as lágrimas que já não eram mais possível de equilibrar.

-E ainda não descobristes quem ela é?

-Não – e eu não menti, porque eu realmente não sabia quem poderia ser essa felizarda.

-Fostes capaz de decifrar um mistério de um traidor e não enchergas a verdade que está na sua frente?

Balancei a cabeça negativamente.

-Vamos ver se isso responde...

E Arel tomou-me em seus braços e beijou-me. Foi um beijo puro e simples, porém muito especial, porque ambos esperavam por esse momento mais do

que qualquer batalha ou vingança. E quando eu imaginei que aquele anjo jamais amaria a nefilin que estava em seus braços, ele disse:

-Eu te amo! É você a nefilin que eu tanto amei, é você quem eu quero, é o seu amor que é proibido para mim, Lienne. E eu sei que você não sente o mesmo por mim.

-Você não sabe o que sinto por você, Arel. Mas eu faço questão de contar: eu te amo. Mais que a minha vida, mais que a minha sanidade, mais que meu orgulho, mais que meu desejo, mais que tudo!

Ele era muito mais que tudo para mim. Ele me amava. Eu o amava e isso já era o suficiente!

-Eu te amo, Arel. E me afasto, porque sei que não podemos ficar juntos, sei que é proibido.

-É proibido aqui. Mas viva, Lienne, mantenha-se viva, por mim, pelo nosso amor. Porque assim que você sair dessa cidade, eu te seguirei até o fim do mundo – Arel implorava, segurando meu rosto entre suas mãos.

Eu não podia acreditar que a vida pudesse dar-me outra chance, era como renascer e ser feliz.

-Me prove – pedi. – Dê-me um motivo para acreditar que estaremos juntos. Faça isso e eu jamais desistirei.

-Dou-te a minha palavra, Lienne. Não importa o que faças, eu sempre te amarei, porque é assim que é desde que te vi pela primeira vez.

As mãos de Arel tatearam meu pescoço até encontrar meu amuleto, arrancando-o com raiva e jogando-o no rio.

-Não pertences mais a ninguém. És livre. Entretanto, o que te dou agora – ele colocava um anel de aro fino e uma pequena pedra avermelhada. – É um símbolo de que eu pertenço à você. Essa pedra é a granada, a pedra do amor, da paixão, da sensualidade. É tudo o que você representa para mim. Sou o arcanjo do fogo, esse é meu amuleto. Eu entrego-me a ti.

Sem saber o que fazer para retribuir tal gesto, lembrei-me do diário da minha mãe, a única coisa que herdei dela. Ali tinha colada uma pena, ao lado estava escrito: "meu maior tesouro, porque as coisas simples contam histórias mais preciosas que o ouro. Meu maior tesouro está na minha frente, e ele está dentro de mim, e esta pena simboliza a vida perfeita que gerei de um amor perfeito. Meu maior tesouro..."

Eu vestia uma camiseta preta. Arranquei a barra da camiseta com cuidado, tendo uma tira fina nas mãos. Passei essa tira em volta do pulso de Arel e repeti, a minha maneira, as palavras do diário da minha mãe:

-Arel, são nas coisas simples da vida que encontramos os tesouros do mundo. Minha jóia preciosa está na minha frente, e no meu coração. É só um retalho velho de uma camiseta rasgada da nefilin que te ama, mas é também a prova de estou presa a você e de que é impossível deixar de te amar. Já é um fato raro eu amar alguém – sorri.

Arel riu baixinho.

-Um fato raro mesmo!

-Não estraga o momento, tá? – brinquei.

-Jamais estragarei essa perfeição.

Dessa vez, eu que beijei o arcanjo. E ele não recusou meu carinho. E sua boca era perfeita, o sabor desse beijo seria inesquecível. Sua pele, seu cheiro, seu corpo. Arel era meu, e um dia iríamos experimentar as sensações que o amor nos oferecia. Bastava eu me manter viva, e sair dali.

## TRAIÇÃO?

Não foi um beijo,
Foi salvação.
Não foi um abraço,
Foi consideração.
Não foi desejo,
Foi altruísmo.
Não foi carinho,
Foi destino.
Não foi traição,
Foi desafio.
Não foi por maldade,
Foi por um amigo.
Não foi por querer enganar-te,
Foi um engano.
Não foi por não amar-te,
Porque eu realmente te amo.

# Capítulo 22 – Salvar.

Sendo meu guardião, era fácil para Arel ter um motivo para estar sempre ao meu lado. E eu estava sempre machucada pelos treinamentos intensos, motivo mais que suficiente para ficar ao lado de quem eu amava. Ninguém desconfiava de nada, a não ser Hazanel. Mas ele sorria quando eu tentava disfarçar, então acreditei que Hazanel nunca nos causaria problemas.

Para incrementar toda a cena, eu passava muito tempo com meu grupo de amigos, que agora tinha Liel no meio. Mesmo sem lembrar-se de nada, amizade quando é forte, é eterna. E ele sentia por mim, novamente, a mesma simpatia que tinha antes.

Naquela noite, Halina e Mikael aproveitavam o namoro sem pudor. Beijavam-se na nossa frente como se estivessem a sós. Saron e Séfora trocaram beijos discretos, intercalando olhares sedutores com Alfeu. Mas a maior paquera acontecia entre Liel e Séfora. Eu parecia a vela no castiçal daqueles casais, como a única nefilin incapaz de conseguir um namorado. Porém, essa não era a minha preocupação, afinal, meu arcanjo sempre me aguardava. Minha atenção estava totalmente voltada para Liel e Séfora. Eles não sabiam que eram irmãos e estavam prestes a desobedecerem uma das leis que nos era imposta pelos arcanjos. Temi pela vida dos dois, porém eu não podia fazer nada para desviar a atenção de Séfora. Por mais que eu puxasse algum

assunto, mesmo que referente ao que ela mais gostava de conversar, suas lembranças, ela continuava concentrada em lançar seu olhar sedutor com o rosto infantil, fazendo Liel derreter-se todo por ela. Felizmente a noite acabou sem danos. Mas o dia seguinte não foi assim.

Eu caminhava para o rio, com o objetivo de almoçar com os meus amigos, o que já era um costume para mim. Foi quando eu vi os dois juntos. Séfora e Liel entregavam-se aos beijos quentes e apaixonados. Mesmo sendo o horário do almoço, algum instrutor ou guardião poderia passar por ali e vê-los juntos. Me desesperei. Essa lei era a mais estúpida de todas, eles não mereciam ser julgados por um erro que nem sabiam estarem cometendo. Mas eu não podia mudar as leis da Cidade dos Nefilins, ninguém podia. Porém, eu podia salvá-los.

Uma louca idéia passou pela minha mente. A pior idéia que eu já tive na vida. Pior do que descer ao inferno, pior que tudo.

Olhei em volta. O caminho estava limpo. Fui até o casal, interrompendo o momento íntimo que tinham.

-Séfora, deixe-nos, por favor. Tenho uma mensagem para Liel – menti, mais uma vez.

Séfora não acreditou, mas não se opôs. Logo eu ficava sozinha com Liel. Esse nefilin sorria como um bobo, resultado da louca paixão que sentia.

-Pode falar, Lienne – ele falou, feliz como quem encontra o fim do arco-íris.

-Ficou louco? – quase gritei, assustando Liel. – O que você tem na cabeça?

-Eu não entendo essa sua irritação.

-Claro que não entende. Chegaste aqui sem memória alguma, mas eu posso te afirmar que nos conhecíamos muito bem na outra vida.

-Eu não duvido, somos bons amigos aqui.

-Liel, você sempre me alertou quando eu estava prestes a fazer uma besteira. Porém eu era gananciosa e louca demais para dar ouvidos aos seus conselhos. E eu paguei caro por essa teimosia.

-Sinto muito – ele falou sem graça.

-Não sinta. Eu aprendi a minha lição. É por isso que estou aqui, para que não faça o mesmo. Você não pode ficar com Séfora, Liel. Escute-me só dessa vez, por favor – implorei.

Mesmo com todo o meu esforço, ele parecia não acreditar nas minhas palavras.

-Dê-me um motivo plausível para que eu desista de ficar com a pessoa que eu amo.

-Ela gosta de Saron – foi o melhor motivo que encontrei sem que precisasse revelar o segredo maior.

-Nunca imaginei que você fosse criticá-las.

-Eu não critico, as duas podem fazer o que quiserem, contanto que tomem cuidado e não se exponham para que não venham a ser julgadas e perderem suas vidas.

-Isso não me convenceu – ele falou como se nada importasse. E para Liel nada importava mesmo, porque ele não sabia, porque ele não lembrava.

Eu queria contar a verdade, mas eu entendia agora as palavras de Arel. Omitir era melhor, assim ninguém seria envolvido. Se eu contasse que eles eram irmãos e o conselho ficasse sabendo desse fato, eles me indagariam sobre o motivo que me levara a revelar tal verdade. Sem poder mentir para os arcanjos, eu acabaria denunciando os dois e tudo estaria perdido.

Mais uma vez eu me vi obrigada a sacrificar meu bem estar e minha paz em favor dos meus amigos. Esse era o preço que eu pagava por todas as maldades que eu havia feito no mundo humano. Só que, dessa vez, eu passei dos limites quando o assunto era sacrifício. Eu não tinha desejo algum por Liel, nunca tive. Eu amava Arel, tinha certeza disso, porque só ele fazia meu coração disparar. E eu acabei com a minha felicidade naquele momento.

-Você não pode ficar com Séfora porque eu te amo.

Omitir sim, mentir não. Eu esqueci da segunda parte...

Voei no pescoço de Liel e o beijei. Ele correspondeu intensamente. Assim que paramos para retomar o fôlego, ele sorriu dizendo:

-Acho que vou gostar se você me der mais alguns motivos.

Suas mãos envolviam minha cintura, mantendo meu corpo colado ao dele. A cena era a de um casal apaixonado, tudo muito bonito e perfeito. E um coração estava prestes a ser despedaçado.

-Vá almoçar, nefilin. Deixe-me com Lienne.

Meu coração acelerou, meu corpo gelou, meus músculos tremiam. Foi Arel quem falara essa frase. Liel despediu-se com um beijo perto do meu ouvido e sussurrou:

-Te vejo mais tarde.

Eu enfrentava o olhar inquisidor de Arel enquanto Liel afastava-se dali.

-Eu pensei que você jamais mentira quando disse que me amava – ele falou decepcionado.

-Eu te amo, Arel. O que você viu aqui foi um mal entendido que... – tentei explicar-lhe, mas Arel interrompeu-me gritando:

-Que mal entendido pode haver em duas pessoas se beijando? E pior, você gostou.

-Não, Arel. Por favor, escute-me.

-Estou tentando, Lienne. Mas tudo o que vejo em você são mentiras.

Pela primeira vez eu não me orgulhava desse adjetivo. Eu chorava, mas nunca deixaria de lutar por ele.

-Arel, eu precisava salvar meu amigo.

-Do que?

-Você precisa confiar em mim.

-Então conte-me o motivo de estar aqui agarrada e aos beijos com aquele nefilin.

Arel podia ser meu namorado secreto, mas ainda era um arcanjo. Eu não me atrevi a contar sobre Séfora e Liel. Temi que meu guardião levasse o assunto ao conselho, e meu sacrifício seria em vão.

-Por favor, - pedi – olhe nos meus olhos e veja, se encontrar mentiras nele, então eu afasto-me de ti.

Mas se encontrar uma ponta de verdade, apenas confie.

-Não posso confiar sem um motivo. Essa discussão é feita de fatos, e eles te incriminam.

-Os motivos, Arel, são a eles que prendo-me para não revelá-los. Eu não posso destruir Liel.

-Porque você o ama – ele afirmou com tanta certeza, que essas palavras atingiam-me como os golpes fortes de Caleb.

-Eu o amo, sim, mas como amigo. Eu só tenho você em meu coração, meu anjo. Foi você quem mostrou-me o caminho do amor, as verdades dos meus erros. Foi você quem ensinou-me a mudar. Mas eu te imploro, confie em mim, porque eu não posso revelar-te o por quê da cena que presenciaste a pouco.

Arel soltou a tira de trapo que eu amarrara em seu pulso no dia que nos declaramos e a jogou no chão.

-Estás liberta, Lienne. Siga seu caminho de mentiras e prosmicuidades. E eu seguirei o meu.

Tentei detê-lo.

-Arel, não me deixe – pedi chorando.

Ele não parou e não me escutou. Simplesmente seguiu sem olhar para trás. Machucando meus sentimentos.

Peguei aquela tira de trapo e encaixei o anel que ele me dera. Depois a envolvi em meu pescoço, prendendo-a ali, expondo a prova de que eu pertenceria somente à ele, mesmo que Arel não me amasse mais.

## UMA VIDA FERIDA

Ela esqueceu o amor,
Ela esqueceu a dor,
Nem isso foi suficiente.
E sua alma foi ferida,
Ela forçou lembranças,
Ela vasculhou as mentes,
Nada disso salvou minha amiga.
Crueldade!
É castigo permitir que anjos possam amar.
Sentimento vil,
Sentimento que fere,
Quebra, machuca,
Queima, perturba.
E ela foi ferida
Pelas mãos de quem mais amou.

# Capítulo 23 – Perder.

Passei o resto do dia totalmente desconcentrada. O treinamento com Caleb foi horrível. Todos os golpes me acertaram. Quando eu caí pela décima quinta vez, ele veio até mim.

-O que houve? Estás regredindo.

-Não houve nada – falei sem demonstrar emoção alguma.

-Você não cai tanto assim numa luta. Com os outros isso até pode acontecer, mas com a melhor nefilin dessa cidade...

-Um momento – o interrompi. – O senhor disse que sou a melhor daqui?

-Ainda não percebestes isso?

-Não, pai, eu não percebi isso. Não sabia que todo esse treinamento era uma competição entre os anjos e arcanjos para saber quem tem a melhor prole.

Levantei—me e, como sempre, eu esperava um golpe por minhas palavras duras. Porém o olhar do meu pai para o novo adorno no meu pescoço era intrigado.

-Onde conseguiu isso? – ele perguntou.

-Eu ganhei. Não roubei, não chantageei, não vendi minha alma por isso. Eu ganhei!

-Essa pedra pertence à Arel.

-Sim, ele é meu guardião e presenteou-me com isso – tecnicamente não era uma mentira.

-Nós, arcanjos, às vezes fingimos que acreditamos em certas coisas – meu pai jogou essa

indireta. – Vamos, você verá o primeiro teste final dessa cidade.

Estremeci. Não fazia idéia de que teria um nefilin a ponto de morrer ou ganhar suas asas e sair do nosso convívio.

-Quem estará sendo avaliado? – perguntei.

-Um de seus amigos.

-Quem? – insisti.

-Saron, filha de Ayel.

O pai de Saron era o instrutor de Mikael. Um anjo que vivia com o cenho fechado, provocando temor só com o olhar.

-Pai, ela sabe disso? – perguntei desesperada.

-Sabe.

Estranhei o fato de Saron não ter comentado nada conosco, porém, lembrando melhor de seu rosto na noite anterior, percebi que ela estava apreensiva e muito mais agarrada a Séfora do que o normal. Era como se ela temesse algo. E Saron temia. Todos nós temíamos esse dia, era o momento em que nos consagraríamos ou morreríamos. Alguém sempre morria, o nefilin ou seu adversário. E eu não estava preparada para assistir uma das minhas amigas morrendo em uma luta injusta.

-Eu preciso mesmo assistir a esse massacre?

-Não confia na capacidade de sua amiga? – meu pai rebateu com outra pergunta.

-Confio – menti. – Tenho pena é do anjo que morrerá pelas mãos dela.

-Então Séfora chorará a morte de seu pai, pois Arktos será o adversário de Saron.

E eu já começava a dar adeus a minha amiga. Arktos era como um urso lutando.

Fui com meu pai até a maior arena onde eram realizados os últimos testes com os nefilins. Dali eu me dispersei da presença de Caleb e encontrei meus amigos reunidos e apreensivos. Arel estava do outro lado, mas sua visão conseguia me alcançar. Porém, não foi o que ele fez, Arel evitou-me o tempo todo.

Fui até Saron. Ela estava cercada por Séfora e Alfeu.

-Oi – falei baixinho e esboçando um sorriso. Eu queria passar confiança para Saron. Todos queriam.

-Oi, Lienne – ela respondeu.

-Eu quero te desejar boa sorte, mas a Séfora vai nos matar depois que você destruir o pai dela, então – dei de ombros. Todos riram.

-Você está muito engraçadinha hoje, Lienne – Séfora revidou.

Sorri e me coloquei ao lado de Alfeu, que afastou-se uns cinco passos.

-Achas mesmo que ela conseguirá? – ele perguntou.

-Não.

-Então somos dois.

-Só fique de olho em Séfora. Ela não tem muito auto-controle. Quando Arktos começar, ela vai querer entrar na arena e perderemos as duas. Ajude-me a controlá-la.

-Tudo bem, vou ficar ao lado dela o tempo todo.

Fui até Mikael, Halina e Liel e falei o mesmo. Eles concordaram de segurar Séfora. Mas eu esquecera que eu era tão impulsiva quanto ela.

Tudo começou com Ayel apresentando-se como o pai de Saron, cena que arrancou as lágrimas da nefilin. Os dois se abraçaram carinhosamente, porém a despedida estava nos olhos de Ayel, que eram sempre tão fortes e imponentes.

Arktos caminhou como um deus até o centro da arena. Suas asas brancas faziam um lindo contraste com seu corpo perfeito e bronzeado. A expressão de Arktos mudara, ele que sempre fora tão brincalhão e atencioso com todos nós, assumia agora uma personalidade sombria e pesada.

Hazanel falou algumas palavras das quais eu não prestei atenção. Depois disso a luta começou. Saron estava nervosa e apreensiva, errava a cada momento. Arktos acertava sem parar. Saron caía e, um segundo após levantar-se, já era atacada novamente. Eu torcia para que tudo mudasse, mas a luta prosseguiu dessa maneira, até que, ao ver o rosto de Saron praticamente deformado e ensanguentado, Séfora se descontrolou. A fúria me invadiu ao assistir tamanha injustiça.

Saron caiu e não parecia que tornaria a se levantar. Arktos caminhava em direção a ela, pronto para o golpe final.

-NÃO! – eu gritei.

Arktos hesitou por um momento. Pude ver os olhos de Saron abrir-se e se despedir. Mikael e Alfeu tentavam segurar Séfora, que estava prestes a invadir

a arena. Eu não sabia o que fazer e nem como agir. não pensei que sentiria tanto por Saron. Lembrei-me de seu rostinho em todas as vezes que ela me visitara. Lembrei-me de nossas refeições juntas, nossas brincadeiras e de todos os segredos que confidenciamos juntas. Eu chorava... quando Arktos a matou.

Séfora berrava palavras de desespero e algumas afrontas contra seu pai. Os meninos quase não conseguiram contê-la. Procurei o olhar de Caleb e o encontrei como uma estátua, sem emoções em seu rosto. Arel estava como Caleb. Todos os anjos assistiram aquilo como se fosse apenas a morte de um inseto. Nem Ayel sentia a morte da filha.

Foi como se o mundo parasse ao meu redor. As vozes e gritarias ficaram ao longe e tudo rodou em câmera lenta. O rosto de Saron estava todo pintado de sangue, seu olhar aberto ainda parecia vivo. E Arktos sorria enquanto era cumprimentado pelos membros do conselho.

-Desgraçado – gritei descontrolada, já pulando a mureta que separava a platéia dos combatentes.

Ao ver minha atitude, Séfora conseguiu soltar-se dos meninos e juntou-se a mim. Ela chorava e tentou enfrentar o pai, mas decidiu ficar ao lado do corpo de Saron, segurando num abraço apertado.

Mikael e os outros também pularam a mureta e acompanharam Séfora. Mas eu não me contive.

-Foi só mais uma na sua longa lista, anjo. Nenhum de vocês importa-se mesmo com os filhos, entretanto, seus egos estão inflados. “Somos os

melhores. Derrotamos mais um". Pois enfrente-me, anjo. Aqui estou – gritei com fúria.

-Cale-se, Lienne – meu pai gritou.

-Não – retruquei. – Essa não é a hora de calar. Vocês querem nefilins mortos? Pois que eu seja a próxima.

-Não lutarei com você, Lienne – falou Arktos.

-Não, você lutará só com os que não podem te vencer.

-Já ordenei que pare – Caleb gritava.

-Pois eu só vou parar quando o meu adversário apresentar-se para a luta.

-Chega, Lienne – Mikael pedia junto com os outros.

-Não! – protestei. – Eu lutarei hoje. Agora!

-Não estás preparada – disse Caleb.

-Saron também não estava. E a prova disso é o seu corpo ali, sem vida.

-Saron completou seu treinamento.

-E Arktos a matou como se mata um inseto! – berrei mais alto que meu pai.

-Você não pode lutar hoje, Lienne.

-Por que não? Eu não tenho nada a perder.

-Não tem? – Arel perguntou. No calor da discussão com Caleb, eu não percebi a presença dele entre nós.

-Responda você mesmo essa pergunta, senhor guardião.

Arel tentou disfarçar para todos, porém ele não foi capaz de enganar meu coração. Ele se

preocupava, ele ainda me amava, só não queria admitir.

-Estás certa. Você não tem nada a perder – ele falou, partindo meu coração pela segunda vez no mesmo dia.

-Saia daqui, Lienne. Tente acalmar seus ímpetos – ordenou-me Caleb.

-Eu vou lutar! – protestei.

-Sim, você lutará – Hazanel falou.

## ANJO

Lutar com a razão,
Viver por ele,
Voltar para o inimigo.
Meu sangue gela,
Meus músculos tremem.
Me desespero,
Mas não me rendo.
Toda a vida volta
Como lembranças fortes.
Ferida, recupero-me.
Não é o momento da minha morte.
Eu luto com a razão,
Eu vivo por quem amo,
E volto para o inimigo.
Dois golpes,
Dois cortes,
Eu grito.
O tremor fere o entendimento.
Dói.
Rasga.
Fere.
Mata.
Revive.
E tudo para.
O mundo não gira mais,
Os músculos aquietam-se,
Duas sombras envolvendo-me,
Alada.
Um anjo.
Eu venci!

# Capítulo 24 – Lutar.

-Minha filha está muito chocada com o que acabou de presenciar, irmão Hazanel. Ela perdeu o controle e não sabe o que diz – falou Caleb.

-Entendo sua preocupação, Caleb. No entanto, eu acredito que Lienne está pronta para lutar – Hazanel respondeu.

-Meu irmão, ensinamos nossos filhos a não lutarem com raiva, mas mantendo o foco e a atenção. Ela não encontra-se em condições de enfrentar uma batalha desse nível.

-Eu acredito na sua técnica de ensino, Caleb, assim como acredito na sua filha. Entretanto, deixarei que Lienne decida se está ou não preparada para enfrentar seu oponente – Hazanel falou com sua voz calma e firme.

Eu queria acabar logo com tudo. Morrer ou partir. O que eu não aguentaria era ficar para enterrar Saron e ver Arel me desprezando.

-Senhor, estou pronta e desejo que meu teste seja agora mesmo – respondi ao arcanjo.

-Chamem Iehuiah – ordenou Hazanel.

O estrago estava feito e não adiantava mais mudar de idéia. Eu precisava seguir em frente, morrer ou partir.

-Lienne, você não tem idéia do que está fazendo, não conheces Iehuiah – exclamou Halina.

-Já não nos basta a dor de perder Saron, teremos que perder você também? – gritou Alfeu.

-Por favor, Lienne, escute-nos – pedia Mikael.

-Eu já tomei a minha decisão e não vou fugir dessa luta.

-Irás morrer! – bradou meu pai.

-Um trabalho a menos para o senhor, instrutor.

-Pense melhor, Lienne. Converse com Hazanel, ele entenderá – Halina pedia em sincera preocupação.

Ignorei meus amigos e fui concentrar-me na luta. Ponderei cada golpe que eu poderia levar, relembrei de cada ensinamento do meu pai. Todas as lembranças de todos os percalços que tive na minha vida, reacenderam, trazendo a força e a vontade. Todos os problemas que enfrentei, todas as traições, todas as mentiras. E, de repente, eu queria mesmo voltar. Daniel. Valéria. Mariana. Persis. Apollyon. Os melhores motivos para vencer essa luta e sair da Cidade dos Nefilins e dar forma a minha vingança.

Olhei para o corpo de Saron estendido no solo duro e poeirento daquela arena. Um incentivo a mais para vencer ou juntar-me a ela.

-Lienne.

Virei-me automaticamente ao escutar meu nome. E ali estava o único motivo para nunca mais sair dessa Cidade. O único motivo que poderia fazer-me desistir de tudo. Arel.

-Você disse que me amaria para sempre, fosse o que eu fosse, fizesse o que eu fizesse – falei olhando diretamente em seus olhos. – E eu acredito nisso, porque eu nunca duvidei. Você é a razão de

cada passo que darei desse dia em diante. Porém, se eu morrer aqui nessa arena, levarei comigo a certeza de que eu fui feliz por um breve momento, mas que valeu por uma eternidade.

-Lienne, eu nunca disse que deixei de amar-te, mas eu não entendo a cena que eu vi.

-Então prometa-me que cuidará de Séfora e de Liel. Prometa-me que, aconteça o que acontecer, sempre irá livrá-los da morte.

-Não posso prometer isso, Lienne.

-Entendo. Bem, acho que só posso dizer-te uma palavra agora...

-Não. Ainda não. Apenas viva. Essa foi a sua promessa. Cumpra-a para mim.

-Só mais uma das minhas mentiras, Arel. Odeie-me, assim é melhor. É o que todos fazem.

Não esperei a resposta de Arel. Vi que Iehuiah já estava no centro da arena. Fui descobrir o que o destino me reservara. Caminhei de encontro ao inimigo, passando pelo meu pai e dizendo:

-Adeus, senhor. Obrigada por tudo.

Caleb segurou-me pelo pulso, fazendo-me parar. Eu vi meu pai chorar pela primeira vez.

-Lute com a razão.

Assenti e despedi-me do meu pai com um sorriso.

Frente a frente com o inimigo. Ele com, pelo menos, quarenta centímetros a mais que eu. Esfreguei meu punho, um sinal do meu desespero contido.

"Lutar com a razão"

"Viver para Arel".

"Voltar para Persis".

Todos os pensamentos invadiam a minha mente.

-Comecem! – ordenou Hazanel.

Eu e Iehuiah nos avaliamos, um procurando o ponto fraco do outro, processando onde daríamos o primeiro golpe. E ele encontrou seu primeiro alvo... e eu encontrei o meu.

O ponto fraco de Iehuiah era a confiança. Eu precisava surpreendê-lo. Enquanto eu tentava descobrir como eu faria isso, fui livrando-me de seus golpes, usando meus reflexos e os ensinamentos do meu pai. Em certo momento, processar tudo na mente foi mais do que eu podia aguentar, e um só golpe de Iehuiah me derrubou.

Sempre dizem que todas as suas lembranças passam como um filme em sua mente antes da morte...

Me vi caminhando sozinha por um longo deserto, logo após ser destruída, despedaçada, humilhada. Eu caía, mas nunca desistia.

Meu objetivo? Viver, melhorar, aprender, crescer, vencer. E, mesmo morrendo, eu cheguei ao meu destino. Renasci com a verdade de sonhos destruídos e com a missão de encontrar o caminho do meu refúgio. E quando a ordem era esquecer, eu lembrei. Enquanto meu nome era apagado dentre os que me odiavam, meu destino mudou e minha escuridão ganhou a luz, fazendo-me encontrar as

verdades escondidas por detrás de máscaras de falsidades e hipocrisia. E por esses mesmos olhos vi faiscar o fogo da purificação. Sofri as dores da punição e os assombros de novos sentimentos. E mantive-me de pé. Por isso eu fui merecedora de receber o mesmo fogo que purificou, abrasando agora com poder.

O fogo, o anjo do fogo. Arel.

Sim, essas lembranças voltam antes de morremos. Mas elas voltam quando vivemos também.

Fechei meus punhos e executei meus medos. Ou eu matava ou eu morria.

Agachada, dando a impressão de que estava prestes a perecer, um punhado da grossa terra escondidos entre dedos cerrados com força. Esperar... o braço do adversário se aproxima. Eu espero, ainda não é o momento certo. O golpe estará em minha cabeça em milésimos de segundo, mas eu espero.

A razão. Lutar com a razão e não com a fúria. Viver por Arel. Voltar para destruir Persis.

Essa é a hora certa. Um bloqueio com o braço direito, cruzando o esquerdo e acertando sua virilha. Levantando-me rapidamente e girando em cento e oitenta graus. Acertando com o cotovelo esquerdo seu abdômen. Levantando o mesmo punho ao encontro do seu nariz. Virando-me e abrindo a mão, deixando a areia cegar seus olhos enquanto o pé direito acerta suas genitálias. E o adversário se

prostra. Um salto e eu estou atrás dele, com sua cabeça em minhas mãos. Um giro simples e forte, quebrando o pescoço do meu ex-assassino. E um corpo jaz sem vida naquele solo, fazendo companhia a filha de Ayel.

Meus músculos tremem, todo o meu corpo treme. É incontrolável. A dor da morte? Não, a dor da morte é mais suave, eu morri duas vezes. Sinto as costas rasgarem, como os golpes do chicote que me açoitou pelas mãos de Caleb. Dois golpes. Dois cortes. A dor é forte demais. Arfando e lutando mais com esse novo adversário do que com o anjo que jazia aos meus pés.

Um grito apavorado ressoa por toda a arena. O grito sai dos meus lábios. O tremor, ele não permite que eu entenda o que acontece.

Dói.

Rasga.

Fere.

Mata.

Revive.

Tudo para de repente. O mundo já não gira mais. Os músculos se aquietam. A dor cessa. E duas sombras envolvem-me.

Alada.

Um anjo.

Eu venci.

## EXODUS

Tenho minhas asas,
Não posso mais ficar,
É preciso partir.
De volta à escuridão
Com um único objetivo,
De volta à vingança
Para o mundo que não tem sentido.
Eu vou,
Não posso voltar,
Essa é a ordem.
Então eu vou,
Deixando aqui um grande amor...

# Capítulo 25 – Partir.

Novos olhos, novos sentidos. E a noite agora é tão clara quanto o dia. Enxergo até mesmo os poros de quem está a mais de vinte metros de distância. Escuto o mais simples sussurro. Sinto cada grão microscópio de poeira encostar em minha pele. O odor das flores que estão a quilômetros dali, em outro mundo, invadem minhas narinas. E vejo-me controlando dois novos membros.

Desejo sumir, e minha pele fica translúcida.

Já não quero mais sumir. Então eu volto ao normal.

Como um animal assustado, olho em volta. Onde estou? Cheiro de sangue. Na arena, no fim da minha batalha.

Lienne. Chamo-me Lienne.

Meu coração ainda bate. Por que? Porque eu amo.

Arel... onde ele está?

Meu pai... eu preciso de Caleb.

Tem algo envolvendo meu pescoço. Passo minha mão para sentir o que incomoda-me tanto. Uma pedra. O peso do amor.

-Vencestes, porque acreditastes – falou um anjo de pele negra. Hazanel. – Jamais duvidei de sua força – ele sorria, e era perfeito.

-Arel? – perguntei.

-Sua estadia nessa Cidade chegou ao fim, anjo – continuou Hazanel.

-Mas eu não quero ir.

-Conquitastes suas asas, não podes mais ficar. Essa é a Cidade dos Nefilins, uma criatura que já não és mais.

-Vá, anjo. Siga seu caminho – falou meu pai.

-Não quero ir.

-Por que, minha filha?

-Eu amo Arel.

-O amor tem suas armadilhas, minha filha. Eu orgulho-me de você.

-Até um dia, pai.

-Até um dia, Lienne.

Fui até meu grupo de amigos. Apenas sorri.

-Sentiremos saudades – disse Mikael.

Assenti. Era hora de partir. As lágrimas de Séfora quebravam meu coração. Ela estendeu-me a mão com seu ursinho encardido.

-Pega, ele é seu. Teddy sempre ajudou-me a enfrentar o medo – ela disse.

-Mas eu não posso aceitar esse presente – retruquei.

-Você vai devolvê-lo quando eu sair daqui. A gente vai se encontrar, prometo.

-Adeus, Séfora.

Peguei Teddy, abracei minha nova amiga e fui embora.

Saindo da Cidade que eu já considerava meu novo lar, ouço meu coração chamando-me:

-Lienne.

Era o meu arcanjo, o meu motivo de viver, Arel. Eu sorri.

-Eu te amo – respondo.

-Eu sempre te amei.

-Vem comigo.

-Não posso, anjo.

Abaixo a cabeça, tentando esconder as lágrimas que embaçam meus olhos e molham minha face.

-Agora é o momento? – perguntei.

-Infelizmente...

-Adeus, Arel.

Continuei meu caminho.

-Lienne? – ele chamou-me. – Quando não tiver mais esperança alguma na vida, lembre-se de mim.

-Como poderei esquerce-te? Seria o mesmo que arrancar meu coração.

Caminhando pelo mesmo deserto, com o coração e o corpo diferentes.

O corpo com asas e o coração com sonhos.

O corpo com cicatrizes e o coração carregado de saudades.

O corpo com força e o coração com vingança.

E eu amo Arel.

A partida sempre é dolorosa e o adeus nos mata por dentro.

Eu chorei.

Para o meu pai, que sempre esteve ao meu lado em cada linha escrita.

Para minha mãe.

Para Samantha e Brianna.

Para Max, porque ele é meu anjo.

Para Ana Priscila e Fernanda Marinho.

OBRIGADA!

Catherine Parthenie.

Αρχανφοσ δα μινηα ϖιδα:
Αμο ϖοχ σ.

Χατηερινε Παρτηενιε.